

Organizadora
Patricia Ap. Bioto

Liberdade caça jeito:

trajetórias de professoras,
gestoras e mestras em educação

**Liberdade caça jeito:
trajetórias de professoras, gestoras e
mestras em educação**

**Patrícia Ap. Bioto
(Organizadora)**

**Liberdade caça jeito:
trajetórias de professoras, gestoras e
mestras em educação**

Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Patrícia Ap. Bioto [Org.]

Liberdade caça jeito: trajetórias de professoras, gestoras e mestras em educação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 156p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0840-4 [Impresso]

978-65-265-0912-8 [Digital]

1. Percurso na educação. 2. Narrativas. 3. Histórias docentes. 4. Educação brasileira. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Carlos Alberto Turati

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

PREFÁCIO

FORÇA MOTRIZ

Patrícia Ap. Bioto

Na série da Netflix, *Bridgerton*, Lady Whistledown é a autora quase secreta do jornal que circula entre as personagens dando um toque de suspense, de provocação e de picardia ao dia a dia de uma cidade inglesa de início do século XIX. Quase secreta porque ao longo das temporadas sua identidade é revelada. No início de seus textos, Lady Whistledown usa de artifícios retóricos para convidar o leitor a partilhar o que se dará nos escritos com ela. Ela promove uma imersão nas tramas que descreve, nas provocações que lança e nas dúvidas que deixa no ar. O leitor se torna quase um segundo autor de cada texto e um participante das tramas que ela narra. Na verdade, são mesmo. Pois ela fala das vidas das pessoas que estão lendo. Obviamente não tenho o dom de Lady Whistledown, mas gostaria de pensar que o que vou escrever a seguir é um convite aos leitores deste livro para se sentirem compartilhando as histórias, os pensamentos, os desafios, as conquistas e os dilemas das autoras dos capítulos que o compõem.

Quem irá ler este livro? Ouso afirmar que serão professoras, coordenadoras pedagógicas, gestoras escolares e pesquisadoras. Está no feminino, pois em nosso meio a maioria é de mulheres. Se o discurso linguístico corrente sempre usou o masculino como regra, passo a usar, aqui, o feminino como o designador do gênero daquelas de quem falo e para quem falo. Mas os homens estão incluídos aqui também, por favor. Essas professoras, coordenadoras pedagógicas, gestoras escolares e pesquisadoras poderão estar em busca de algum tipo de inspiração, ou de fonte para suas pesquisas, de referenciais teóricos, de perspectivas de análise, de sororidade, de inspiração para seus percursos de vida.

Quando menciono vida estou incluindo todas as dimensões da vida: pessoal, profissional, emocional, científica, que são as que aparecem neste livro. Há outra tantas também.

Quando fiz o convite a elas para trazerem como capítulos o que desenvolveram em suas dissertações como apresentações, tinha projetado que trariam as apresentações originais, contando do percurso que fizeram até o mestrado, num tom mais pessoal. Todas as autoras aqui foram minhas orientandas de mestrado. Tive a sorte de estar com elas. Mas ao ler os textos percebi que elas mesclaram a proposta de trazer a apresentação da dissertação com esse percurso a um segundo convite que fiz, para uma outra escrita, que era refletir sobre os impactos do mestrado em sua constituição profissional e pessoal. Por mais que algumas delas não tenham feito essa alusão direta eu, como ex-orientadora, percebi o quanto o ter estado no mestrado impactou positivamente em cada uma. As escritas se qualificaram, os olhares sobre o mundo, sobre a educação, sobre o mundo e sobre o lugar que cada uma ocupa no mundo está diferente. Eu vejo o que via antes em cada uma delas, mas vejo ainda mais; elas avançaram. Espero que todas saibam disso. Devem saber, são espertas e inteligentes!

Há muitos outros pontos em comum nos textos que estão neste livro e que espero que possam ser lidos na sua inteireza. As autoras falam de mudanças, de potências, de desejos, da escola como um lugar seguro, como um lugar sonhado, construído no dia a dia, internamente e no fazer, falam das apostas que fizeram nelas, nos alunos, nos outros professores, nas comunidades, nos projetos dos quais participaram. Elas têm claro o lugar da formação continuada. Sabem, sentem, percebem, constatarem que a leitura, as perguntas, a investigação, o pensar reflexivo são fundamentais para que entendam o que estão fazendo, com quem estão fazendo, para que estão fazendo e por quê. Leem os contextos, as escolas, as comunidades, os alunos, os parceiros e elas mesmas nas relações que estabelecem.

Apostam firmemente na educação, nos professores e nos alunos. Hannoun (1996) nos fala dos pressupostos fundamentais da educação. A base de Hannoun é, entre outros, Rousseau, Kant. Ele aposta no ser humano, em sua positividade, liberdade, perfectibilidade e felicidade. Lendo Hannoun, o discutindo ao longo desses quase 20 anos desde que o li pela primeira vez, tenho sempre a certeza de que seu discurso faz sentido. Para mim faz muito e, pelo que pude ler, para essas autoras também. Elas apostam, seguem em frente, se capacitam, estudam, dialogam, buscam, mudam quando é preciso, voltam atrás quando é preciso, mas esse voltar atrás fica parecendo, sinceramente, um dar um passo à frente, porque elas sabem o que estão fazendo, elas foram ganhando clareza sobre elas, sobre o que é estar professora, gestora, pesquisadora.

Declaram que estão em processo, que não se sentem acabadas e não param. Que delícia! Ao invés do que muitos divulgam sobre a docência em geral no mundo contemporâneo, elas não desistiram. Elas ainda se encantam com a educação e com as profissionais que têm se tornado. Percebo nelas, e elas me ajudam a perceber em mim novamente, que existe uma força motriz em cada uma, as impulsionando, dando clareza, reforçando sentidos e propósitos, mobilizando.

Aristóteles tem o seu motor imóvel. Para ele esse motor é Deus, na minha leitura. Dele vem todo movimento, mas ele mesmo não se modifica, sua natureza não se altera. Ele é fonte de movimento, de vida, de significado, de energias. E o constante movimento não o gasta. O estar em movimento é próprio dele. E ele sempre sabe o que está fazendo, por que está fazendo. Afirmando que as autoras desses capítulos, inclusive esta que vos escreve, e outras tantas e inumeráveis professoras e mulheres pelo mundo afora, se não todo ser humano, possui essa força motriz, esse motor imóvel interno. Podemos lê-lo como um deus interior, que é mais do que a consciência, pois a consciência é uma autocognição dessa energia interna, desse motor imóvel, dessa

força motriz, é um saber que essa energia está lá e que pode ser usada ininterruptamente.

Podemos ver essa força motriz nas autoras dos capítulos e espero que continuemos a vê-la em tantas outras professoras e autoras. Espero ainda que você, que lê este texto, a veja em você. Perceba suas motivações, seus desejos, sua luz, sua força e quando ver sua sombra e seus limites use aquela luz e aquela fonte de energia ininterrupta para ressignificar e transformar o que está parado, e água parada cria lodo e fedor, em movimento novamente.

Nesse processo o componente afetivo é muito importante, componente que está com nossas autoras desde que eram criancinhas pequenas lá em Barbacena e decidiram ser professoras. E mesmo que por um tempo isso possa ter sido deixado de lado, elas nunca esqueceram, foram à luta e recuperaram o que nunca tinham perdido, que era elas mesmas.

Foram e são professoras, coordenadoras e diretoras, mas se identificam comumente com a educação, com os propósitos da educação, que é autoeducação, que é participar do processo de aprendizagem de alunos, de outros professores, de outros gestores e de redes de ensino, de todo um projeto de sociedade.

E elas gostam de estudar e de ler – e eu sinto especial prazer em ver que isso que estava nelas desde crianças, que esteve no mestrado, ainda está lá e cada dia mais apurado. Para Lahire isso seria uma disposição. Tiveram, ou não, pais que gostavam de ler. São curiosas, espertas, fazem boas perguntas, se indignam, se colocam contra quem estão contra, mesmo que às vezes sejam elas mesmas, por um período. Mas o mais importante de tudo, se deixam ver para que você, leitor, possa se ver também.

É um belo livro, enfim, e merece ser lido. Vamos, então, à apresentação dos capítulos que o compõem.

Quando terminamos de ler o capítulo de Alice Cardoso, o primeiro deste livro, ficamos com vontade de querer saber mais dela, de seus sonhos, de seus medos, de suas alegrias, de suas lágrimas. Assim como tantas outras mulheres e tantos outros

homens estudantes, dedicados à vida acadêmica, Alice fez da madrugada uma amiga. Nela encontrou silêncio, paz e foco. Esses elementos são fundamentais para a vida acadêmica, pois é preciso se separar do mundo cotidiano por um tempo para conseguir a imersão nos pensamentos, nos pensamentos de autores que tanto ensinam e também nos próprios pensamentos. O texto deixa essa vontade de quero mais, pois não é crível, pelo relato de Alice, que ela tenha parado, parado de estudar, de sonhar, de fazer, de se emocionar e de emocionar. Ela foi atrás de seu sonho de ser professora, de estudar, mesmo que tenha tido que adiá-lo alguma vez, ela não desistiu e conseguiu. É uma feliz e uma privilegiada; ela sabe disso. E o sorriso que ela estampa em seu rosto, ininterruptamente nos deixa ver isso.

Aline Zan coloca em seu texto palavras que tinha usado ao me referir ao texto de Alice Me sinto uma privilegiada! Como é bonito ler isso, ler essa autoconsciência de Aline, ler o valor que ela se dá, o valor que dá a sua vida e ao percurso acadêmico, profissional e pessoal que a constituiu. A literatura aponta que começamos a aprender a ser professor sendo aluno, vendo professores. Aline confessa que fez isso. Ela se inspirava em professores, a começar de sua mãe. Se inspirou tanto que até os imitava (danada essa Aline!). Procuo dimensionar o brilhantismo de Augusto, seu professor de História e Filosofia no ensino médio. Deve ter sido um professor *ao concur* para ter despertado sua admiração. Na verdade, ela é que é de se admirar. Inspirou-se a ser professora e inspirou-se tanto que agora é professora de professores e anota muito bem quando afirma: “Enquanto professora, percebi como a formação continuada em serviço era importante para significar e qualificar a prática docente, trazendo da teoria o embasamento necessário para promover reflexões, ampliando assim as possibilidades de experiências significativas a serem proporcionadas às crianças no cotidiano da escola”.

A autora do terceiro capítulo, Andreia Ribeiro, também confessa sua admiração pelos professores, por todo seu esforço e dedicação contínuos. O esforço e a dedicação dela também podem

ser assim descritos. Nem suas desventuras como professora iniciante, quer de música quer como professora polivalente, a desmotivaram; o fato de ela ter a música em si em muito a ajudou. Ela começa seu texto afirmando que a música fala ao ser de variadas formas. Acredito que fala a cada um de nós, pessoalmente, também de variadas formas. De ouvinte dos clássicos ainda na barriga da mãe, a aprendiz de musicista até chegar a professora de música, Andreia conta de seu percurso com a delicadeza que lhe é peculiar. Podemos conhecer uma professora, coordenadora, diretora, estudante, mãe, esposa e filha que apesar de todas as facetas de sua caminhada manteve-se fiel ao seu coração mavioso.

Relendo o quarto capítulo, de Andreza Trova, tive a confirmação de mais um dos propósitos deste livro: ele expõe percursos de pessoas, mulheres no caso deste livro, professoras e mestras em educação, contando de seus sonhos, desafios, limites e possibilidades. É de grande valia essa leitura para mestrandos e doutorandos e para mestres e doutores também como uma forma de ver como o percurso para ser pesquisadora e professora pode ser, e é, desafiador. Todas as autoras deste livro vão revelando o que em suas vidas facilitaram e dificultaram suas trajetórias, identidades e escolhas como docentes e como cientistas. Não há conto de fadas aqui. Ninguém é mais Alice (com exceção de nossa Alice do primeiro capítulo), mas estamos todas a sair do país das maravilhas, que nem é das maravilhas verdadeiramente. Caímos em buracos, nos deparamos com coelhos que falam, com chapeleiros malucos, com rainhas más, com rainhas boas, mas esquisitas, com cavaleiros armados, com exércitos e dragões. E ao fim e ao cabo quem precisa dar conta de tudo isso? A Alice, nós. E damos conta. Com perfeição? Nem sei mais o que seria essa perfeição. Acho que isso nem é real. Algum endemoniado (com o perdão da palavra!) deve ter inventado esse termo, essa ideia. Perfeição não existe e nunca vai existir, a única coisa que existe é a vida e somente ela. Por ela passamos com nossos ossos problemáticos, com nossas perdas, com nossos lutos, com nossos

sonhos, com nossos amigos e amigas, com aqueles que nos ajudam e com aqueles que não acreditam em nós. Transitamos de pajens a professoras universitárias, a secretárias. Transitamos dentro de nós mesmas. Vamos nos descobrindo, nos redescobrimo, acertando e errando, tropeçando e correndo, dançando até. O texto de Andreza é cheio disso e de mais um pouco. Ela teve tempo para o deixar chegar, para o gestar e para o parir. Pingo com certeza esteve com ela. Sabiamente ele é Mestre Pingo. Muito amor com certeza ele deu e recebeu e isso é o que de mais valor há na vida, o poder dar e receber amor, amor por si, por suas deficiências, eficiências, suficiências, insuficiências, sonhos, por nossos alunos e alunas, quer sejam crianças bem pequenas quer sejam adultas e adultos. Somos sempre iniciantes, a cada dia. A cada dia temos uma nova vida para viver. Andreza disse muito bem quanto ao professor ter um mentor para o ajudar na sua iniciação à docência. Quanto à vida, nossos mentores são esses amigos e amigas maravilhosas, quer conheçamos pessoalmente ou não, quer tenham duas, três ou quatro patas, quer nos vejam com seus olhos físicos ou não. Mas com certeza nos veem com os olhos do coração e eles nos veem assim também. E Andreza tem olhos de ver e ouvido de ouvir, e ela se faz ver e se faz ouvir em seu texto.

Quando Angelina Colombo nos conta de sua caminhada rumo ao mestrado, algo se faz notar: ela percebe quando chegam os finais de ciclo e quando outros começam. Ainda trabalhando como professora, se viu desafiada a ser coordenadora; como coordenadora se motiva para ser formadora de gestores da rede municipal de São Paulo. Logo que iniciou sua jornada como professora aos 17 anos já sabia o que queria ser. Ela enxergava além e assim continuou. Agora, já como mestre em educação, já projeta seu doutorado. Nada a parou: as dúvidas, as contradições de uma rede de ensino, a pandemia, os protestos familiares, as crises de ansiedade. Angelina segue, muda, finaliza ciclos, deixa certezas e planos de lado e cria outros. Sabe que não está sozinha nessa caminhada; outras professoras, outras gestoras e outras

autoras estão com ela. Outras autoras, sim, pois Angelina também é autora, autora de textos científicos, de processos formativos de outros profissionais da educação como ela e autora de sua própria história.

O título do capítulo de Camila Rosa me instiga a pensar: quais seriam as nuances que ressignificam a docência? Que fatores podem ser considerados como potenciais modificadores de perspectivas, objetivos, identidades, práticas e projetos dos professores, tanto profissionais quanto pessoais? Pessoais, pois os professores também são pessoas apesar do imaginário infantil reservar ao professor características parecidas com as dos bonecos com os quais brincam: os professores não vivem fora da escola, como os brinquedos que ao serem colocados no canto perdem vida; professores não comem, não dormem, não têm funções fisiológicas, assim como os bonecos; professores só existem dentro da escola, talvez seja por isso que os alunos fiquem tão surpresos quando veem os professores na feira, comendo um pastel (rsrsr). Mas professores são reais e Camila se faz mais real para nós ao trazer fotos suas; fotos que retratam suas atuações profissionais e as mudanças que ocorreram nessa atuação. Assim como Angelina, e como tantas outras professoras e mulheres que não são bonecas como a Barbie, mas, sim, seres reais, completamente imperfeitos, suficientes e insuficientes ao mesmo tempo, completos na sua imperfeição, se completando na sua imperfeição, em busca daquilo que acreditam ser melhor em cada momento de suas vidas, Camila também mudou de escolhas. Escolheu ser professora numa rede e depois fez outra escolha. Escolheu ser gestora e escolheu ser formadora de professores e gestores. Escolheu também ser mestre e se dedicou a isso. Esse também é um traço de Camila e daqueles que buscam ressignificar a docência, e não só a docência, a dedicação, o empenho. Sua dedicação e empenho têm nome, Joaquim, lindo e doce Joaquim. Com ele ela aprendeu, assistiu aulas, escreveu. Sem ele ela viajou, chorou, voltou e o abraçou. Agora percorre outros caminhos. A PUC! Ah, A PUC! Como não se emocionar vendo seu sorriso

próxima aos pórticos da reitoria, sentir sua felicidade e orgulho de ser quem ela é, de chegar aonde ela chegou. Ela sabe das lágrimas que derramou, do leite que jogou fora, das risadas que deu e continua dando. Mas o que fica de Camila é, entre outras tantas coisas e ensinamentos, é a alegria do olho brilhando em fazer o que gosta, onde quer que esteja, sabendo que está onde escolheu estar, sabendo dos passos que precederam e dos que há por vir.

A outra rosa do jardim deste livro é Evelyn, Evelyn Camponucci Cassillo Rosa. Há nela uma consciência sobre o que é ser professora. É o estar em constante aprendizado e nesse processo de desenvolvimento, ensinar. Ensinar aos alunos os saberes que desconhecem, ensinar aos alunos acerca de como eles mesmos podem descobrir outros tantos conhecimentos. Estar alfabetizado é o primeiro passo para que esse novo mundo se abra a todos. E um professor que alfabetiza uma criança dá início a um novo ser, a um novo mundo. Alfa é a primeira letra do alfabeto grego, o início. Ômega é a última. Evelyn está em meio ao alfabeto, assim como todos. Estamos apreendendo o mundo. Por vezes o mundo se deu a experienciar para Evelyn num consulado, numa empresa do ramo da odontologia, como executiva, como professora alfabetizadora, como professora universitária, como consultora na área educacional e como mestre em educação. É como está na citação de Nóvoa que se constitui como epígrafe do capítulo, anunciando o tom da escrita: “O aprender se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”. Nós somos os agentes de nossa atuação profissional e de nossas vidas, mas só o somos em contexto. E o contexto pode ser a casa da tia, a escola da tia, o Bartocci, a UNINOVE, a UNICID, 40 escolas, o ambiente virtual ou este texto.

Fernanda Fovali em seu capítulo nos apresenta os motivos que a levaram a seu objeto de pesquisa de mestrado, a atuação dos diretores das escolas públicas estaduais perante as demandas da Secretaria da Educação e do cotidiano escolar. Investigou também as táticas que as diretoras que participaram de sua pesquisa

desenvolveram para dar conta do que lhes era exigido, procurando combinar esses elementos aos seus perfis profissionais e às características da escola, passando a adotar ferramentas de gestão gestadas na cultura de cada escola. A autora também foi professora, coordenadora e professora coordenadora de núcleo pedagógico, quando essa função ainda exista nas diretorias de ensino da rede estadual paulista. Era um tempo em que a formação de professores e gestores era foco de atenção e recursos do governo, em que havia uma preocupação com o desenvolvimento do quadro do magistério e dos alunos. Com certeza ao termos contato com a literatura científica acerca desse período da história da educação paulista nos depararemos com muitas críticas, tecidas inclusive por esta que lhes escreve, entretanto, o desmanche de uma estrutura de formação e apoio sem a devida e necessária substituição por uma outra de igual valor e amplitude deixou um vazio no projeto de formação de professores e gestores das escolas estaduais. Uma lida na dissertação de Fernanda, que tem o mesmo título que esse capítulo, nos mostrará diretoras de escola que se sentem sozinhas, pressionadas, desamparadas e premidas por urgências constantes, estressantes e desgastantes. Para além de suas atuações o que mais essas diretoras construíram para si, para suas profissionalidades? Será que continuam na mesma função e/ou cargo?

Gabriela Campos de Vaz Domingues em seu capítulo deixa claras questões que fazem parte da constituição da profissionalidade docente e do dia a dia do trabalho desses profissionais. Entre elas cita o desânimo, a desmotivação, as dificuldades de adaptação, o início da atuação profissional, as armadilhas dos sistemas de ensino, as falas negativistas de colegas. Em meio a essas dificuldades nomeadas por Gabriela, e sabemos que há muitas outras ainda, ela também se detém em nos contar de sua trajetória de persistir mesmo em meio às dúvidas e aos dificultadores. O ter encontrado gestores parceiros serviu de inspiração para que ela também fosse uma gestora, uma formadora de professores e de gestores parceira. Desempenhando suas funções em diferentes redes e níveis de ensino, criou,

manteve e desenvolveu um olhar atento, curioso, investigativo sobre as realidades educacionais, o que a levou ao mestrado em educação. Como gestora da UAB e professora da rede estadual pode compartilhar os conhecimentos que construiu ao longo de sua trajetória de desenvolvimento profissional.

Gisele Messora em seu capítulo “A formação continuada de professores na vida de uma professora em constante formação” traz um relato pessoal daquilo que inúmeras pesquisas vêm constatando: a descontinuidade das políticas e programas de formação continuada de professores. Como docente integrou o Pró-Letramento e o PNAIC, dois grandes e renomados programas que objetivaram apoiar os professores e as crianças no processo de alfabetização. As análises sobre eles demonstram suas qualidades e os efeitos nas práticas de professores, em suas identidades e desenvolvimento profissional, assim como na aprendizagem das crianças. Mas devido àquela característica apontada acima, eles não tiveram continuidade em outras gestões públicas e até mesmo as escolas parecem ter se esquecido dos programas, de seus materiais, de suas propostas e contribuições. Gisele não se esqueceu, continuou buscando seus materiais nas escolas de diferentes redes de ensino pelas quais passou, mas não os encontrou. Como disse a coordenadora de uma delas, procure no meio daqueles outros, algo assim. Ela também, a coordenadora, percebe que são tantos programas e materiais que vão se misturando, perdendo o objetivo. E assim os recursos públicos vão sendo constantemente desperdiçados, bem como a energia dos professores que participam das formações. Gisele bem sabe que ela vive e viverá em meio a constante formação. Esperamos que essas formações abundem em qualidade, impactando positivamente em professores e alunos, tal como a experiência de Gisele com o PNAIC.

Ivana Santiago Bueno em seu capítulo “Trajetórias do saber: professora e aluna. Como ser professora em torno da transformação diante do contexto da educação pessoal e profissional” nos conta de seu encantamento com a docência e sua

busca pelo encantamento de outros professores. Foi seu pai, Amador, quem primeiro despertou nela o gosto de ler e é esse gosto que ela tenta passar para seus alunos. Formar-se continuamente para despertar esse gosto, aperfeiçoá-lo, direcioná-lo para a construção de saberes próprios é a função do professor alfabetizador, ao menos conforme as diretrizes do Programa Ler e Escrever. E foi sobre o processo de formação dos professores nesse programa numa escola estadual da zona norte de São Paulo que Ivana fez sua dissertação. Realizando um estudo teórico e empírico, o que Ivana encontrou junto aos professores de sua pesquisa foi resistência, desconforto, falta de interesse e falta de apoio da escola e do coordenador pedagógico na implementação do programa. Esses resultados nos dizem que existe uma confluência de fatores que precisam ser considerados para o sucesso de uma política/programa de formação docente: circulação dos conhecimentos acerca dos fundamentos, desdobramentos e ações da referida política/programa; discussão entre os pares dos motivos que levaram a sua criação e difusão; possibilidades de entrelaçamento de saberes anteriores dos professores e dos novos que são apresentados; estratégias de envolvimento do corpo docente no projeto formativo em questão, o que passa pela criação de lugares e oportunidades de compartilhamento de experiências; criação de espaço de diálogo franco sobre o andamento do processo de modo a avaliá-lo e reordená-lo; preparação da estrutura e dos aspectos organizativos das escolas para envolverem-se com as propostas; compartilhamento com a comunidade escolar sobre o que está sendo feito e porque está sendo feito e para que; acolhida e encaminhamento dos conflitos e pontos discordantes; acompanhamento das ações por pares mais experientes em regime de mentoria e/ou colegiado etc. O relatório da Fundação Carlos Chagas, da Coleção Textos, nº 52, aponta uma série de características de iniciativas de formação de professores eficientes: coerência, longa duração, metodologias ativas, colaboratividade e foco no conteúdo a ser ensinado e na forma como os alunos

aprendem. O programa Ler e Escrever tem várias dessas características, se não todas. Em meu livro *Formação Colaborativa de Professores* (2021) faço uma análise do programa em que aparecem colocações várias de diversos professores que fizeram a formação no Ler e Escrever, e há pontos em comum com o que Ivana analisou. Há professores que não se envolvem, que reclamam, mas que não se detêm a estudar. Entretanto, há também os que se envolvem, aprendem, sentem-se felizes, encantados e conseguem despertar nos alunos aquele amor por ler, estudar e a vontade de construir seus próprios saberes.

O título do capítulo de Liliane Barbosa, “Memorial de formação: de professora a formadora de professores”, anuncia claramente sobre o que a autora irá tratar. Liliane tinha o desejo de ser professora desde criança, isso estava claro. Mas com o passar do tempo, das oportunidades de trabalho e de formação ela foi se configurando como formadora de professores, e também de gestores. Suas leituras, os cursos que fez, a experiência como professora de jovens e adultos e outras tantas foram dando a ela as ferramentas para alicerçar sua profissão na *práxis* pedagógica. Chega, por fim, ao mestrado trazendo essas questões para serem exploradas cientificamente. Inspirada em Zabalza, ela escreveu sobre o que fez, tanto nesse capítulo quanto na dissertação. Ganhou distância, questionou, fez intervenções e deu mais um passo em seu processo de desenvolvimento profissional, que por sua trajetória, podemos depreender que foi compartilhado com aqueles e aquelas com quem ela trabalha como formadora e aprendente.

“Traçando caminhos: compartilhando a história, saberes, desafios e o prazer de ser quem eu sou” é o capítulo de Liliane de Jesus. Nele ficamos sabendo de uma menina curiosa, de um pai leitor, de uma mãe dedicada, de uma irmã que foi sua primeira aluna. Ela também nos conta como foi sua experiência como aluna do CEFAM e estagiária em uma escola que ao invés de incluir, segregava os estudantes com necessidades educacionais especiais. Sensível e observadora, Liliane viu nessa constatação um motor

para uma atuação qualificada por meio de formações, práticas, parcerias e elaboração de relatos de prática em eventos científicos. Em seu percurso de constituição profissional houve momentos em que foi professora, professora assessora de educação inclusiva, mestranda e agora doutoranda. Está se constituindo profissionalmente e pessoalmente também. E esse texto também faz parte desse processo, pois ao escrever sobre si, se vê, se apara, se cuida e renasce.

Michele Olim nos fala de mudanças em seu capítulo, de deixar o velho e ir em busca do novo, são travessias; é assim que ela começa o “Meu caminhar na educação”. Quantas possibilidades de mudanças nos dá a educação, tanto para aqueles que estão alunos quanto para aqueles que estão professores, coordenadores, gestores. Mas além das mudanças que Michele relata em seu capítulo, o que vejo é coragem e determinação, traços dela. Sempre muito interessada, comprometida, disposta, agarrava os desafios e os cumpria com maestria. Percebi isso em nossa relação como orientadora e orientanda, mas esses traços também estão em seu texto. Ela foi professora sem ter cursado um curso para professores, teve coragem de deixar um lugar em que não se sentia bem e depois voltar para esse lugar quando mais segura de si. Trabalhou em áreas que não a educação, mas não perdeu a educação de vista. Foi coordenadora pedagógica na educação infantil por muitos anos, mas a vida lhe deu uma nova oportunidade de mudança, para trabalhar com jovens e adultos, e Michele lá se foi. Sempre estudou muito para embasar sua prática como formadora, é o que nos conta. Escreve uma autobiografia aqui, mas tem clareza de que ainda há muito mais a escrever sobre o que lhe passa atualmente e com certeza terá muito mais a escrever sobre o que ainda passará.

Ao revisitar suas memórias, Patrícia Alamino traz à tona o componente afetivo presente nos que fazem a escolha pela docência. Desde pequena, ainda no pré, se aproxima de tarefas próprias do magistério, como o lidar com as folhas de atividades. São dispositivos pedagógicos que compõem a escola, o

aprendizado e o ensino. Já formada, casada e com filhas, estuda, torna-se professora, coordenadora e gestora. Quando no mestrado, percebe seus limites, mas também suas possibilidades, que continua a exercitar atualmente como professora na rede municipal de São Paulo.

Fechando este livro, Patrícia Freire, em seu capítulo “Uma trajetória como educadora, formadora e gestora”, reforça o que pudemos ver nos capítulos precedentes. As professoras e gestoras das escolas públicas são mulheres, pesquisadoras, que sabem do que estão falando e sobre o que estão fazendo. Percebem a importância e, porque não dizer, a utilidade da formação continuada individual ou colaborativa. No exercício do magistério, da formação de professores ou da administração escolar, munem-se dos saberes que desenvolveram ao longo de suas jornadas, mas também daqueles que outros autores desenvolveram. Isso Patrícia fez também, desde que cursou Matemática, Física e Pedagogia até agora, quando diretora de uma escola da rede municipal de São Paulo. Ciente dos desafios do cargo, o exerce com criticidade e autonomia, algo tão ao gosto de Paulo Freire e de tantos outros autores que devem ter servido como inspiração para nossa Patrícia Freire.

Espero que este livro inspire outras tantas e tantos professores e gestores de escolas públicas e particulares no Brasil, de modo que possam escrever suas próprias histórias, no entrecruzamento do que é deles, do que está em sua alçada, sabendo reconhecer o que pertence a outros sujeitos e instituições. Quem sabe dessa forma deixemos um dia de empurrar aquela pedra, como Sísifo, ininterruptamente e possamos partir para nossas paisagens e experiências constitutivas de nosso ser.

SUMÁRIO

Transformação de um sonho para a realização acadêmica: tempos com grandes memórias afetivas	23
Alice Regina de Jesus Cardoso	
LIBERDADE CAÇA JEITO...	31
Aline Maria de Faria Borborema Zan	
EU, A MÚSICA E A EDUCAÇÃO: UMA MELODIA DE SUCESSO	35
Andréia Novaes Souto Ribeiro	
UM ENCONTRO, UMA DESCOBERTA: A CAMINHADA DE UMA PROFESSORA-ESTUDANTE-PROFESSORA	41
Andreza Gessi Trova	
A CAMINHADA DE UMA PROFESSORA RUMO AO MESTRADO	63
Angelina Colombo	
NUANCES QUE RESSIGNIFICAM A DOCÊNCIA	69
Camila Rosa dos Santos Aleixo	
CONSTRUINDO O SER PROFESSOR-FORMADOR	81
Evelyn Camponucci Cassillo Rosa	
OS MODOS DE FAZER DOS DIRETORES DE ESCOLAS PÚBLICAS PAULISTAS FRENTE AS EXIGÊNCIAS DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	93
Fernanda Santoni Fovali	
O CAMINHO PERCORRIDO POR UMA PROFESSORA VINDA DE ESCOLA PÚBLICA ATÉ O MESTRADO	99
Gabriela de Campos Vaz Domingues	

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA VIDA DE UMA PROFESSORA EM CONSTANTE FORMAÇÃO Gisele Messoria	107
TRAJETÓRIAS DO SABER: PROFESSORA E ALUNA. COMO SER PROFESSORA EM TORNO DA TRANSFORMAÇÃO DIANTE DO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL Ivana Santiago Bueno	113
MEMORIAL DE FORMAÇÃO: DE PROFESSORA A FORMADORA DE PROFESSORES Liliane de Almeida Barbosa	123
TRAÇANDO CAMINHOS: COMPARTILHANDO A HISTÓRIA, SABERES, DESAFIOS E O PRAZER DE SER QUEM EU SOU Liliane de Jesus	129
MEU CAMINHAR NA EDUCAÇÃO! Michele Olim	139
REVISITANDO MINHAS MEMÓRIAS Patrícia Alamino	149
UMA TRAJETORIA COMO EDUCADORA, FORMADORA E GESTORA Patrícia Freire	151

Transformação de um sonho para a realização acadêmica: tempos com grandes memórias afetivas

Alice Regina de Jesus Cardoso

Você pode sonhar, criar, desenhar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo. Mas é necessário ter pessoas para transformar seu sonho em realidade.

Walt Disney

Meu encantamento pela educação foi desde a infância. Admirava os docentes da época ao lecionar para os alunos e ficava tempos imaginando estar no mesmo lugar. Em casa, depois de um dia letivo, realizava as lições juntamente com a minha mãe, que apenas frequentou o antigo Mobral, sabia pouco e ensinava o que podia. Eram tempos difíceis.

Com o passar do tempo, na fase adolescente, gostaria de ter realizado o Magistério. Naquela época, havia escolas estaduais seguidas de “escolas modelos” que ainda apresentavam um protótipo de ensino e aprendizagem mais denso e, ali, vi a grande oportunidade de estar ingressando na carreira educacional.

Nessa época ainda houve empecilhos que me desvinculassem dessa prática educativa, pois o trabalho ainda era de suma importância para o sustento da família, continuando assim a passar por tempos difíceis.

O sonho de infância foi tornando-se cada vez mais difícil e distante, pois as demandas da vida me levaram a caminhos totalmente diferentes e outras profissões foram surgindo e tornando uma trajetória que não estava alinhada àquilo que acreditava ser algo que me fazia sentido ou até mesmo o tão esperado “friozinho na barriga”, mas ainda com a esperança de voltar e estudar para ser a professora que tanto havia contemplado desde a infância.

Foram anos trabalhando e me dedicando com outras ocupações profissionais. Sentia-me desvinculando cada vez mais da profissão docente, prática essa que admirava e cada vez mais passava pelos vãos dos meus dedos, mas algo me dizia que não poderia desistir e a chama de poder ser a professora que tanto gostaria estava ali, guardada em meu coração.

Resolvi dar um salto em minha vida e me senti cansada de não estar sendo completa por inteiro naquilo que eu tinha almejado para mim e me dediquei ao meu casamento, aos filhos, e ao empreendedorismo na área da confeitaria.

Não deixei de acreditar que algo poderia acontecer mesmo sabendo que os contos de fadas eram somente nas histórias de princesas, mas buscava uma força enorme em mim de que poderia mudar a minha vida, fazendo com que me levasse a acreditar que nada era impossível e que os sonhos, mesmo que árduos e cansativos estariam nas páginas de um livro descrito em minha história e, por fim, em páginas vividas na realidade do meu cotidiano.

Entre tantas coisas boas, a maternidade jamais deixou de estar presente porque, entre uma pausa e outra, os meus filhos Rafael e Júlia, que tanto lutei para que eles pudessem estar comigo, me completavam e me enchiam de orgulho, brincadeiras e satisfação.

Quando a minha filha completou três anos de idade, resolvi dar um novo rumo. E como não foi diferente, sempre querendo experiências novas e me desafiando constantemente, resolvi fazer faculdade. Já estava me achando meio “ultrapassada” para voltar aos estudos novamente, mas sempre com aquela sensação de que nunca era tarde.

Sendo uma pessoa simples, acreditava que daria conta desse capítulo que poderia durar três anos, passei pelo processo seletivo e lá estava eu, na mais sonhada Pedagogia.

O trajeto até a universidade foi exatamente aos prantos e também com a sensação de que não era tarde para dar início e

ingressar novamente na sociedade, pois a vida materna também é uma das dádivas divinas com que o Pai Celestial me presenteou.

Ao iniciar a Pedagogia, entendi que estava em um mundo que realmente deveria estar lá no meu passado, mas que, no presente, estava contemplando um espaço em que era para estar ali, que era meu, mas não poderia ultrapassar, pois o tempo sempre foi o senhor do tempo e não há relógio que cruze os ponteiros sem antes não passar pelos segundos, minutos e horas. Enfim, o tempo de se destacar e correr atrás daquele sonho tão esperado chegou.

Ocorreram muitos medos e desafios que iria enfrentar, mas dessa vez estava decidida, pois estaria realizando algo que era meu por direito e despertar a chama era preciso.

Estar ali era muito mais que desafiador e as frustrações do passado estavam sendo levantadas naquele momento para me encorajar e não desanimar. Foram três anos de muita troca de experiências e conhecimentos com profissionais que me fizeram entender que o caminho não era necessariamente extenso e nem tampouco duradouro, mas que passaria com o estalar dos dedos. Aquele era exatamente o meu momento.

Admirada com as mais ricas experiências vivenciadas dentro do ambiente escolar e nos estágios supervisionados pelos regentes escolares, desvincular do caminho escolhido já não era possível. A criticidade dos professores e a forma com o olhar minucioso das salas de aula que presenciei foram de suma importância para que, ao estar na regência de uma sala, já não sentisse ser um ato desafiador e os medos que percorriam o meu interior. Abster-se da vontade de ser uma docente, já não era algo que poderia ser interrompido ou inacabado.

A inquietação e os momentos de compartilhamento acadêmico e a postura como docente estavam estampados em cada troca de professores a cada dia na faculdade. Cada um dissertava sobre suas experiências na Educação Infantil, nos anos iniciais e eu, ali, estagnada pensando em quando chegaria a

minha vez de poder compartilhar o que, de fato, é a sala de aula e os seus inquietantes desafios diários.

E não é que se passaram os três anos da formação em Licenciatura em Pedagogia Plena. Ali, estava ciente de que todo aquele sonho tornara-se realidade e os olhos brilhavam por estar efetivamente no meu lugar de origem.

Após a formação em 2015, comecei a ir à busca de um lugar em que pudesse colocar em prática todas as experiências, trocas e vivências desde a educação infantil até o ensino fundamental que a polivalência me permitia. Tão obstinada e dedicada pela profissão, não foi possível ficar somente ali.

A inquietude, a indagação, os pontos de interrogação foram surgindo a cada detalhe em que a observação me permitia e, assim, com um olhar mais crítico e reflexivo, entendi que parar por ali já não era algo permitido, pois a forma de entender o currículo escolar estava a minha espera e então, no ano seguinte, lá estava eu pronta para o início da Pós-Graduação em Psicomotricidade e para entender os movimentos corporais das crianças, adolescentes, adultos e terceira idade.

Conheci pessoas maravilhosas nesse percurso de profissões distintas que não eram somente os muros escolares e a compreensão expandia ainda mais o conhecimento. Partir para algo que poderia enaltecer meu campo visionário e o amor pela educação estava nas trocas e o compartilhamento se fazia, naquele exato momento, fundamental para enaltecer o meu currículo e realizar as atividades que o conhecimento assim permitiria.

Com as formações em consolidação, o meu percurso acadêmico assim se concretizou. Em um grupo de diversos profissionais da educação e outras áreas do conhecimento, fui trocando experiências que a vida acadêmica me oferecia e a cada dia aprendia com eles as mais diversas formas de educar. Foi exatamente um ano de embasamento e questões levantadas acerca da educação.

Em um momento único de intensa aprendizagem visando à educação em um todo, a coordenadora do curso de

Psicomotricidade pediu licença e adentrou a sala de aula para relatar sobre o processo seletivo e a integração no Mestrado. Confesso que não havia internalizado as possibilidades que esse espaço me traria e nem a gama de conhecimento por estar com profissionais tão qualificados. E, lá, envolta em meu “frio na barriga”, os “serás” e os “porquês” voltaram à tona novamente.

O primeiro passo foi procurar minha orientadora da graduação e contar com o apoio e seus ensinamentos. De forma prática e rápida, as perguntas foram surgindo e a conversa estendeu-se por um longo período no qual a mesma utilizou o meu Trabalho de Conclusão de Curso da pedagogia para darmos início à pesquisa. A professora em questão tornou-se minha mentora, guia e conselheira em qual caminho poderia trilhar.

Sentia em meu coração um tremor e, mesmo que parecendo um exagero da minha parte e meio confusa com a rapidez dos acontecimentos, respirei fundo e pensei: “Estou no caminho”.

Em 2017, ainda finalizando a Pós-Graduação em Psicomotricidade, entre os anseios da educação, havia somente passado pelos processos educacionais entre teorias, autores renomados, muita leitura e conhecimento. O lado prático não havia sido maior que o acadêmico.

Com os avanços tecnológicos, reuniões, indagações, incertezas, a pergunta que não queria deixar de passar por minha mente era entender o papel do coordenador diante das formações continuadas para professores aos quais, ao sair da licenciatura, as formações poderiam ser embasadas na realidade educacional, e as cobranças perante essa formação eram constantes. Existiram tantas perguntas ante a atuação advinda da equipe gestora que o processo para a ingressão no Mestrado não poderia ser outro e a concretude entre uma escrita e outra foi “O papel do coordenador Pedagógico e a formação continuada dos professores”.

O ano era 2017. Foram muitas descobertas e entendimentos acerca das leituras realizadas para a iniciação da escrita do projeto de pesquisa e dar início ao Mestrado. Foi uma junção de sentimentos vividos com o término da Pós-Graduação em

Psicomotricidade e com o Projeto. As perguntas em minha cabeça surgiam em bom e alto som: “Será que eu consigo?”

Costumo dizer que nunca estamos sós, pois sempre estamos acompanhados pela força de pessoas que entram em nosso caminho para deixar em evidência o quanto somos capazes. Minha cabeça estava em um misto de sentimentos, incertezas e ao mesmo tempo nervosismo. O término da Pós-Graduação coincidiu com o início do Mestrado. Já não sabia qual a sensação de vivenciar um novo ciclo sendo que nem havia terminado o outro. Seria como se fossem o trágico e o cômico andando em uma mesma linha querendo atropelar a pessoa que habita em mim, ou seja, o medo.

O medo pelo simples fato de não entender o que o tempo poderia fazer sendo que apenas vinte e quatro horas eram insuficientes para dar conta de tanta demanda e atrelar ao trabalho em sala de aula com os alunos da educação infantil, pois entendamos que as aulas lúdicas necessitavam de toda a atenção e fazer o melhor não era algo opcional, afinal de contas, eles, os alunos, esperavam ansiosamente para a roda de conversa no momento da acolhida.

Necessitava ao mesmo momento organizar as ideias e de um olhar diferenciado para a gama de sensações e sentimentos e, por fim, a tão sonhada Pós-Graduação em Psicomotricidade chegou ao fim, dando início ao que já não era mais angustiante, o Mestrado.

Chegar a esse nível da graduação continuava sendo um dos momentos mais desafiadores porque exigia inúmeras possibilidades de aprender. Como havia dito, o meu caminho foi totalmente inverso em que estudar estaria em primeiro lugar e depois constituir aquilo que se almeja enquanto jovem.

Foram estudos aprofundados acerca do coordenador pedagógico e da formação continuada dos professores que me levaram a caminhos amplos e de uma magnitude sem igual. E lá foi mais um semestre.

No início do segundo semestre lá se foi mais um desafio, a prova de proficiência em Língua Estrangeira, no qual a decepção veio juntamente com a reprovação. Chorei e disse para a minha orientadora que não conseguiria realizar.

Patrícia Cavalcanti por fim me surpreendeu e me deu forças para que não desistisse, pois sabia que eu era capaz de passar. E foi um mês de intensos estudos, pois não dominava a língua. Desempregada, comecei a organizar meus horários para que o tempo de estudos fosse atrelado às demandas da maternidade e da vida acadêmica. Os meios de telecomunicações me auxiliaram e muito para a concretude da prova. A madrugada era a minha aliada. O silêncio da noite me fazia ter a cabeça mais focada naquilo que eu realmente gostaria de realizar.

Foram dias de intensos estudos, era eu por eu mesma. Chegou o grande dia da realização da prova: e lá vou eu novamente! Confesso que no caminho para a Universidade foi me passando um misto de sensações e de que, como eu havia chegado até ali, desistir não era o caminho.

Estávamos na estação mais quente do ano, o verão, e com ele as chuvas torrenciais seguidas de trovões e raios que cortavam o céu e, para a minha surpresa, o meu computador resolveu ir contra os meus princípios, com raios, acreditando que perdi tudo o que havia realizado até ali. A frustração tomou conta de tudo. Choros vieram à tona e a pergunta que não queria calar foi: Meu Deus, e agora?

Como nada é por acaso, encontrei um excelente técnico em assistência que acalmou meu coração, dando a certeza de que não perderia tudo o que tinha conquistado até ali e que faria o possível para resgatar todo o trabalho desenvolvido.

Confiabilidade é uma ferramenta que devemos ter para que tudo possa correr de acordo com o esperado. Acredito que cada um tem seu dom e o técnico não poderia ter-me feito mais aliviada dizendo que todo o trabalho havia sido recuperado. Agradei humildemente e hoje ele é um amigo querido que sempre me salva em situações inusitadas.

Dentre tantas experiências vividas em minha vida, a que me deixa mais feliz foi a finalização do Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais em 2019. Agradeço por ter vivido ali mais uma trajetória acadêmica com conhecimentos e experiências para a minha vida.

Como podemos notar, a escrita requer algo a mais. As leituras, os aportes teóricos, as pesquisas, enfim, tornaram-me aquilo que nem eu mesma temeria, pois cada detalhe aqui dissertado tem a ver com o sentimento de gratidão a Deus por não deixar de segurar a minha mão enquanto digitava na madrugada afora em busca de algo que estivesse de acordo com o que minha orientadora havia visualizado e, hoje, ela faz parte da minha dissertação entre tantos outros assuntos.

Encontro-me nesse exato momento voltando no tempo em que a máquina da vida é surpreendente! Ontem, de certa forma, não imaginava que a menina de sonhos grandes, e que não entendia que as possibilidades fossem acontecer de modo gradativo, hoje entende que a capacidade de enfrentamento dos seus medos em busca de ideais realmente existe. Foram três anos de conhecimento, de pessoas que realmente acreditaram no meu potencial e uma forma de poder definir a escrita tão simples, e que me renderam boas páginas de intensos aprendizados em que a madrugada me favorecia e era a minha aliada.

Ao apresentar-me na banca examinadora, a pergunta que não queria calar era: “O que eu estou fazendo aqui?”. Hoje, encontro-me com a pergunta de que “tudo isso valeu muito à pena?”. A resposta soa aos meus ouvidos que o caminho escolhido e todo o processo para chegar até aqui foi a melhor escolha.

LIBERDADE CAÇA JEITO...

Aline Maria de Faria Borborema Zan

Desde bem pequena, lembro-me de minha mãe exercendo o papel de professora na rede pública de Governador Valadares, Minas Gerais. Uma de suas paixões era alfabetizar as crianças, lecionando por anos na 1ª série, hoje, 1º ano do Ensino Fundamental. Por ter sido aprovada em um concurso para a função de orientadora pedagógica, começou a trabalhar o dia inteiro, sendo necessário que meus irmãos e eu ficássemos aos cuidados de outra pessoa. Mas, ao contrário do que alguns possam pensar, essa suposta “ausência” de minha mãe no dia a dia da nossa família não gerou em mim outro sentimento que não fosse admiração pela pessoa e profissional que se constituía. Era comum acompanhá-la na escola, em datas comemorativas, para participar das programações especiais planejadas, dançando e cantando para seus alunos. Lembro-me de como gostava e me envolvia nesses momentos.

Somadas a isso, minhas experiências escolares enquanto aluna, em sua maioria, foram muito positivas. Lembro com carinho e admiração dos professores que passaram pela minha vida, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Ao retomar minhas memórias, percebo que a escola era um espaço em que eu gostava de estar. Já no ensino fundamental, era comum, nos intervalos das aulas, os colegas de classe se juntarem próximo a mim para presenciarem “a sessão de imitação dos professores”, que de maneira respeitosa e divertida eu fazia. Em alguns anos, me lembro de alguns professores pedirem para que eu fizesse a imitação durante a aula, o que gerava um momento descontraído entre alunos e mestres.

Ah, não posso esquecer de contar que também teve aquela paixão platônica, né? No 1º ano do Ensino Médio, tive um

professor de História e Filosofia maravilhoso, que nos fazia refletir sobre a vida de forma profunda e crítica. Além de exercer com excelência sua profissão, era considerado um amigo para toda a turma. Sabe aquele professor cheio de conteúdo e carisma? O Augusto era assim.

Eu realmente observava cada professor que entrava na minha sala, estando atenta à forma como conduzia a turma, como gesticulava os braços durante a explicação do conteúdo, as roupas que usavam, enfim, a profissão professora sempre despertou minha atenção e interesse. E não é que escolhi para minha vida seguir a carreira de professora? Penso que comigo não poderia ser diferente, tendo em vista as boas experiências que tive. Me sinto privilegiada!

Começando a trilhar esse caminho, pesquisei universidades que oferecessem um curso de Pedagogia de qualidade. Encontrei algumas universidades federais cujas grades curriculares me encheram os olhos, e me inscrevi para o vestibular daquela que era mais próxima da minha cidade. Durante os quatro anos em que cursei Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa – MG, sempre me preocupei com uma formação de qualidade, me dedicando nas disciplinas. Me encantei pela quantidade de conhecimento ao meu redor, despertando, desde então, o interesse em me aprofundar nos estudos.

Desde o primeiro ano de curso, trabalhei como estagiária em um Projeto de Ação Social na cidade de Viçosa (Rebusca-ONG), que tinha como função ampliar as condições de acesso das famílias de baixa renda, oferecendo-lhes oportunidades de desenvolvimento pessoal e social. Entre as atividades desenvolvidas por essa entidade, existiam vários projetos educativos, dentre eles, o acompanhamento e reforço escolar de alunos que cursavam a 3ª série do Ensino Fundamental, campo em que atuei como educadora. Que desafio encontrei nesse início de carreira! Como aprendi enquanto pessoa, em primeiro lugar, e iniciante nessa profissão! Posterior à conclusão do meu curso, voltei para minha cidade natal, onde trabalhei como professora em escolas municipais e particulares.

Enquanto professora, percebi como a formação continuada em serviço era importante para significar e qualificar a prática docente, trazendo da teoria o embasamento necessário para promover reflexões, ampliando assim as possibilidades de experiências significativas a serem proporcionadas às crianças no cotidiano da escola. Igualmente, constatei que em alguns momentos a formação oferecida pelas escolas não ia ao encontro da real necessidade que eu enfrentava em sala de aula, contribuindo pouco para minha prática diária. Em conversa com alguns colegas de profissão, percebi que essa dualidade na formação em serviço também acontecia nas escolas em que trabalhavam. Infelizmente, para a maioria desses educadores, a formação continuada pouco contribuía para reflexão e qualificação da prática docente, gerando professores desanimados com a docência e sem reflexão da sua ação.

De mudança para São Paulo, instalei-me na cidade de São Bernardo do Campo no final de 2009. Na ocasião, já casada, fiz um concurso para coordenação pedagógica na prefeitura da cidade. Fui aprovada, e estou nesta função desde o início de 2010, constituindo-me dia a dia como formadora de professores de uma escola de Educação Infantil. Recebi, justamente, a responsabilidade de formar continuamente os professores que encontro pelo caminho. Nesse momento da minha história, a lembrança da época de faculdade vinha à mente, uma vez que ampliar meu repertório teórico era imprescindível para a função que assumira, de forma a me tornar, de fato, uma parceira experiente no grupo de professores que formava, e que pudesse contribuir com a reflexão do meu grupo. Na ocasião, fiz dois cursos de Pós-graduação *lato sensu*, na especialidade de Educação Infantil, e um deles me ajudou de forma especial a trilhar alguns caminhos formativos na escola. Estava no caminho certo de busca por conhecimento e queria mais.

Junto a esse desejo de aperfeiçoamento profissional, chegaram meus filhos, primeiro o João, e dois anos depois, o Mateus, revirando minha vida por completo, ao mesmo tempo

que trouxeram as mais emocionantes experiências que já vivi até hoje. Por eles, precisei adiar um pouco o desejo de voltar à universidade. Sabia, porém, que seria por pouco tempo.

Em setembro de 2018, motivada por uma amiga e colega de trabalho, me inscrevi no processo seletivo para ingresso no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) na Universidade Nove de Julho (Uninove). Para minha alegria, fui aprovada para compor a Linha de Pesquisa e de Intervenção em Gestão (LIPIGES), a fim de que eu pudesse aprofundar meus estudos acerca da minha função enquanto educadora e formadora dos professores dentro da escola que atuo, buscando construir e oferecer momentos formativos significativos.

Gosto daquele verso de Manuel de Barros que diz: *“Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras - liberdade caça jeito.”*. Trilhar o caminho do mestrado não foi fácil, uma vez que tive que conciliar trabalho, tempo com família e amigos e dedicação aos estudos e escrita. Mas, quando a gente quer, a gente *“caça jeito”*, e dá certo! Além da realização pessoal e profissional que sinto por ter vivido a experiência do mestrado, é muito especial perceber que o que aprendi impacta minha prática enquanto coordenadora pedagógica, me legitimando diante das demandas diárias que a função exige.

EU, A MÚSICA E A EDUCAÇÃO: UMA MELODIA DE SUCESSO

Andréia Novaes Souto Ribeiro

Como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música, em sua diversidade e riqueza, permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro – próximo ou distante. (BRITO, 2003, p.28)

A minha história com a música e a educação começa desde o ventre da minha mãe. Meu pai é professor, e sempre estudou música, desde sua juventude, mesmo tendo uma infância simples numa cidade do interior de São Paulo (Valparaíso). Quando adulto veio para a cidade de São Paulo trabalhar como professor e adquiriu seu piano, que o acompanhou durante toda sua trajetória de vida. Hoje, sabemos através de estudos e pesquisas que os bebês escutam os sons do meio em que vive desde o ventre materno. Acredito que seja de onde provém minha paixão pela música.

Meu pai me colocava para tocar com ele desde pequena, conforme eu crescia, cantávamos e tocávamos juntos. Aos nove anos de idade, iniciei os meus estudos de piano, em uma escola de música do bairro São Miguel Paulista, onde eu morava, no Conservatório Shenyr de Oliveira. Ela me ensinou as primeiras notas musicais, me ensinou a realizar a leitura das partituras e todas as técnicas de piano para iniciante. Todos os anos havia dois recitais de música, com apresentações das melhores peças que os alunos estavam aprendendo, sem dúvida um período muito rico culturalmente para todos os participantes.

Com quase quatorze anos, fui inscrita pelo meu pai para um teste, uma seleção na Escola Municipal de Música de São Paulo, uma das melhores escolas do país, para minha surpresa havia

sido aprovada. Estive envolvida neste ambiente musical durante três anos e meio, eram grandes as exigências, estudos em torno de oito horas e meia por dia. Um tempo que trouxe muita contribuição na descoberta do universo sonoro: orquestras, bandas, corais, músicas de câmara, experienciei apresentações no Centro Cultural, Sala SP, Teatro Municipal SP, enfim uma rica vivência musical.

No final do ano de 1999, terminei o ensino médio e me casei, recebi um convite para dar aulas de educação musical numa escola particular de SP, minha primeira experiência de trabalho registrada antes. Estive nesta escola durante seis meses apenas, gostei da experiência, mas não entendia muito bem todo o processo pedagógico.

Outro lugar de grande importância no meu desenvolvimento musicalmente foi a igreja, onde de forma voluntária lecionava para as crianças, com estudos da bíblia e ensaios musicais, participava de bandas, corais e grupos de música, somadas essas experiências, sinto-me privilegiada com a juventude musical que recebi.

Meus pais sempre foram educadores e é bem verdade que da minha parte sempre houve grande admiração do esforço e dedicação contínuos.

Confesso que mesmo crescendo dentro deste ambiente educador, ensinar música para alunos dentro de uma escola regular foi algo muito desafiador, uma sala de sétimo ano me tirava o sono, me sentia perdida com notas, planejamento, rotinas, não entendia muito bem como tudo funcionava, então resolvi sair desta escola no meio do ano. Neste período, estava cursando o 7º ano de piano, estudando música no Conservatório Sinatra, mas não estava mais encantada com toda a rigidez proposta pela música clássica e resolvi dar um tempo nos meus estudos com piano.

No início do ano 2001 engravidei da minha filha Carolina, curti muito esse momento da maternidade. Quando ela estava com um ano e meio voltei a dar aulas de piano e percebi o quanto

eu sentia prazer em ensinar, em estar com as crianças e como era bom ver outros aprendendo, resolvi então estudar pedagogia.

Apaixonei-me pelo curso, gostava de estudar, ler e aprender. No último ano da faculdade comecei trabalhar num colégio particular do bairro, com Educação Musical e, sinceramente, desta vez estava bem mais preparada, planejando melhor as aulas, estudando sobre determinados assuntos, buscando compreender como cada um aprende e me preocupar com o aluno na sua integralidade. Um período muito especial na minha carreira profissional, recebia muitos feedbacks positivos de toda a equipe escolar, dos alunos e familiares, gravamos CD, com composições das crianças e minhas. Nesta época conclui o meu TCC sobre a importância da música para a criança, um trabalho que envolvia as minhas práticas educativas naquele colégio. Ingressei na especialização em Educação Infantil, um universo apaixonante que até hoje me fascina. Logo prestei o concurso para professor na rede municipal de São Paulo e recebi aprovação.

Na escola pública me deparei com inúmeros desafios, alunos da quarta série do ensino fundamental I que não sabiam ler e escrever, problemas inúmeros de indisciplina, alunos com liberdade assistida, trouxe a música comigo para me auxiliar, ela motivava tanto os alunos quanto a mim, nos trouxe maior interação e foi-nos útil como ferramenta para alfabetização.

No ano seguinte, me removi para uma EMEI, ali pude explorar a educação musical dentro de um ambiente lúdico, rico nas descobertas e brincadeiras.

As crianças adoravam quando eu trazia o teclado para as nossas aulas, eles as transformavam em uma festa. As crianças de educação infantil têm musicalidade, têm menos preconceito, recebem com bastante alegria todas as experiências que lhes são ofertadas, desenvolvemos diversos projetos musicais com as crianças: construção de instrumentos sonoros, composições, parlendas, bandinha rítmica entre outros. As professoras e crianças das outras salas demonstravam interesse e curiosidade

sobre essas práticas, aos poucos fomos envolvendo toda a escola neste universo musical.

Para me aprofundar ainda mais na Educação Musical, busquei uma especialização nesta área, no ano de 2017, mas ainda não foi suficiente para sanar minhas inquietações sobre o tema.

Em todas as escolas por onde passei, percebi interesse dos professores para trabalhar com a música, porém, existia insegurança e mitos diante desse currículo, acreditando ser a música um privilégio apenas para quem tem o dom.

Em 2016, estive participando com uma formação de educação musical na jornada pedagógica, trocando experiências com os professores, apresentando e discutindo propostas musicais para serem desenvolvidas em sala, após esse evento obtive muitos feedbacks positivos dos professores e gestores que participaram deste momento formativo, logo recebi o mesmo convite para dar essa formação em outra região de São Paulo e percebi o quão prazeroso era contribuir com essa linguagem para os educadores e quanto os educadores anseiam por aprender.

Em 2017, estando como professora em uma Unidade me foi dada a oportunidade de assumir a direção por aquele ano, a diretora havia aposentado. Fiquei nessa função por três meses, um tremendo desafio. Em seguida estive como coordenadora pedagógica de uma EMEFM, me permitindo novos olhares sobre as necessidades do Ensino Fundamental I, II e Médio dentro da Rede Municipal de São Paulo.

No ano seguinte, estive no cargo de coordenadora na EMEI em que fui professora por cinco anos. Uma oportunidade de favorecer muitas formações aos professores, eu os conhecia bem e sabia dos desafios daquela equipe. Com estas experiências na gestão, compreendi o quão importante é dar apoio, boa formação, auxiliar, partilhar e buscar novos caminhos com sua equipe.

No ano de 2019 iniciei como Assistente de Direção de uma EMEF e depois de dois meses fui designada para a direção de uma EMEI mais próxima a minha casa. Ao chegar nesta Unidade me deparei com a necessidade de reestruturar o parque sonoro e

oferecer a formação em educação musical, nos quais se basearam a minha pesquisa. Os gestores que apoiam os projetos pedagógicos e são parceiros fazem muita diferença na sala de aula. Busquei auxiliar, pesquisar, colaborar com o papel do professor, que é tão importante e faz toda a diferença no ensino.

E esta sempre será a minha postura, como professora ou gestora na Unidade, me dispor a contribuir para o aprimoramento da formação de professores, seja com a musicalização ou outros temas relevantes, enriquecendo as nossas práticas em todos os campos do conhecimento.

A música é parte integrante de todos os currículos que permeiam a educação infantil, portanto os educadores necessitam receber formação de qualidade com esse tema.

Diante do exposto, busquei aprofundar meus estudos sobre a formação dos professores da rede municipal de São Paulo sobre o trabalho com a música na educação infantil, e no ano de 2019, ingressei no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe), na Universidade Nove de Julho (Uninove), muito grata pela oportunidade.

Depoimento pessoal Impacto do Mestrado na minha vida

Encerrei o meu Mestrado Profissional em Educação em dezembro de 2020, com um misto de emoções pela conquista deste título e com a responsabilidade que o conhecimento carrega. Em meio à Pandemia, preferi preservar a minha saúde e a da minha família e permaneci com aulas on-line na Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de São Paulo, recusando todos os convites para Gestão, que naquele momento deveria estar trabalhando presencialmente. Dentro desse contexto da sala de aula vi a possibilidade e a extrema necessidade de termos educadores pesquisadores dentro da sala de aula. A pesquisa e a investigação estão continuamente na vida dos pequenos, existe uma tremenda curiosidade da parte das crianças sobre o “Novo”, o “Desconhecido”, e eu me encontrei nessa parceria com as

crianças. O dia a dia com as crianças é muito leve, divertido e descontraído, as falas de descobertas, os anseios e medos me fizeram retomar essa paixão docente.

A potencialidade de pesquisa vivenciada no Mestrado continuou em muitos aspectos educacionais, auxiliando na realização de documentações, em reivindicações de melhoria para a escola, aprendi a não me conformar com o primeiro NÃO que recebo na Educação, e agora sempre busco documentos para embasar minhas solicitações, sempre sendo voz daqueles que não a possuem no momento, as crianças.

Fiz cartas de solicitações para SME, Sindicatos, Gestores, DREs e muitas delas foram respondidas positivamente, pois estavam embasadas em documentos oficiais.

Hoje aprendi a formular minhas próprias hipóteses diante das discussões, muito embora limitadas em muitos aspectos políticos, mas com o novo olhar sobre o outro e sobre nós mesmos, resiliente no sonho de uma Educação de Qualidade para todos. Nesse momento escolhi a minha qualidade de vida, menos horas de trabalho, ao invés de trabalhar mais horas e ter menos tempo pra mim, busco servir meus alunos da melhor forma, espero influenciar os que estão a minha volta a buscar conhecimento de modo mais profundo e a também instigar novos discípulos à pesquisa.

UM ENCONTRO, UMA DESCOBERTA: A CAMINHADA DE UMA PROFESSORA-ESTUDANTE-PROFESSORA

Andreza Gessi Trova¹

Como iniciar um texto “biográfico”, em especial uma narrativa que destaque a trajetória acadêmica que estará intimamente ligada à jornada pessoal, profissional, ouso descrever os nossos diferentes “eus” e papéis que vamos assumindo ao longo dos anos e décadas. Vejo como encontro e desencontro, pois o curso acadêmico não é linear, ele acontece em tempos e espaços distintos. Ao receber o convite para apresentar o memorial, fiquei inquieta e pensando, como foi a trajetória de tantas outras mulheres, mães, professoras, coordenadoras, gestoras, entre tantos títulos e atribuições que nos são dadas de acordo com os cargos profissionais que assumimos! Quem somos antes e depois da titulação, seja de Mestre ou Doutora?

Considerando a interpelação acima, por muitos anos reflito sobre a minha condição física diante das estruturas sociais do nosso trabalho docente, pois quando discutimos sobre academia, normalmente não nos atentamos a quem fomos e quem somos, digo isto, pois nasci com deficiência física no final da década de setenta do século XX. E foi muito complexo construir a minha “identidade docente” sem referência de profissionais ou até mesmo de colegas com alguma deficiência ao longo da formação seja no Magistério, Pedagogia, Psicopedagogia, Grupos de pesquisa, Mestrado e mesmo nos momentos de partilhar as publicações em: Seminários, Congressos, sendo estadual, nacional e até internacional, sempre a “única” com deficiência visível, claro

¹ Mestre em Educação, Psicopedagoga Institucional e Pedagoga pela Universidade Nove de Julho.

quando estou portando a muleta, pois quando ela está ausente ou ao lado, contínuo “invisível” no visível.

E este “ponto” da minha vida, por algum motivo ou vários não foi possível adentrar o meu memorial na época da construção do texto final da dissertação do Mestrado. Mas em tempo para atribuir um lugar importante para a minha trajetória pessoal e profissional, não como uma descrição, ou autodescrição, que seria relevante, mas para que outros leitores(as) possam se ver e compreender que é possível, mesmo ainda sendo um número ínfimo de representatividade de pessoas com deficiência nos programas de Mestrado e Doutorado em nosso país. E não foi diferente no Mestrado, não me reconhecer em nenhum grupo, colegas, profissionais e IES, logo mais uma vez uma construção solitária tendo que de certa forma enquadrar as solicitações e demandas. E aqui não se faz juízo de valor em relação à Universidade, mas sim sobre o acesso, permanência de pessoas com alguma deficiência no acesso aos programas de Strictu Sensu, logo maior representatividade de profissionais da educação no Ensino Superior e quem sabe na Educação Básica.

Considero relevante este destaque, pois de acordo com o último censo 2023, somos 17,2 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, mas mais de 68% desta população não têm instrução ou possuem o ensino fundamental incompleto. Mas quantos(as) de nós na área acadêmica? Com certeza esta é uma inquietação que me acompanha, mas ficará para um outro desdobramento, outro texto, pois o objetivo deste é apresentar o percurso até o Mestrado, mas estas indagações são necessárias, para me apresentar antes de chegar à “conclusão” do Mestrado Profissional em 2014.

Trilhando os primeiros passos para a Docência

Como diria o nosso querido autor José Saramago “*não tenhamos pressa, mas não percamos tempo*”.

Questões acerca da formação e prática de professores têm me instigado desde a minha primeira formação no exercício da docência, pois identificava, por meio das minhas experiências pessoais e profissionais, como era difícil ser professora. Esta relevância era presente, pois não sentia segurança em ser professora, seja pelo fator da idade, na época 16 anos, ou pela ausência também de experiência.

Minha primeira experiência docente ocorreu quando ainda era aluna do Curso de Magistério, em 1994, na Escola Estadual Doutor Alarico Silveira, localizada na região central de São Paulo. Claro que nesta idade (dezesseis anos) tudo era novidade, pois era a primeira vez que assumia uma turma como professora e, quando chegava à sala de aula (primeiro ano do Magistério), os meus colegas perguntavam como era ser professora e tão nova ainda. Mas não pude ficar com a turma até o término do ano letivo, pois as exigências do curso do Magistério e do Estágio Supervisionado solicitavam maior dedicação. Esta primeira turma foi de Educação Infantil (EI), numa escola situada no Jaraguá, na qual fui contratada como professora no período matutino. Com aproximadamente doze crianças de três a quatro anos, se a minha memória não falhar, pois já faz muito tempo, e naquele momento os registros fotográficos tinham objetivos mais específicos, justamente por conta do processo de revelação. Não esquecendo que estamos trilhando meados da década de 90 do século XX.

Ao longo do curso do Magistério não assumi mais turmas de Educação Infantil, ainda que tenha recebido diversos convites. Percebia que, durante o processo de aprendizagem, ser professora não era uma tarefa tão simples, como imaginava, mas o Estágio de Regência, sendo acompanhado pela professora responsável da sala, bem como a docente de Didática e de Metodologia, já demonstrava o grande desafio de compreender teoria e prática durante as regências nos estágios supervisionados.

Durante este processo de formação passei por uma cirurgia no quadril, mas mesmo com esta intervenção cirúrgica não perdi um dia de aula e estive presente diariamente, mesmo com muletas

e tendo que acessar a sala no andar superior e sentada em uma cadeira convencional. Algumas vezes, pela delicadeza docente, alguns professores(as) perguntavam se eu não queria sentar na cadeira deles, pois era mais confortável. Mesmo dispensada da disciplina de Educação Física e Metodologia de Educação Física, fazia questão de participar das atividades esportivas e campeonatos, para ser entendida como pessoa com deficiência, mas não sem eficiência ou competência.

Não tive nenhum professor(a), colega com deficiência, somente a chamada “sala especial” no estágio para alunos(as) com diferentes deficiências, mas com os(as) quais nós estagiários não tínhamos contato e nem acesso, até o recreio deles(as) ocorria em horários alternados as outras turmas. Este era um momento extremamente angustiante, pois terminava o estágio e dele decorriam várias indagações sobre o motivo pelo qual aquelas crianças não estavam em sala regular.

Com a conclusão do curso em 1997 e com toda avidez de ser professora, fui à busca de oportunidade de ingressar na sala de aula. Passei em um processo seletivo em 1998 no Colégio Maria Imaculada (CMI) em São Paulo para trabalhar na Educação Infantil, ingressei no mercado de trabalho com o meu primeiro registro *pajem*, pois as creches conveniadas, nesse momento, aguardavam a tramitação da legislação sobre quem seria esse profissional de Educação Infantil (legislação esta que veremos no decorrer da pesquisa² do Mestrado em Educação).

A justificativa sobre o registro de *pajem* era apresentada porque eu era jovem (dezoito anos) e não tinha experiência como docente; logo, o registro não era como professora de Educação Infantil e também por se tratar naquele momento das Creches Conveniadas na cidade de São Paulo. Prossegui minha caminhada docente na Creche Madre Carmen Sallés, que era conveniada com a Prefeitura Municipal de São Paulo (PMESP), por quase dois

² Desafios do primeiro ano da docência na Educação Infantil, 2014.

anos com a turma que intitulemos como Mini-Grupo, naquela época crianças com 3 a 4 anos.

O desafio foi inquietante, e em mais um lugar assim como professora, “pajem”, nenhuma outra pessoa com deficiência e muito menos crianças, mas como os meus 19 anos esta não era a minha maior preocupação, mas sempre uma inquietação em ter que se enquadrar, adaptar, a minha sala era no andar superior e tinha que subir escadas várias vezes ao longo do dia, uma jornada de 40h semanais com crianças de 3 a 4 anos.

A primeira turma foi mais desafiadora, pois percebia que não tinha domínio da sala, todos os referenciais teóricos do Magistério, aulas, regências e atividades, não culminavam com as necessidades profissionais. E também era a professora mais nova de idade e de formação, então este é o momento que falo que o Mestrado começa a nascer, mas ainda em um plano muito superficial e subjetivo, pois sempre questionava, todos(as) nós fomos iniciantes em algum momento da nossa carreira docente, seja na Educação Básica, Ensino Superior e outros. Mas em alguns momentos da nossa carreira profissional somos “iniciantes” novamente, mesmo que a experiência anterior alavanque o processo de recomeçar, porém em outro nível de ensino, estamos começando novamente.

Depois desta experiência em São Paulo, fui para Belo Horizonte em 2001, trabalhei no Colégio Regina Pacis, esta ida para Minas Gerais foi para uma experiência religiosa³ e, a partir dessa chegada, assumi uma turma de maternal na Educação Infantil, como professora, mas como autônoma, de acordo com as normas da instituição religiosa. Foi um ano e meio como professora de Educação Infantil de uma instituição católica, mas mesmo como professora, as outras pessoas observavam mais as minhas ações como futura religiosa (freira) do que realmente como profissional da educação. E não sendo repetitiva ou recorrente no texto, este era um lugar em que somente um aluno

³ Desejo de ser vocacionada e ingressar na vida religiosa Concepcionista.

do Fundamental I com deficiência física, e de certa forma, no turno manhã, eu era a responsável por ele, qual seria o motivo, claro que não questionei no auge dos meus 22 anos de idade.

Observando o meu início de carreira docente até este momento, as minhas experiências e vivências estavam sempre na Educação Infantil, mesmo que no horário da manhã, no Colégio Regina Pacis, ficasse com o Fundamental I até o Ensino Médio, pois era como Orientadora e não na sala de aula. No grupo, a maioria das professoras detinha a titulação de Magistério e Pedagogia, e a fala sobre as práticas, atividades estavam alinhadas aos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. E a Coordenação estava sempre à disposição em reuniões, orientações e formações.

Neste intervalo de São Paulo a Belo Horizonte, ingressei no curso de Pedagogia da Faculdade Campos Salles, mas, por questões de cunho particular, precisei desistir, mas quero deixar registrado que a professora Dra. Márcia Gobbi foi minha docente em educação infantil no curso e jamais esqueci das suas provocações à luz de Mário de Andrade e seus Parques Infantis.

Ao regressar a São Paulo, em meados de 2001, percebi que a Educação Infantil era a oportunidade de rever e avaliar a minha formação. Em 2003 fui trabalhar na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMESP), no projeto Centro Educacional Unificado (CEU), no Jardim Nardini (Zona Oeste de São Paulo).

Assumi uma turma no Centro de Educação Infantil, mas cabe ressaltar que, no processo de seleção da PMSP, a exigência mínima era Magistério com habilitação na Educação Infantil. O Centro de Educação Infantil (CEI – Creche) em que fui contratada como Professora de Desenvolvimento Infantil (PDI) antes de sair o primeiro concurso, trabalhava com crianças de dois a três anos. O município de São Paulo estava neste momento com um projeto de transformação de cargo das profissionais Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADI) para Professor de Desenvolvimento Infantil desde que realizassem a Graduação em Pedagogia. E pela quinta vez estou com a turma Mini-Grupo, mas

com uma estrutura diferente, pois trabalhávamos em três professoras, em um grupo de quase 60 profissionais da Educação Infantil, a maioria com uma grande jornada profissional e algumas que já tinham ocupado cargos na direção e supervisão de ensino no município de São Paulo. Eram dois turnos, por conta da legislação de profissionais de Educação Infantil da cidade de São Paulo, mesmo em regime de contrato e no decorrer da abertura de concurso público para PDIs.

Foi uma experiência extremamente significativa, pois mesmo como professora titular, na aprovação do concurso, passei a ser professora volante e tive a oportunidade de construir experiência em diferentes salas, em especial com os bebês, que neste momento ainda não eram protagonistas nos documentos oficiais. Era um momento da secretaria de Educação em Educação Infantil, em que estavam construindo documentos, apoiando-se em literaturas que passaram a discutir com maior ênfase sobre o desenvolvimento dos bebês.

Cabe ressaltar que, nesse momento (2003), na Educação Infantil não havia a obrigatoriedade de matrícula de crianças a partir dos quatro anos. Esta alteração foi realizada por meio dos dispositivos legais em relação à ampliação de um ano no Ensino Fundamental, tornando obrigatório o acesso da criança à Educação Infantil conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. A Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009, estabelece:

3. Concepção da Educação Infantil / Matrícula e faixa etária:

- É obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5 anos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula;
- As crianças que completam 6 anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas na Educação Infantil; [...]. (BRASIL, 2010, p. 15).

Esta experiência na PMESP permitiu refletir e retomar a minha graduação, pois percebia que os conhecimentos abarcados em minha formação inicial no Magistério não eram suficientes

para atender as necessidades dos meus alunos e alunas da Educação Infantil, pois, em meio aos professores que trabalharam comigo, eu era a professora mais jovem e com pouca experiência, comparando com as demais profissionais – profissionais mulheres, com vasta experiência na Educação Infantil. Claro que fui atravessada neste momento com o falecimento de uma criança no nosso CEI, que de certa forma ocorre a transformação e necessidade de uma formação específica para atuação na Educação Infantil. Mas cabe ressaltar que este foi o momento mais conflitante e difícil na minha carreira docente, que em momentos questioneei se permaneceria na educação ou se buscaria outra atuação profissional. Estes são momentos solitários da nossa profissão e considerava que era nova como docente e que era necessário resgatar o projeto profissional de retomar e retornar à pedagogia e não necessariamente seria na mesma instituição que comecei, mas o mais importante era conhecer o curso, a sua nota no ENADE e a partir deste ponto prestar o processo seletivo, que guardo com carinho, que naquele processo seletivo fui uma das primeiras aprovadas na prova.

Retomei a graduação no curso de Pedagogia, na época a IES oferecia vários formatos da licenciatura em Pedagogia e como detinha o diploma no Magistério com habilitação em Educação Infantil e Ensino Fundamental I, realizei o curso de Pedagogia em Administração Escolar de 2005 e concluí o curso em 2007. Durante este período da Pedagogia fiquei afastada das salas de aula de Educação Infantil, somente com atividades extracurriculares (reforço) e tinha a função de securitária da empresa de seguros Allianz, por conta também do acometimento físico (deficiência congênita no quadril).

Durante a graduação tive que passar por dois processos cirúrgicos, em dezembro de 2005 e julho de 2007, e não deixei que isso afetasse a minha formação acadêmica, sempre lembro que não faltou nenhum dia de aula, pois considerava que este era um momento de extrema necessidade de dedicação, leitura e pesquisa, dando continuidade aos estudos. Nunca me esquecerei

da minha professora Me. Denise Gomes, amiga pessoal nestes últimos 16 anos, sua visita no hospital depois da cirurgia em 2007, foi um momento delicado e generoso, como aluna de graduação, um olhar para além da sala de aula e dos conteúdos acadêmicos, mas das relações humanas.

O desejo de concluir o curso superior demonstrava a sua exigência, nas horas de AACC, estágios, disciplinas, leituras, concomitantemente muitas mudanças pessoais, residência, emprego, de saúde, que no momento eram tormentas e ao mesmo tempo bálsamo, pois o projeto estava sendo concluído, com muita dedicação, empenho e com amizades que trago até hoje na minha vida, tanto dos meus amados e amadas professores(as) e das amigas durante os três anos do curso, em especial a Silvana e Marina.

E em uma aula o meu eterno professor Dr. Helvio perguntou: “Drê, já pensou em ser professora do Ensino Superior?” Claro que naquele momento não identificava a possibilidade de ser professora do Ensino Superior e ainda mais em Pedagogia, como um lugar muito distante, quase inalcançável, eu aluna, professora de educação infantil, sendo professora universitária! Esta fala era sonora, e comecei a pensar como seria interessante conciliar a minha condição física, depois de sete intervenções cirúrgicas e uma artrose crônica no quadril e não tendo mais condições físicas de retornar às salas de aula de Educação Infantil, seria uma oportunidade para se pensar e refletir na carreira docente. Com os problemas de saúde física fui me distanciando cada vez mais das práticas em escolas de Educação Infantil, mas nunca deixando de estudar e pensar sobre a pequena infância. Mas ficava inquieta, quase uma autossabotagem, não conhecia nenhum professor com deficiência e, no Ensino Superior, pude conhecer alguns professores(as) com outras deficiências, mas ainda um número pequeno, mas já não me achava a única, mesmo que durante os três anos da pedagogia, a única aluna com deficiência permanecia com a mesma quantidade de representatividade: ausente.

Onde identificava na IES pessoas com deficiências, nos elevadores com os colaboradores(as) que todos tinham alguma condição/deficiência e alguns professores, mas que não foram os meus docentes durante a formação inicial, mas já era um “anúncio”.

Diante disso, fui percebendo durante a graduação que poderia sim retornar para a Educação Infantil, mas no papel de formadora dos futuros profissionais deste nível de ensino. Este era um novo olhar para este nível de ensino. Neste sentido, Georges Snyders (1993, p. 45) provocou, em seu texto sobre formação do professor, como seria atuar nos cursos de Pedagogia:

O que baseia uma pedagogia, o que constitui o critério entre as pedagogias, são os conteúdos que estas apresentam, ou mais exatamente, as atitudes a que se propõem levar os alunos: que tipo de homem esperam formar? Uma pedagogia progressiva distingue-se de uma pedagogia conservadora, reacionária e fascista, pelo que diz. [...] Para se perceber a significação de uma pedagogia é necessário remontar ao seu elemento dominante: o saber ensinado. O que se diz e o que se oculta aos alunos? Como lhes é apresentado o mundo em que vivemos? Para que ações os conduzem as palavras, os silêncios, as atitudes implícitas ou explícitas do mestre? Que ajuda se lhes dá, para ultrapassarem as mistificações interessadas, nas quais tantas forças contribuem para os manter?

Com o término da graduação em Pedagogia, e diante das exigências acadêmicas, realizei o *lato sensu* em 2009 com o objetivo de ingressar no ensino superior. Saí da empresa anterior (seguradora) e, concomitantemente com o *lato sensu*, era secretária da Educação a Distância (EaD) dos cursos de Licenciaturas.

Este foi um momento instigante entre o final do curso de pedagogia e o ingresso como funcionária, pois alguns professores(as) da graduação estavam no Mestrado, então comecei a participar de todas as aulas abertas no programa, assistindo os palestrantes, professores convidados externos,

qualificação, defesas e sempre procurava comparecer mesmo que de forma tímida, mas com interesse. Neste momento sou surpreendida pela professora Niuza e um grupo de docentes que realizam uma ação para que eu pudesse cursar a especialização, pois no momento não detinha recursos próprios e ainda estava pagando o acordo financeiro do último semestre, pois ao ficar no INSS, acabei angariando débitos com a IES. Foi um momento de diversos sentimentos, alegria, medo, insegurança e vergonha. Escrever esta trajetória é lidar com muitos momentos da nossa vida que não tornamos públicos e muito menos compartilhamos, e muitas vezes pode até chegar “apenas” à conclusão do Mestrado, esquecendo como foi para chegar até o programa.

Neste mesmo ano, participei de um Programa de Formação do Futuro Professor (PFFP), conciliando com o final da especialização, pesquisa para a produção do artigo final e claro a dedicação aos sábados presenciais. E a conclusão em uma linda cerimônia com os alunos(as), professores(as), gestores e Reitores da IES transformando esta noite em um lindo sonho realizado.

Mas fui a última a ser chamada como professora na Pedagogia, pois ainda estava no cargo como secretária e acumulei neste primeiro semestre dois cargos na IES, este foi um processo longo, inquietante, mas extremamente significativo.

Com o vínculo cada vez mais forte com a instituição e o desejo de retornar para a sala de aula fui aprovada no processo e assumi minha primeira turma (6º semestre de Pedagogia) em fevereiro de 2010 e partir daqui um novo capítulo daquela menina que começou com 16 anos na primeira sala de educação infantil como professora. Esta aprovação foi coletiva, muitos professores(as) e amigos(as) compartilharam este processo intenso e faço questão de nomear e homenagear. O meu saudoso Professor José Paulino que não está mais neste plano, Professor Dr. Hέλvio, Professora Me. Marie, Professora Me. Filomena, Professora Me. Niuza. Professora Dra. Lígia, Professora Rosana e Professora Dra. Rosileny. A vocês os meus sinceros agradecimentos, este foi um capítulo possível na minha jornada

docente porque vocês fizeram com que ele se tornasse realidade pessoal e profissional.

Professora no curso de Pedagogia

Eis a chegada do grande dia, fevereiro de 2010, a primeira turma, 6º semestre, Memorial, manhã, prédio C, disciplina Metodologia da Educação Básica, aqui senti como se nunca tivesse adentrado em uma sala de aula. E questionava se tudo o que tinha estudado no Magistério, Pedagogia, Especialização e no curso do PFFP e a experiência como professora de Educação Infantil em instituição privada e pública seriam relevantes para colaborar e provocar a construção de conhecimentos para o futuro profissional da educação. Aqui registro agradecimento especial à professora Dra. Viviani e a professora Dra. Rosiley, pois estiveram presentes nestes primeiros dias de aula, planejamento, discussão do conteúdo, correções e avaliações, pois falo de uma professora iniciante no ensino superior com uma turma de 6º semestre, com muitos questionamentos.

E o meu objeto do mestrado mais uma vez aparece nas minhas reflexões, porém mais claro, objetivo, pois partilhava com as professoras citadas anteriormente que seria relevante em qualquer nível de ensino que os profissionais iniciantes deveriam ter um professor tutor que tivesse mais experiência para acompanhar estes primeiros momentos que nos apresentam inquietações, mais especificamente para quem nunca tivesse adentrado a sala de aula como professora responsável. Se aconteceu no meu processo, mesmo com alguns anos de docência, mesmo sendo em outro nível de ensino, ficava indagando como isso poderia ocorrer com profissionais que teriam a sua primeira experiência como docentes pós conclusão da licenciatura.

E como o processo do semestre, as aulas, avaliações, atividades e por se tratar de um sexto semestre, provoca nas aulas e atividades momentos de reflexões sobre o ingresso no mercado de trabalho como futuros profissionais da educação, seja na

Educação Infantil, Ensino Fundamental I ou na Gestão, considerando que estas não são as únicas possibilidades de mercado de trabalho para quem concluir a licenciatura em Pedagogia, mas estávamos olhando para a docência.

E a pergunta que fazia é a mesma que muitas alunas durante a graduação de Pedagogia me fazem até hoje nas aulas remotas: “Professora, depois dos três anos de graduação como serei professora, será que estou preparada para a minha turma? Como vai ser? Hoje sou aluna e amanhã como serei como professora? Será que vai dar certo?”.

Durante estes quase treze anos de docente nos cursos de Pedagogia, Ciências Sociais, História, Ciências Biológicas, com maior ênfase na Licenciatura em Pedagogia, quando discutimos as questões da docência, as preocupações sempre se localizaram nos discursos dos alunos(as) durante a formação e também dos alunos egressos sobre o início na docência.

Neste processo fui convidada para ser professora colaboradora no Projeto de Iniciação Científica da Professora Dra. Rosiley e do Projeto Brado Retumbante do Mestrado e Doutorado Acadêmico, estes dois projetos ajudaram consideravelmente no amadurecimento da caminhada para o ingresso do Mestrado. Contato com a pesquisa, tabulação de dados, publicação, evento que a IES oferecia aos estudantes do PIC. E conhecimento da minha futura orientadora Professora Dra. Patrícia, pois era professora do Programa, mas ainda era apenas um “enamorar” o Mestrado.

Concomitantemente aos projetos e ministrando as disciplinas Metodologia da Educação Básica, Didática e, principalmente, Metodologia de Ensino da Educação Infantil, estas questões ficavam mais perceptíveis diante do referencial teórico estudado sobre formação de professores(as), especialmente quando tocava na fala das alunas(os) que não possuíam nenhuma experiência docente, mas já apresentavam nas discussões as dificuldades em ser professor(a).

Identifiquei a necessidade de pesquisar sobre os professores iniciantes na Educação Infantil, profissionais estes que estão ingressando na carreira do Magistério em seu primeiro ano da docência. Mas sempre olhando para o processo como aprendiz e trocando informações, leituras com profissionais sobre como a pesquisa poderia ajudar outros docentes no ingresso, mesmo compreendendo que esta é uma questão de política pública na formação inicial e continuada de profissionais da educação e que não é um problema exclusivo do professor(a) iniciante egresso da licenciatura de Pedagogia.

Durante a docência, pouquíssimos alunos(as) com deficiência, mas alguns colegas com deficiência visual, auditiva, física e uma forma de reconhecimento, mas sempre fui muito tímida, mas não esqueço quando a Professora Aparecida veio me dar parabéns por ter tentado o Mestrado e que tinha certeza que seria aprovada e com isso estaria representando-a e muitos outros colegas com algum tipo de deficiência.

Os eventos como ouvinte em congressos, seminários, em mesas que tratavam questões da Pedagogia, formação inicial, formação continuada, davam sinais de quais seriam as melhores possibilidades para o ingresso no Mestrado e alguns professores(as), juntamente com o incentivo e estímulo do Diretor Professor José Carlos para prestar o seletivo, mas a insegurança demonstrava que ainda era necessário amadurecer as leituras, a construção do projeto.

De aluna a Mestre em Educação

Quando poucos acreditavam no meu processo... Este é um momento que não são flores e descobrimos que nem todos(as) confiam em você e na sua jornada!

Realizei o processo seletivo em 2010 e este era um momento que a IES só oferecia uma estrutura de Mestrado, o acadêmico, foi extremamente tenso e tenho certeza que o medo e a insegurança dominaram, pois esta foi a primeira vez que escutei a palavra

reprovada e foi extremamente angustiante, mas não paralisador, pois tive amigas que foram e são até hoje fonte de admiração e inspiração: Margarete, Rosiley, Patrícia, Silvana.

Em 2011 na Universidade Nove de Julho (Uninove), por meio do programa de bolsas, ingressando no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa “Práticas Pedagógicas”, para discutir o primeiro ano da docência na Educação Infantil. Lembro claramente do processo seletivo e estudos, lembrando de uma frase que escutei de vários colegas: “faça a sua parte”, a minha parte era ser aprovada na prova e as outras etapas seriam consequência do processo da arguição, relevância do projeto etc. mas que não dependeria mais do meu resultado da prova.

Estudei muito, li todos os livros duas vezes e foi neste momento que descobri que tinha hipermetropia, o feriado de carnaval em 2011 foi para revisar os textos, resumos e reflexões. Uma mistura de sentimentos até a saída do resultado, neste dia estava em aula no curso de Ciências Sociais e quando o resultado foi divulgado no portal, a professora Dra. Margarete, na época coordenadora do curso de Pedagogia, foi me avisar que tinha sido aprovada para a próxima etapa, a arguição/entrevista. Este dia a entrevista foi realizada com a professora Dra. Margarita e a professora Dra. Patrícia, nervoso, ansiedade, medo de responder algo que não seria do mestrado, foi inundando a minha mente, não saberia dizer qual etapa foi mais desafiadora, mas cada uma com a sua real importância.

Mas tinha clareza que o resultado não era e não seria só meu, mas de um conjunto de pessoas que acreditavam no meu desempenho, prefiro lembrar deles e delas, dos que não acreditaram em mim, fiz o meu melhor tendo a certeza que os meus avós, amigos(as), alunos(as) teriam a certeza que a construção da docência se faz na leitura, pesquisa, reflexão e troca de saberes docentes, como diria nosso querido Nóvoa.

Sempre quis ser uma boa professora, independentemente do nível de ensino, mas em meu início de carreira, seja na Educação

Infantil ou, atualmente, no ensino superior, vivi situações em que muitas vezes me senti totalmente insegura quando reflito como foi o meu início de carreira como docente, sendo questionada muitas vezes sobre a minha competência atrelada ao fator idade e infelizmente à deficiência.

Eis o começo do Mestrado e com ele todas as demandas e expectativas entre professora do ensino superior, colaboradora no PIC e aluna da primeira turma do Mestrado profissional. O primeiro ano no PROGEPE solicitou dedicação, organização e muitas horas de sono que ficaram em um segundo plano, pois estudar o mestrado, trabalhando diariamente, conciliando as aulas como estudante, as aulas como professora do ensino superior no curso presencial, no curso em EaD, os estágios, TCC, as leituras das diferentes disciplinas, pesquisas, trabalhos, livros e em algum momento lembrar da vida pessoal. Foi neste momento que ganhei o meu cachorro Mestre Pingo, ele foi um eterno companheiro das madrugadas, finais de semana e feriados que eram os momentos de compreender a estrutura e exigência dos diferentes professores em suas disciplinas e conteúdos na formação do futuro pesquisador(a) e Mestre em Educação. Recordo que quando os meus alunos(as) perguntavam do Mestrado sempre reverberava com uma canção, nossa, em alguns meses serei Mestre e não pelo título, mas sim pela conquista, trajetória e toda dedicação.

As primeiras disciplinas concluídas, as amizades, as mudanças, o PEA, dedicação, preparo para exame de línguas/proficiência, construção da relação orientanda e orientadora, foram dois anos de muitos esforços, mudanças, aprendizados, algumas lágrimas, festas e fotos da participação em eventos internos e externos, pois estes não podem faltar, o único pedido que faria era de ter tido no meu grupo o módulo internacional, pois tenho certeza que esta seria mais uma experiência de extrema relevância pessoal e profissional. Como sou da primeira turma, gosto de pensar como as pioneiras do PROGEPE, assim como fui do PFFP.

O primeiro ano é o encantamento, as disciplinas, as palestras, módulos, créditos, muita leitura, trocas, mas quando menos se espera estamos nos aproximando do exame de proficiência, relatório de qualificação e o calendário, o ano já não é mais o mesmo, muito menos a mesma estação, aqui precisamos ser como a primavera florescer... e a qualificação são os primeiros cortes, podas necessárias para a continuidade da pesquisa, dos estudos e do tratamento da coleta de dados. Doce Clarice Lispector *até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro*, na academia os cortes são necessários.

A minha banca de qualificação foi extremamente generosa, cuidadosa e colaborativa, a Professora Dra. Luciana e a Professora Dra. Rosiley foram atentas aos escritos, ao texto e principalmente aos encaminhamentos para seguir até a defesa. Foi um dia de muito medo, nervoso, insegurança e ansiedade, mesmo tendo assistido várias bancas quando não era mestranda e como mestranda, mas ainda assim sempre vai o processo individual e subjetivo. Mas fiz questão de dar um toque a mais pessoas, pois era dezembro de 2013, próximo às festas natalinas, anotei, gravei, filmei, para ter certeza que depois no tempo e na vida poderia celebrar e apreciar este momento com riqueza de detalhes. Neste dia convidei apenas duas amigas para ajudar na hora que o nervoso imperasse, Margarete e Silvana. Não sei bem ao certo naquele dia, se a banca apreciou o meu trabalho, mas ali também era mais uma vez a iniciante, nascia a pesquisadora, não sei ao certo se sim ou não, mas já não era mais a mesma.

Gostaria de ter este mesmo tempo para me dedicar a este texto naquela época, pois aqui ele é mais leve, tranquilo e saudoso, recordar, lembrar destes momentos nos permite a construção de uma nova consciência do poder da educação e da sua transformação em um país que infelizmente ainda não construiu ou seu projeto de nação.

Antes da defesa, apresentação de trabalho no congresso, publicações, relatórios e apresentação das alunas de Iniciação Científica, provas, plantões de estágio aos sábados, notas,

correções, horas e mais horas, muitas horas de computador, escritas, leituras e conferências das referências, diariamente e, claro, salvar toda e qualquer mudança no texto pensando como será o dia da defesa, pois a cada dia ele estava mais próximo, pois mesmo mestranda era(sou) professora do ensino superior e tinha as atribuições e exigências do curso. Logo duas grandes demandas para conciliar e sem poder errar, falhar, faltar, deixar para amanhã, para depois, pois a cobrança individual era enorme e a externa também, de aluna a secretária, de secretária a professora do ensino superior e de professora a mestranda.

E assim seguimos os cronogramas, roteiros, organização da documentação, revisão do texto, produção dos volumes, e preparativos para a defesa, mas assim como a qualificação queria celebrar mais este rito de passagem e como era defesa, mas antes dos preparativos as últimas revisões, recordo de ter ido até a casa da minha orientadora para repassar todos os itens que a banca tinha sinalizado, os volumes, as gravações, os relatórios e foi um dia extremamente agradável no processo de troca e aprendizado. Gosto de pensar as relações sempre como um grande encontro e presente que a vida nos proporciona e agradecer sempre a cada oportunidade de experiência, reflexões e conhecimentos da vida.

Sempre gostei de ciclos, ritos e festividades, então convidei minhas amigas de diferentes momentos da minha jornada pessoal para celebrar coletivamente esta etapa, pois como a própria banca relatou na pessoa da Professora Dra. Rosiley, este momento de conquista representava muitas pessoas que ali estavam presentes, especificamente no dia 26 de março de 2014 às 14h no auditório do Mestrado e Doutorado da Universidade Nove de Julho.

Regado a muito carinho, orquídeas, *sempre fica o perfume de quem oferece flores*, e lembranças para cada convidado(a) e, claro, um delicioso lanche, assim se deu este grande dia, não dormi, pois de manhã a amiga Elida faria a sua defesa e na sequência seria a minha, então cheguei mais cedo, para dar um abraço e prestigiar este momento especial para ela e seus familiares, mas meu coração parecia virada de ano com aquela quantidade de queimas

de fogos que ocorrem, mas internamente. Parecia uma grande retrospectiva dos meus 35⁴ anos, separei até um caderno como fazia no magistério para que cada convidado registrasse algum depoimento para eternizar aquele momento que atravessava tantas vidas que cooperaram e colaboraram para eu chegar até ali, da minha professora do antigo Ginásio Gisele, a Anna Gallo, Maria do Carmo e Joanna do Magistério, a Marie, Margarete, Lígia, Adriana, Mônica, Sylvia, Aparecida da Pedagogia.

Mais as amigas de caminhada, Silvana, Núria e espero não ter esquecido de ninguém, pois já faz 9 anos da minha defesa. Assim como a banca presente na qualificação foi a mesma na defesa, presença da minha orientadora Professora Dra. Patrícia, professora convidada da PUC Dra. Luciana e Professora da IES Dra. Rosiley.

A maioria ali não sabe quantos foram os desafios, obstáculos e percalços para alcançar mais esta nova etapa, ou melhor, capítulo da minha vida, escrito a muitas mãos, olhares, conversas, mas muitas vezes solitário, pois esta solidude faz parte do processo da escrita, refinamento dos dados e escrita das considerações finais e a produção do material para a apresentação no dia da defesa. São dois anos que você deve sintetizar em no máximo 15 minutos todo o seu percurso para chegar até a intervenção ou proposta de intervenção, pois por ser um Mestrado Profissional esta é uma das exigências do programa.

Tentei me atentar aos elementos da justificativa e das considerações finais, pois eles dariam uma noção de como foi realizada a pesquisa e seus resultados parciais, coloco como parciais, pois compreendo que nunca serão finais, em se tratando de processo humano e educacional. Mas ressalto a importância de deter tempo de qualidade para este processo, pois a reta final é um período de exaustão emocional e como professora, entendo que todo e qualquer estudante deveria ter exclusividade para o estudo e pesquisa, seja no Mestrado ou no Doutorado.

⁴ Defesa do Mestrado em 2014

Em 2023, ainda não me reconheço como pesquisadora, mas sim como uma professora que tem o desejo de aprender, investigar e refletir sobre os processos que colaboram com a formação e atuação do docente que atuará com a primeira infância, o Mestrado ajudou em como compreender os diferentes conhecimentos, as diferentes técnicas de pesquisa, o respeito e tratamento dos dados coletados e como os princípios éticos são necessários na pesquisa com pessoas e sou extremamente grata às participantes da pesquisa construída no Mestrado.

Não temos como encaminhar para o encerramento deste texto sem mencionar o impacto que a pandemia interferiu intimamente no lócus do nosso trabalho e na construção das narrativas docentes, nas pesquisas, coleta e tratamento de dados nestes últimos anos. Que este tempo seja o nosso grande aliado para refletirmos como pensamos e queremos a educação, a formação de professores(as) e a construção de/dos novos pesquisadores(as), combatendo as fakes news, valorizando a ciência e os profissionais da educação.

Vislumbro um lugar onde a docência e a pesquisa estão alinhadas desde o começo da atuação do profissional da Educação Infantil e não exclusivamente a um pequeno grupo que tem acesso aos Programas de Mestrado e Doutorado em nosso país. A formação inicial precisa ter parceria com os programas para os estudantes no começo da carreira profissional serem impedidos(as) à pesquisa, ao conhecimento científico e à produção de conhecimento.

Referências

BRASIL. **Resolução** n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Brasília, DF: CNE/CEB, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contingência de pessoas com deficiência população: classificações e identidades.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 06 julho. 2023.

MONTERO, Teresa (org.). **Correspondências Clarice Lispector.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002. Nota: Trecho de carta escrita a Tania Kaufmann, em 6 de janeiro de 1948.

SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes:** Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

TROVA, Andreza Gessi. **Desafios do primeiro ano da docência na Educação Infantil.** 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Nove de Julho, São Paulo.

A CAMINHADA DE UMA PROFESSORA RUMO AO MESTRADO

Angelina Colombo

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 2006, p. 39).

Minha caminhada profissional iniciou em 1992. Nessa época ingressei em uma escola de educação infantil particular como professora aos dezessete anos. A partir desse momento eu tive a certeza de que era isso que eu queria para minha vida, tanto que estou na área de educação até hoje, há 26 anos. Não vou dizer que foi fácil, pois houve vários momentos prazerosos e muitos outros em que pensei em mudar de área profissional.

Contundo, durante minha trajetória, houve muita aprendizagem, com destaque para um período quando lecionei para uma turma de alfabetização e tive a responsabilidade de prepará-los para outra fase. Nessa época aprendi muito, tanto com as parcerias entre eles quanto com os professores, além de autoras como Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, as quais embasaram o trabalho e me auxiliaram nesse processo.

Com o transcorrer dos anos ministrando aulas, decidi-me que precisava me aprimorar. Por isso voltei a estudar e me graduei em Pedagogia. Essa formação me proporcionou várias trocas de experiências dentro da universidade e em sala de aula.

Com essa formação iniciei uma nova experiência profissional como Assessora Pedagógica, porque a partir desse momento, agora mais próxima às práticas pedagógicas e observando essas práticas dentro de sala de aula, comecei a perceber algumas

carências na formação de professores. Logo comecei a me indagar sobre essas lacunas.

No decorrer dos anos tive o prazer de ser Diretora Pedagógica e depois de 18 anos atuando na Educação Infantil percebi que era necessário ampliar as minhas experiências na educação. Assim, iniciei em 2010 como supervisora pedagógica em uma instituição de cursos profissionalizantes. Neste momento houve várias oportunidades de aprendizagem tanto na área administrativa como na pedagógica, e me dediquei a todas elas com afinco.

Mas a educação infantil sempre voltava em minha vida. Foi o que ocorreu, em 2013 recebi uma proposta para ser coordenadora pedagógica em uma instituição parceira da prefeitura. Para mim era uma nova experiência, pois nunca havia trabalhado em uma ONG, principalmente uma que prestava serviço à prefeitura. Apesar de várias dúvidas em minha cabeça, resolvi aceitar esse novo desafio e realmente dedicar-me a essa nova experiência.

Quando iniciei nesse Centro de Educação Infantil (CEI), as primeiras e necessárias interrogações foram:

- Como é essa escola, essas famílias, essas professoras e alunos?

- Como é essa parceria?

- Como seria a seleção dessas professoras e quais as suas práticas?

Mas em meio a tantas perguntas, a que ficou em evidência foi a respeito da formação dessas professoras. Comecei conhecendo cada uma delas, suas práticas dentro e fora da sala de aula, suas experiências, se eram felizes ou não nessa área, o que mais as afligia.

E percebi, no decorrer das minhas atribuições, que um item que ficava em evidência era sobre a formação dessas professoras, e durante um diálogo com a diretora, ela me informou que todo mês havia uma jornada pedagógica na escola, quando as professoras tinham um momento de formação e reunião pedagógica ministradas pela coordenadora.

Depois disso, durante a semana, comecei a observar tanto as aulas como os momentos lúdicos das áreas externas e a anotar todas as práticas que eu acreditava que precisavam ser melhoradas. Assim começamos a usar todas as jornadas pedagógicas para formação continuada das professoras, de modo que em cada jornada fosse trabalhado um tema como palestra, oficina, roda de conversa.

Nessa época, comecei a me preparar melhor para ministrar essas formações para equipe. Assim iniciei o MBA em gestão de ensino e fiz alguns cursos paralelos na APAE e na AACD para poder melhor atendê-las e formá-las.

Nesse período também comecei a perceber que as circulares recebidas via e-mail da Diretoria Regional de ensino raramente contemplavam cursos ou palestras para CEIs (professores e equipe), e quando éramos convidados somente o coordenador e um professor poderiam ir.

A partir disso comecei a perceber que os professores da rede direta, em contrapartida, dispunham de muito mais cursos, palestras, treinamentos do que a rede parceira, algo que me intrigou e me fez pensar em estudar sobre esse tema.

Assim, no final de 2016 participei do processo seletivo e em 2017 ingressei no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho, compondo a Linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional (LIPIGES), com o objetivo de aprofundar meus estudos, buscando refletir teoricamente e desenvolver pesquisas para aprimorar as minhas práticas e meus conhecimentos, a fim de agregá-los ao trabalho com a equipe escolar, uma vez que os nossos professores são os atores principais para qualidade da escola pública. Assim, finda-se esse ciclo, com a defesa e o depósito dessa dissertação de mestrado, no primeiro semestre de 2019.

Chego ao “gran finale”, o dia da minha defesa final, acordo cedo, me arrumo, faço todos os preparativos finais, no caminho para a universidade, meu coração começa a apertar e minha ansiedade está no topo, tenho uma crise de ansiedade dentro do

carro, tudo começa a tremer, mão gelada, corpo trava e começo respirar profundamente, pensando em tudo que fiz para chegar nesta reta final e que não iria me permitir a não concluir esse momento. Me acalmei, respirei fundo e continuei o trajeto.

Quando cheguei na universidade, minha orientadora pergunta se eu estava bem, pois estava pálida, informei a ela que tinha tido uma crise de ansiedade, mas que iria defender a minha dissertação. Quando entrei na sala, estavam todos os convidados, a banca, minha orientadora Patrícia Bioto, que me apoiou tanto neste processo, todos olhando para mim, nesse momento penso:

- Que os jogos comecem!!!

Finalizei esse momento que foi tão importante, tanto para minha vida pessoal quanto profissional e acadêmica. Os frutos iriam começar a nascer depois que defendi minha dissertação em março de 2019.

Continuei sendo coordenadora pedagógica do Centro de Educação Infantil da rede parceira, mas percebendo que o fim deste ciclo estava chegando, dentro do próprio CEI, quando ministrava formação continuada para minha equipe docente. Alguns convites para ministrar formações começam a surgir para escolas públicas como partiulares.

Um convite que aceitei de imediato foi uma palestra sobre Documentação Pedagógica – Registro, realizada na UNICEU – Casa Blanca, polo da UAB (Universidade Aberta). Construí um carinho muito grande pela equipe de coordenação, todo ano ministro dois momentos de formação para a rede.

Em outubro de 2019, finalizo o meu ciclo como coordenadora pedagógica do Centro de Educação Infantil e inicio uma nova fase como formadora particular em escolas da rede pública e particular.

Mas não contava com a pandemia que infelizmente parou o mundo, um triste momento de perdas, preocupações, incertezas, mas muita fé de que essa doença passaria. Neste momento as escolas param e iniciam outras estratégias para atendimento de seus alunos, neste momento tive que me reinventar e comecei a dar apoio para

professores de educação infantil em lives no youtube, no facebook e iniciei produções de materiais para universidades nos cursos online, que naquele momento estavam em alta.

A escola, em 2021, começa a voltar presencialmente com protocolos de saúde e volto para sala de aula, mas na rede estadual com uma turma de primeiro ano, fundamental I, um momento maravilhoso de muita aprendizagem, ainda com muitos protocolos de distanciamento pelo motivo da COVID.

Meus familiares não concordaram muito comigo, mas eu precisava voltar para o chão da escola, muita interação, pesquisa, aprendizagem, autoavaliação das minhas práticas pedagógicas, novos olhares para a educação, com essa turma finalizo o ano de 2021.

Mas claro que a paixão de ser formadora não sai de mim, com outro projeto acontecendo paralelamente, em meados do mês de setembro de 2021, retorno como formadora credenciada da rede pública de São Paulo em um projeto de Gestão e Práticas Educacionais para os Gestores de Educação Infantil da rede direta (Centros de Educação Infantil – CEIs e Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEIs).

Desde então estou como formadora credenciada na rede pública de São Paulo, participando de mais um projeto, este voltado para os Centros de Educação Infantil – CEIs, tanto para rede direta quanto parceira e formações particulares com a minha empresa.

Mas essa história será contada em outro momento, o que posso escrever para todos os leitores e todas as leitoras é que o mestrado contribuiu para minha mudança profissional, abriu meu olhar e fez com que eu refletisse sobre minhas práticas e me aperfeiçoasse cada dia mais. Agora estou focada para mais um desafio, o doutorado!

NUANCES QUE RESSIGNIFICAM A DOCÊNCIA

Camila Rosa dos Santos Aleixo

Meu trajeto magistral, conjuntamente ao encantamento pela educação, começou aos 16 anos, quando ingressei no curso de Magistério realizado no Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – CEFAM. Imersa em um currículo formativo admirável, tive a oportunidade de vivenciar o enlace harmônico entre teoria e prática, imprescindível na constituição da profissionalização docente.

Admirada com as ricas experiências e aprendizagens nos quatro anos de curso, desvencilhar-me da educação já não era mais



possível. A essa altura, em meio aos estágios de observação e regência, algumas convicções docentes se solidificaram em tenra juventude, como a admiração por deslumbrantes práticas pedagógicas, a criticidade comparativa entre práticas restritas e engessadas, a estruturação e organização de diferentes espaços, o primeiro amor à Educação Infantil e a certeza de uma escolha profissional constituída de sonho, dedicação e esperança na educação.

A inquietação e ânsia por dias melhores enquanto docente motivou-me a buscar diferentes concepções e experiências em redes de ensino do ABC, atuante predominantemente em creches e pré-escolas por 15 anos. Minha motivação por especializações era constante, assim como a predisposição formativa, partindo de

convites para socialização de boas práticas embasadas em projetos desenvolvidos por mim.

Com formações diferenciadas, meu percurso acadêmico se consolidou. Após o Magistério optei por experienciar outra especialidade, que me propiciasse embasamento relevante na atuação com bebês e crianças na área de corpo e movimento. Assim, realizei o curso de licenciatura em Educação Física como primeira graduação, seguida da Pedagogia, complementando essa primeira etapa.

Posteriormente, impulsionada por perquirições provenientes do exercício docente, especializei-me em Arte e Educação e Psicopedagogia. Nesta constante busca por fundamentação e novas metodologias, diversos outros cursos se integraram a minha formação, lapidando e direcionando meus passos acadêmicos.

Comparações e questionamentos correspondentes à totalidade das realidades educacionais observadas nos municípios em que atuei evidenciaram a necessidade de maior aprofundamento teórico e empírico.

O desvelar da profissionalização

O prelúdio de minha carreira se deu na Prefeitura de São Bernardo do Campo, aos 20 anos, quando assumi meu primeiro cargo efetivo, e assim atuei por 10



anos, exclusivamente na Educação Infantil, em unidades de creches e pré-escolas. Imensuráveis foram minhas aprendizagens metodológicas e conceituais por meio da prática e da formação

continuada dentro e fora da escola, direcionadas minuciosamente ao atendimento e anseios da primeira infância.

Em 2010 ingressei na Prefeitura de São Paulo como Professora de Educação Infantil – PEI, cargo específico para o exercício em Centros de Educação Infantil – CEI. A concomitância dessas redes torna inevitável o confronto de contextos municipais, fomentando dilemas e interrogações, atreladas principalmente à prática docente.

Alguns descontentamentos na carreira e estatuto do magistério no município de SBC impulsionaram-me a buscar novas possibilidades de trabalho na esfera pública. Com a aprovação em alguns concursos fui convocada pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e pela Rede Estadual de Ensino, contudo imersa na realidade profissional do acúmulo de cargo não pude assumir por incompatibilidade de horários.

Em meados de 2013 nova possibilidade surge ao ser convocada pela Prefeitura de Santo André, efetivando a transição para outra autarquia. Experiências inovadas confirmam minha escolha pela carreira docente, decorrente de novos olhares para prática e socialização entre os profissionais. A possibilidade de trânsito entre modalidades dessa rede oportunizou-me conhecer além da educação infantil também a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Especial, alargando meu olhar e experiências práticas.

Nessa etapa da carreira, minha prática docente até então natural e “somente minha” ganha certa visibilidade por parte de gestores, desencadeando indicações para apresentação de Projetos desenvolvidos, formações e convites para cargos de gestão. Diante desses novos desafios, experiências de cunho formativo passam a compor minha atuação, denunciando uma afinidade e apreço pela formação de professores até então desconhecida em mim.

A infinidade de possibilidades oportunizadas pela educação me transporta a novas esferas. A atuação enquanto formadora fomenta novamente a premência em expandir e



fundamentar meu currículo acadêmico, apresentando-me assim ao Mestrado Profissional de Gestão e Práticas educacionais da Universidade Nove de Julho.

Intencionando melhor compreender a prática docente aplicada no atendimento às crianças e bebês no município de São Paulo, nasce esta pesquisa, buscando, através da análise documental, conhecer as orientações metodológicas descritas para a orientação da prática professoral. A pesquisa trouxe algumas importantes evidências a respeito do processo formativo da Educação Infantil Municipal, principalmente referente às circunstâncias estruturais e organizativas e aos espaços e tempos restritos.

Entrelaçamentos fecundos

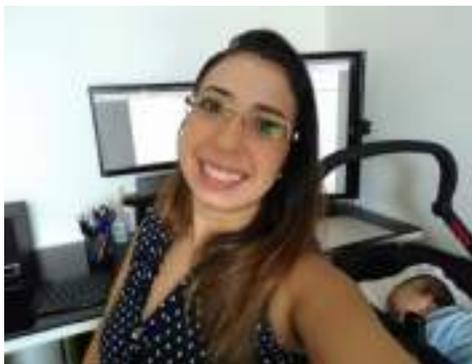
Conjuntamente à aprovação no processo seletivo do mestrado, no ano de 2017, tomada por imenso entusiasmo e planos, a fertilidade me presenteia com a concepção do meu Joaquim, mostrando-me a potencialidade feminina da criação em sua plenitude, despontando o encorajamento e poder pessoal na conciliação de todos os papéis de demandas vinculados a mim.



Diante de dois grandes sonhos acontecendo concomitantes – Gestaçã e Mestrado, me descobri enquanto mãe e

pesquisadora. A gestão do tempo se fez um grande desafio, considerando minha permanência no trabalho docente em duas redes, tamanho esforço me direcionava à necessidade de escolhas profissionais futuras, pela impossibilidade de atuação com qualidade em todos os contextos em que estava inserida.

Joaquim se formou em meio às aulas, apresentações em eventos, participação em congressos, leituras, escritas, aprendizagens e muitas superações pessoais, em meu grupo de colegas já era o “mestrinho”. Reflexões me acompanhavam neste



processo buscando compreender como melhor agir diante deste turbilhão de demandas, até que me compreendi vivendo a potência da fertilidade, me impulsionando para grandes experiências e superação. Ao final de setembro de 2017 ele nasceu e, me mostrando que tudo daria certo, que tamanhas eram minhas capacidades enquanto mulher.

No ano de 2018, retomei as atividades já em um novo contexto, Joaquim já não me acompanhava mais no ventre, o suporte de uma rede de apoio era fundamentalmente, constituída por meu companheiro, André, meus sogros e minha mãe, foram importantíssimos.



No mesmo ano realizei o módulo internacional na Flórida, experiência essa duplamente intensa pela conquista e saudade, me recorde de retirar o leite materno com a bombinha e descartá-lo no hotel chorando, as compras focadas em roupas e itens para bebê como forma de amenizar a maior saudade que havia sentido na vida, e na

mesma proporção da felicidade em abraçá-lo no aeroporto quando voltei.

Todas essas novas vivências, até então inimagináveis, me indicaram a necessidade de repensar minha vida profissional, a intensidade de trabalho e compromissos que ocupavam todo o meu dia e noite já não fazia mais sentido naquele momento, em que eu só desejava ser mãe, e encaminhar minha pesquisa. Então, pela primeira vez, após tantos convites e oportunidades, decidi por aceitar o cargo de Diretora escolar em uma EMEI na prefeitura de SP, intencionando vivenciar a gestão como norteadora de uma possível escolha profissional.

Ainda que certa de que precisava optar por uma única rede de trabalho, a incerteza por qual era constante, pois tratava-se de optar por um plano de carreira promissor e sólido da prefeitura de SP, ou por um contexto de trabalho



com maior qualidade, profissionalmente menos estruturado. Então, em janeiro de 2019, recebi a convocação para assumir o

cargo de Supervisão escolar na prefeitura de SP e, para meu desapontamento não pude assumir por não ter ainda o tempo de gestão escolar exigido. Desapontada, dentro de uma lógica muito pessoal, percebi que esse era um indicador e decidi por exonerar tempos depois na prefeitura de SP.

Em contrapartida, passei a ponderar com maior afinco a valorização profissional da rede de Santo André aos docentes mestres e doutores, me percebi claramente contemplada, incluindo direitos resguardados (com licenças concedidas no período das disciplinas com dispensa parcial, como no período final de escrita da dissertação com dispensa total, criteriosamente validadas pela equipe responsável), tendo em vista minha intenção de continuidade acadêmica no doutorado, e assim novos direcionamentos teve minha carreira.

A conclusão do mestrado ocorreu em junho de 2019, considerando a prorrogação de 4 meses da licença maternidade para estudantes de pós-graduação (direito este que desconhecia), de tamanha relevância e respeito a pesquisadoras que se tornam mães durante suas especializações. O aprofundamento em relação a essa temática do impacto da maternidade na carreira científica das mulheres trouxe-me acolhimento diante das minhas reflexões sobre o entrelaçamento da maternidade com demais áreas; clareza quanto ao papel social da mulher em suas diversas nuances de gerar, educar, formar filhos, ocorrendo concomitantemente a sua formação e ascensão profissional e acadêmica, elucidando de fato o período fértil feminino em sua totalidade biológica, acadêmica, social e profissional¹.

¹ <https://www.eng.ufba.br/parent-science-o-impacto-da-maternidade-na-carreira-cientifica-das-mulheres-brasileiras>, acesso em 27/07/2023.



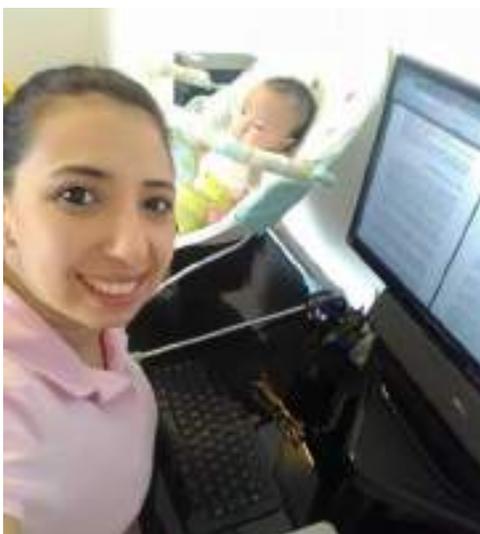
Como resultante de todo o processo de análise pessoal, em 2020 encerro minha trajetória de 10 anos de atuação na tão almejada prefeitura de SP, empoderada de minhas escolhas, certa do alinhamento com minhas verdades e meus projetos futuros, com um rompante de encorajamento em poder escolher meu lócus de atuação, de forma libertária em que meus papéis tivessem espaço para se desenvolver com melhor qualidade e leveza.

A confluência na infância

As razões de interligação da infância como campo de estudo nortearam minha trajetória acadêmica e profissional. As observações e reflexões desencadeadas, a partir do cotidiano experienciado nas creches, instigaram-me a estudos mais aprofundados sobre a educação infantil, resultando assim na pesquisa desenvolvida no mestrado intitulada “Prescrições de práticas professorais de educação infantil no município de São

Paulo²”, que intencionou melhor compreender a prática docente aplicada para o atendimento às crianças e bebês no município de São Paulo por meio de análise documental, das orientações metodológicas descritas para a ação docente em Creches e Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis).

A conclusão do mestrado reverberou para além da titulação em si. A intensidade de comprometimento e dedicação voltada à pesquisa cria-nos saudosos hábitos, os quais, embora intensos, não desejamos deixar. As experiências das atividades realizadas e inseridas na educação superior convidam-nos a experimentar novas práticas, como a gravação de videoaulas, publicações, participação e organização em eventos, grupos de estudos e demais, impulsionam voos inesquecíveis.



Embora o encantamento e a afinidade com a pedagogia da infância emergissem em paralelo ao curso de magistério, realizado nos anos 90, o aprofundamento das especificidades do desenvolvimento infantil se consolidou como objeto de estudo na experiência da maternidade, ampliando meus olhares para novas vertentes da

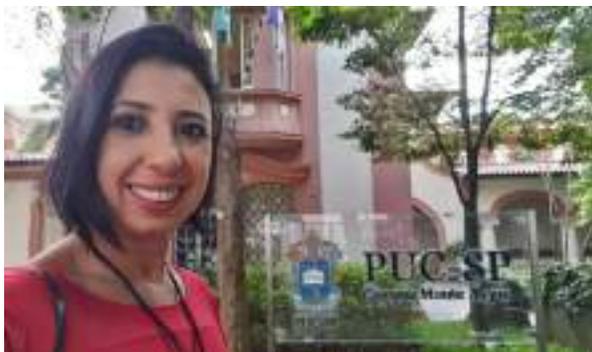
infância, trazendo-me reflexões mais sensíveis, ponderando o sujeito criança. O desvelar conceitual da infância verdadeiramente se fez na junção do expectar da mãe pesquisadora, impulsionando

² ALEIXO, Camila Rosa dos Santos. Prescrições de práticas professorais de educação infantil no município de São Paulo. / Camila Rosa dos Santos Aleixo. 178 f. Dissertações (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2019.

assim a continuidade da pesquisa envolvendo a modalidade Educação infantil, contudo tendo como centralidade do objeto de estudo do doutorado as culturas infantis.

No âmbito profissional, tornei-me diretora escolar de Creche em 2020. A atuação neste cargo ampliou a percepção acerca das infâncias e seus contextos sociais, aguçando ainda mais o desejo de aprofundamento relacionado à criança contemporânea, especialmente no que tange às culturas infantis em meio ao cenário pandêmico iniciado em março de 2020, fator esse que restringiu as interações devido ao isolamento social.

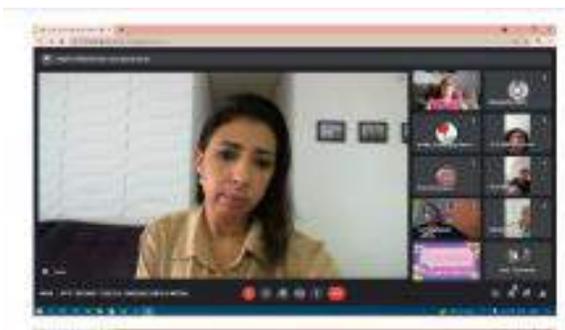
Conjuntamente a toda complexidade da restrição de convívio social no período da pandemia, emergiram reflexões relacionadas ao desenvolvimento e cuidados voltados ao Joaquim, afunilando meu olhar inicialmente em nossa própria rotina, meus questionamentos relacionados à adequação dos estímulos e hábitos parentais vivenciados a cada fase, potencializando suas aprendizagens de maneira saudável. As indagações quanto à utilização de telas emergiram desde o primeiro ano de sua vida, gerando questionamentos sobre como mediar o hábito adulto, incorporado ao cotidiano, com os cuidados e a interação com o bebê. À medida que Joaquim crescia, a atratividade da tela se consolidava como um recurso, apresentando-se em seu rol de possibilidades sonoras e visuais, conjuntamente a outras inúmeras situações em ambientes e materiais diferenciados, para os diversos momentos do nosso dia.



As inquietações me impulsionaram à busca por orientações de como ponderar os conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento infantil ao

contexto cultural de nativos digitais e à cibercultura, presente desde a infância, por meio das mídias e telas acessíveis em diferentes ambientes. Compreender esse fato se tornou uma inquietação constante.

O conflito instaurado pela teorização educativa e a realidade cotidiana me impulsionou a pesquisar essa temática no curso de doutorado, iniciado no ano de 2021 pela PUCSP, no programa de Educação: História, Política e Sociedade, com o incentivo da querida Dra. Patrícia Aparecida Bioto (orientadora no mestrado e amiga), tratando sobre as contradições que a Camila – professora/gestora e mãe – vivencia em relação à educação e socialização com a criança contemporânea, a partir das influências da tecnologia na configuração das culturas infantis, sob orientação da admirável orientadora Dra. Ana Paula Ferreira da Silva, com quem partilho esse percurso tão sonhado.



As estratégias formativas durante e após a pandemia aproximaram os educadores de atividades síncronas e assíncronas, expandindo possibilidades da formação continuada em cursos, lives, palestras entre outros meios de interação, entre professores, estudantes e pais, nos quais tive a oportunidade e o compromisso social de participar, objetivando atenuar os reflexos deste tempo histórico desafiador para educação e para sociedade de forma geral.

Profusas são as perspectivas após todos os contextos vivenciados, alargando as possibilidades no mercado de trabalho, não se restringindo à carreira local, tampouco à educação básica. Passei a realizar formações em outros estados e municípios, atuar em assessorias, como avaliadora de concursos, entre outras ações talvez inimagináveis antes das vivências no campo acadêmico.



Me percebo constituída em um crescente enlace identitário exercido pelo universo acadêmico, por oportunizar o encontro das esferas pessoal e profissional que me compõem com

a liberdade das descobertas fundamentadas, e das verdades vividas na totalidade que sou. Enquanto protagonista do meu percurso, sigo almejando contribuir com os estudos e pesquisas centrados na infância, atuante na formação de professores em assessorias, aulas e palestras, e enquanto mãe impulsionar o desenvolvimento das infâncias ao Joaquim e a todas as crianças que puder alcançar.

CONSTRUINDO O SER PROFESSOR-FORMADOR

Evelyn Camponucci Cassillo Rosa

O aprender se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente (NÓVOA, 1992, p.7)

A epígrafe de António Nóvoa me ajudou a bosquejar meu objeto de pesquisa, visto que o professor, enquanto mediador do conhecimento, se faz agente principal do processo de aprendizagem e deve se reconhecer como tal em busca da construção de sua própria identidade e daquelas que deseja formar.

Encontrar em minhas recordações o que me marcou ou que talvez tenha me conduzido a esta profissão de professora não foi tarefa difícil, visto que desde muito cedo sempre brinquei de “escolinha”, onde minha atuação era sempre a professora. Gostava de ter um caderno com o nome dos meus colegas de sala e iniciava minhas brincadeiras com a chamada da turma, escrevia na lousa, chamava a atenção das bonecas. Além disso, passava grande parte das minhas férias na casa de uma tia que era professora e, claro, teve grande influência nesta escolha.

O término das minhas férias, quase sempre coincidia com o período de planejamento na escola na qual minha tia trabalhava. Nestes dias, a acompanhava e, enquanto ela estava em reunião, eu ficava em uma sala de aula fazendo de conta que era a professora da turma. Gostava de vestir o avental, de carregar aquela pilha de cadernos, gostava como ainda gosto, do cheiro das folhas, dos livros, do material escolar. Mesmo crescendo e já sendo moça, queria ajudá-la com a correção das provas, cadernos, gostava de

ler o que os alunos escreviam e de participar das aulas dela, quando era possível.

Fui alfabetizada muito cedo. Sempre gostei muito de escrever e ler. Atribuo esse gosto ao meu pai, que sempre foi um exímio leitor de gêneros textuais diversos, e eu era apaixonada pela coleção de revistas “Super Interessante”, da qual ele era assinante.

Iniciei minha vida escolar no ano de 1985, na escola de Educação Infantil “João de Barro”, aos 4 anos. Dois anos depois nos mudamos para a cidade de Osasco e, nesta mudança, minha mãe conseguiu me matricular no primeiro ano de uma escola estadual, aos seis anos de idade, pois eu já lia e escrevia. Vale destacar que nesta época as crianças entravam no primeiro ano com 7 anos completos (antigo ensino de 8 anos). Mais tarde nos mudamos para a Granja Viana, na cidade de Cotia, onde estudei na escola estadual Vinicius de Moraes até o 3º ano do ensino médio.

Neste percurso, tive professores que me marcaram positivamente, em especial uma professora de Língua Portuguesa que ensinava muito bem análise sintática das orações e, não sei se pelo jeito que ensinava, conseqüentemente pela facilidade com que aprendia, me apaixonei ainda mais pela disciplina de Língua Portuguesa. Tinha muita facilidade em escrever, tirava boas notas nas redações, nas avaliações e, no ensino médio, outra professora de Língua Portuguesa e Literatura dava aula de um jeito muito diferente (para a época), todos ficavam em círculo debatendo assuntos dos mais diversos (dentro do conteúdo escolar). Ela nos orientava e nos fazia refletir quanto às escolhas para a faculdade.

Tive um professor de Sociologia que também colaborou para a melhoria da minha escrita, pois coordenou uma peça de teatro e eu participei da escrita do roteiro, sendo orientada por ele. Assim, penso que estas relações, essa busca mais refinada que aconteceu no ensino médio, onde os professores me ajudavam a direcionar minhas escolhas, foram firmando ainda mais essa minha paixão pela leitura e escrita, articulada com o desejo de ensinar que se manifestava desde as brincadeiras de criança.

Foi lendo uma matéria sobre o curso de Letras, numa revista sobre as possibilidades de carreira/emprego que este curso poderia oferecer, que decidi cursá-lo quando entrei no ensino superior. Fiquei entusiasmada pelo fato de o curso me possibilitar ser professora da Língua Portuguesa ou Inglesa e, ainda, trabalhar como redatora, escritora, revisora de textos ou documentos e isso já me abriria um leque maior caso optasse pelo exercício profissional em empresas.

No ano de 2000, aos 17 anos, iniciei o curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Logo, ingressei como estagiária no Departamento Comercial dos Estados Unidos, Consulado Americano. Inicialmente o trabalho se resumia a envelopar cartas a serem enviadas para o que era chamado de "*mailing list*" do Consulado, ou seja, o banco de dados, além de outros serviços sem grande destaque. Certa vez, meu chefe escrevendo uma carta sobre um determinado evento, que seria enviada às empresas brasileiras, pediu que os estagiários lessem a mesma, pois ele já havia lido diversas vezes e não via mais erros possíveis. Foi minha chance de mostrar habilidades que certamente iam além de envelopar cartas, o que considerava horrível, mas ao que tinha de me sujeitar para manter o emprego naquele momento.

Com essa iniciativa, fui ganhando espaço e visibilidade dentro da empresa e, em pouco tempo, passei a participar dos eventos com a coordenação, das viagens nacionais e internacionais, da relação direta com revistas e jornais interessados no mercado exterior e do contato direto com as empresas, o que me possibilitou o convite para trabalhar numa agência de turismo onde cuidei do jornal interno da empresa, inclusive com a escrita de algumas colunas.

Concluí o curso de Letras em 2002 e, apesar de estar envolvida com o comércio exterior e ser orientada a cursar Relações Internacionais ou Comércio Exterior, decidi fazer o curso de Pedagogia o qual iniciei em 2003. Neste curso, tive a

oportunidade de participar da Iniciação Científica, com o projeto: “Anunciando a Dissidência: uma análise de resistência feminina ao modelo professora-mãe”. Me apaixonei pela pesquisa e, nesse momento, apesar de não estar ainda em sala de aula, comecei a me interessar pelas pesquisas voltadas ao ser professor, sua identidade, formação, o compreendendo como profissional que deve desenvolver habilidades e competências específicas, o que requer muito estudo e experiências práticas.

Durante este período de estudos, fui convidada a trabalhar numa empresa de importação e exportação de produtos ortodônticos, onde também fui assumindo cargos, até receber a proposta de compor a gerência administrativa da empresa. Nesta fase, finalizando o curso de Pedagogia, cheguei a pensar em cursar Administração de Empresas, mas minha convicção em dar aula era maior, optei então, em 2006, por uma especialização *Lato Sensu*, também na UNICID, em Gestão Escolar, a qual de certa forma contribuía com meu cargo na empresa, à medida que aprendia, em disciplinas específicas, a gerir uma escola.

Em 2005 prestei concurso público para ser professora dos anos iniciais, na rede estadual de ensino. Fui convocada no final do ano de 2007, quando decidi afastar-me da empresa e assumir a sala de aula.

Assumi o exercício em 2008 na Escola Estadual “Heckel Tavares”, pertencente à Diretoria de Ensino Leste 4, onde permaneci por um ano. No ano seguinte, pedi remoção para a E.E. Professor José Bartocci, pertencente à Diretoria de Ensino Leste 1, onde lecionei por quase dez anos.

Ainda nesta escola, em 2013, quando o ensino de 9 (nove) anos entrava em vigor, alfabetizei meus alunos (primeira turma de 6 anos) no primeiro semestre. Assim que voltamos do recesso de julho, desenvolvi com minha turma um projeto de reescrita de contos que nos foi apresentado em ATPC. O projeto era para os alunos de terceiro ano, mas vi a possibilidade de iniciar a escrita com meus alunos a partir daquele projeto, trabalhando o planejamento do texto, a estrutura, coerência, características do gênero, segmentação, entre outros quesitos. Por esse projeto, fui

convidada pela supervisora de ensino e pela formadora da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) a participar do Seminário de Boas Práticas Pedagógicas dos Anos Iniciais da Rede Estadual de São Paulo em Serra Negra, cujo objetivo foi divulgar as boas práticas do Programa Ler e Escrever nas escolas. Devo afirmar que este convite e a atenção que este projeto ganhou elevaram minha autoestima. Mas a evolução dos meus alunos quanto à produção de textos, conseqüentemente minha satisfação em ver que meu trabalho, por meio deste projeto foi largamente satisfatório, já me permitia pensar a relevância dos projetos escolares como potencializadores da formação de grupos colaborativos.

No ano seguinte, fui convidada por uma aluna mestranda do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (Uninove) e pela professora doutora Patrícia Aparecida Bioto-Cavalcanti, minha orientadora no Mestrado, a participar da escrita de um capítulo de livro sobre a prática mencionada.

Em 2015, participei como ouvinte da disciplina Metodologias da Aprendizagem, no referido Programa, momento que despertou ainda mais meu interesse em aprofundar meus conhecimentos quanto à formação e à prática docente. Em 2016, ingressei como aluna mestranda, compondo a Linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional (LIPIGES).

Entendo que a motivação para adentrar no mestrado veio de toda minha trajetória de vida, no interesse e na busca pelo conhecimento, mas vale salientar que a motivação para minha pesquisa ganhou maior ênfase no relacionamento com meus pares na prática cotidiana. Do ouvir discursos tão promissores contradizendo as práticas do dia a dia e, ainda, a fala de professores desmotivados, desinteressados pelo seu ofício, mesmo sendo esta sua escolha de vida profissional.

Em 2015, me foi atribuída uma sala de segundo ano. Na referida escola havia quatro turmas por série, sendo duas no período matutino e duas no período vespertino. Assim, quando

tratados assuntos específicos de cada série, bem como o planejamento de atividades direcionadas, os professores se reuniam em grupos por turma, durante o ATPC, para a realização da atividade/formação proposta.

Desta forma, todos os projetos e atividades a serem trabalhados eram estudados em ATPC, por todos os professores daquela série específica. Contudo, a professora a que me refiro nesta parte da pesquisa, com quem trabalhei com maior proximidade, visto que ambas lecionavam no período matutino, foi a professora da turma B do 2º ano, cuja carreira estava em fins de aposentadoria.

Em nossas reuniões de ATPC, muitas vezes senti um profundo desinteresse por parte de alguns professores, visto que, quando a coordenadora pedagógica apresentava a formação, muitos docentes não se envolviam por completo nas atividades propostas, muitos ficavam com conversas paralelas que não diziam respeito ao assunto abordado, outros realizavam atividades referentes à sua rotina em sala de aula, bem como recortes, colagens, organização do seu material, entre outros e, com isso, nem sempre todos cumpriam com tudo o que era pedido, principalmente quando se tratava de assuntos burocráticos, bem como o planejamento anual, onde havia situações em que apenas um professor da série fazia e os demais recebiam o material pronto.

Com o grupo do segundo ano havia momentos em que os colegas se mostravam participativos e, em outros momentos, sob minha percepção, desprovidos de interesse por alguns assuntos. Quando do planejamento anual, ao mencionar as atividades que o grupo de segundo ano trabalharia, e, sendo mais específica, ao abordarmos o projeto do Programa Ler e Escrever, denominado “Pé-de-moleque, canjica e outras receitas juninas: um jeito gostoso de aprender a ler e escrever”, a professora do 2º ano B, a qual já me referi acima, disse que daria este projeto em uma aula, pois o livro apresentava poucas páginas e, assim, não perderíamos tempo com isto, bastava “uma passadinha rápida”.

Sugeri em outro momento elaborarmos um projeto maior que envolvesse a sala de Apoio Pedagógico Especializado (APE), e além dos alunos, também os pais. O projeto deveria abordar possíveis temas trabalhados em sala, partir das nossas necessidades enquanto professores e da realidade de cada turma. Houve ainda certa resistência, a princípio, mas passadas algumas atividades do projeto, aquela professora que, em minhas observações, mostrava-se desinteressada, mudou sua postura, envolvendo-se a cada dia, trazendo significativas contribuições para o projeto, que alcançou excelentes resultados à medida que envolvia alunos, pais, os alunos especiais (valorizando a inclusão) e, aqui, o mais relevante para esta pesquisa, o interesse, a motivação que corroboraram o desenvolvimento profissional, conseqüentemente, o agrupamento dos participantes que se envolviam no projeto.

Desta forma, embasada no desenvolvimento deste trabalho, minha pesquisa voltou-se a analisar as contribuições que os projetos escolares desenvolvidos dentro do Programa Ler e Escrever, de 1º a 3º ano, justamente as fases da alfabetização, poderiam dar à construção do trabalho colaborativo, quer fosse dentro da escola, como foi o projeto com o segundo ano, quer fosse fora dela, como foi o projeto com o primeiro ano, citado anteriormente, com vistas a potencializar o desenvolvimento da autonomia dos docentes na elaboração de projetos significativos com seus pares, envolvendo os educandos num espírito de equipe, como sujeitos ativos, reflexivos e participativos.

Entendo que toda construção da minha história de vida explana minha escolha enquanto pedagoga, mas minha experiência enquanto tal tem evidenciado o magistério como carreira complexa, como profissão de muitas identidades, profissão essa que se forma e se desgasta em sua própria formação.

Ainda estudante no mestrado, tive a oportunidade de receber em minha sala de aula, onde atuava como professora regente de uma turma de 2º ano, uma estagiária de Pedagogia, do Programa Mais

Educação, oferecido pelo MEC. Nessa turma tínhamos muitos alunos não alfabetizados e minha missão era alfabetizá-los o mais rápido possível. Na ocasião eu me apaixonava cada vez mais pela alfabetização e buscava leituras o tempo todo, tentando colocar na prática os novos conhecimentos. A aluna do programa se encantou pela forma que trabalhávamos a alfabetização e dizia sempre o quanto seria interessante que eu levasse aquela experiência como professora no curso superior para multiplicar às alunas da graduação, no curso de Pedagogia. Foram as discussões com essa aluna, a prática em sala de aula e a formação no mestrado que começaram a me inspirar para atuar como professora no ensino superior.

Assim, minha defesa de mestrado aconteceu em dezembro de 2017 e, antes da defesa, em meados do mês de novembro do mesmo ano, começava a enviar meus primeiros currículos às universidades.



Da esq. para a dir. Profa. Dra. Rosiley, Profa. Dra. Patrícia Bioto, Profa. MA. Evelyn Cassillo e Profa. Dra. Luciana Giovanni

Em fevereiro de 2018 fui contratada por uma universidade para assumir aulas no curso de Pedagogia, na modalidade presencial, instituição em que estou até hoje. Iniciei com aulas de

Gestão Educacional e História da Educação e, aos poucos, fui abraçando outras disciplinas como: Educação – Jogos e Brincadeiras, Corpo, Movimento e Psicomotricidade, Educação Infantil – Currículo, Prática de Ensino e orientação de Estágio, Políticas Públicas em Educação, Dificuldades de Aprendizagem, Avaliação Educacional, Literatura Infanto Juvenil, Organização do Trabalho Docente (OTD), Matemática, Alfabetização e Letramento e Mediação Pedagógica e Gestão de Projetos, que enfatiza muito as metodologias ativas de ensino. Essas últimas têm sido meu foco de pesquisa e estudo.



Confesso que achava desafiador trabalhar as metodologias ativas na graduação, principalmente dado o número de alunos por turma, que é muito grande, e até mesmo a disponibilidade deles para agrupamentos ou estudos prévios, visto que, principalmente as turmas do noturno que trabalham o dia todo,

muitas vezes preferem a comodidade de apenas ouvir o professor em aulas expositivas. Contudo, lendo e me aprofundando nessas metodologias, tenho tido práticas muito significativas e exitosas, trabalhando com os alunos na graduação.

Em Alfabetização e Letramento, fui convidada em 2020 a lecionar, na pós-graduação, o módulo “Planejamento, Diagnóstico, Intervenção e Avaliação” e “Construção da Consciência Ortográfica”, bem como a oficina de Projetos e Literatura.



Turma 1 – Curso Práticas Significativas em Alfabetização e Letramento

Desenvolvi um curso livre sobre “Práticas Significativas de Alfabetização” em que há muita procura, deixando claro o quanto os professores saem da graduação com uma lacuna grande sobre a prática ou, ainda, os já formados que apresentam grandes dificuldades quanto a trabalhar com uma alfabetização mais construtiva que faça a criança refletir sobre o sistema de escrita alfabético e não aquelas práticas mecanizadas que apenas o fazem copiar letras, sílabas, palavras, o ensino tradicional. Atualmente, também atuo como docente orientadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com o projeto “Alfabetização e Letramento”, sendo responsável por um núcleo composto por 24 alunas, distribuídas em 3 escolas públicas da rede estadual e municipal.

Vale ressaltar aqui que, nessa jornada, no ensino superior, fui professora na Universidade Cruzeiro do Sul Virtual (EAD) do curso de Graduação em Pedagogia na modalidade semipresencial; também atuei como Produtora de Conteúdo; Professora Roteirista; Professora Responsável (na elaboração de questões de disciplinas específicas para as provas de instituição de ensino – EAD); Revisora técnica/ortográfica de material na graduação em Pedagogia (EAD); e coordenei, com instituições parceiras, o Laboratório Pedagógico de experiências inovadoras e aprendizagens lúdicas do curso de Graduação em Pedagogia (Universidade Cruzeiro do Sul Virtual).

Apesar de ter exonerado de meu cargo público em agosto de 2018, dada a alta demanda de horas de trabalho, ainda atuo na educação básica prestando assessoria e consultoria nas escolas, bem como palestras e cursos de formação continuada.

Nos anos 2021 e 2022 fui Coordenadora Pedagógica de um sistema de aprendizado voltado para metodologias ativas, realizando a revisão pedagógica de todo o material didático e atendendo mais de 40 escolas em visitas pedagógicas, bem como dando assessoria e formações continuadas a professores, coordenadores e mantenedores de escolas da rede particular de ensino.

Em toda essa trajetória, fica claro que me descobri professora ainda criança e venho, desde então, construindo essa identidade, desenvolvendo habilidades e buscando a cada dia compartilhar, buscar e levar possibilidades, construir conhecimentos, saberes e, principalmente, buscando aprender a ensinar e a SER professora-formadora.

OS MODOS DE FAZER DOS DIRETORES DE ESCOLAS PÚBLICAS PAULISTAS FRENTE AS EXIGÊNCIAS DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Fernanda Santoni Fovali

O que motivou a escolha da atuação do diretor de escolas públicas da rede estadual paulista como tema de pesquisa foi a minha trajetória profissional nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como Professora da rede pública de ensino, além da minha atuação como Professora Coordenadora, Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico, Vice-Diretora e, atualmente, Diretora designada na função. Esse exercício profissional no decorrer destes meus dezessete anos de rede pública estadual possibilitou algumas observações, reflexões e indagações quanto ao trabalho desenvolvido na gestão escolar, mais especificamente do diretor de escola.

Em 2007, fui efetivada na rede pública estadual como Professora de Educação Básica I, atuando em sala de aula entre 2007 e 2011. Neste período trabalhando com classes de alfabetização, muitos desafios a serem alcançados.

No início de 2012, fui convidada pelo diretor da escola a assumir a função de Professora Coordenadora, na qual uma das principais atribuições era acompanhar e formar os professores em serviço, monitorar e estudar os resultados das avaliações junto à equipe docente, bem como levá-los à reflexão da prática, uma tarefa nada fácil, porém com a equipe engajada, tudo tornou-se possível para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem dos nossos estudantes.

Após um ano e meio na função, fui convidada pela Supervisora de Ensino e por uma PCNP dos Anos Iniciais da Diretoria de Ensino Regional Leste 1 a fazer parte da equipe de Professores Coordenadores do Núcleo Pedagógico – PCNP. Foi

quando, em 2013, assumi essa função na qual aprendi muito, cresci enquanto pessoa e profissional. O foco era propor ações de formação continuada de professores e professores coordenadores dos Anos Iniciais, com base nos resultados das habilidades e competências não adquiridas através de avaliações externas realizadas pelos alunos, e na proposta de projetos de recuperação e apoio às aprendizagens.

Enquanto PCNP fui formadora de projetos centralizados da Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo – SEDUC-SP, e desenvolvi outros trabalhos descentralizados junto à equipe, sempre em busca de garantir que o ensino e aprendizagem chegassem à sala de aula de maneira em que os alunos verdadeiramente aprendessem.

Em 2015 tive a oportunidade de ingressar no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais – PROGEPE pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE, porém no final do ano solicitei o desligamento do Programa devido a minha gravidez, retornando em 2018.

Em meados de 2017, já com a minha filha pequena, recebi um convite para atuar como Vice-diretora de Escola na EE Santos Dumont, escola em que tenho meu cargo efetivo, na qual fui também professora e professora coordenadora. Aceitei o convite, porque seria um novo desafio, pois além de continuar acompanhando a formação de professores, agora teria a experiência de conhecer a gestão em suas outras dimensões: de pessoas e equipes, de processos, gestão de mudanças e de inovações e, por fim, engajamento e trabalho com a comunidade da escola. Foi neste momento que pude perceber, na prática, as dificuldades encontradas pelos diretores de escolas públicas estaduais em relação às demandas das dimensões da gestão escolar e a necessidade dos saberes específicos no que se refere às diversas instâncias que envolvem o trabalho deste profissional.

Em julho de 2018, tive a oportunidade de retornar ao mestrado profissional, no mesmo Programa (PROGEPE) na Universidade Nove de Julho, tendo como objeto de pesquisa os

desafios enfrentados pelo diretor escolar. Passei a atuar como Diretora designada numa escola estadual da Diretoria de Ensino Regional Leste 1 e no decorrer da minha atuação pude perceber que o mais difícil nesta função é administrar o tempo de forma a atender a todas as demandas advindas da Secretaria da Educação, da Diretoria de Ensino, bem como da própria Unidade Escolar. Percebi também que as ações que estavam sendo desenvolvidas não abarcavam alguns pontos fundamentais para a garantia do desenvolvimento pleno da escola, demandando mais atenção, monitoramento e autoformação. Apenas encontrava-me focada nas necessidades decorrentes de situações provenientes do cotidiano.

Diante deste contexto, fiquei inquieta na busca de conhecer quem é o atual diretor da escola pública, conhecer na prática como ele promove a participação dos professores, alunos, pais e funcionários nas tomadas de decisões e nas ações da escola pública.

Neste sentido, compreender as funções deste profissional e suas inferências na organização do ambiente escolar é uma tarefa complexa. É preciso analisar e considerar também o contexto histórico, econômico e, sobretudo, político no qual essas atribuições lhe foram instituídas. Temos clareza de que o diretor não é o único responsável pelo sucesso da escola, porém ele assume o papel de liderança que busca agregar as expectativas e interesses da comunidade escolar, enquanto articula a participação de todos:

(...) ele encarna um tipo de profissional com conhecimentos e habilidades para exercer liderança, iniciativa e utilizar práticas de trabalho em grupo para assegurar a participação de alunos, professores, especialistas e pais nos processos de tomada de decisões e na solução dos problemas. (LIBÂNEO, 2013, p. 96)

Diante disso, a partir da demanda que é apresentada ao diretor de escola, abordo nesta pesquisa o contexto da prática deste profissional, bem como as táticas por ele utilizadas para dar conta das ações cotidianas.

A pesquisa intitulada como “Os modos de fazer dos diretores de escolas públicas paulistas frente às exigências da Secretaria da Educação” propõe-se como objeto de estudo analisar a atuação dos diretores de escolas da rede pública estadual de ensino do Estado de São Paulo diante das exigências da Secretaria da Educação. Tal investigação se justifica pelo interesse em entender de que maneira os diretores lidam com os processos da escola segundo as diretrizes da SEDUC-SP, assim como quais táticas são utilizadas por eles para atender a essas demandas diante da realidade em que estão inseridos. Também, é fundamental nesta investigação cotejar qual o conhecimento que estes diretores têm em relação ao seu contexto de trabalho, a partir da estrutura do sistema de políticas públicas, o cotidiano e a cultura da escola, seu percurso identitário para a construção de sua experiência profissional, e qual o perfil pessoal e profissional, os saberes, as impossibilidades e as dificuldades que impactam na ação gestora que a Secretaria da Educação exige, diante das premissas quanto a sua prática cotidiana.

Com os questionamentos ora apresentados, a pesquisa objetivou verificar quais são as táticas que os diretores de escolas criam e utilizam em sua prática gestora para lidar com as demandas diante das exigências da SEDUC-SP e o cotidiano da escola.

Nesta perspectiva, o Diretor de Escola é considerado o elemento fundamental de todo o processo educacional de um estabelecimento de ensino. De acordo com a Resolução SE 56, de 14 de outubro de 2016, que dispõe sobre perfil, competências e habilidades requeridos dos Diretores de Escola da rede estadual de ensino,

como dirigente e coordenador do processo educativo no âmbito da escola, compete ao Diretor de Escola promover ações direcionadas à coerência e à consistência de uma proposta pedagógica centrada na formação integral do aluno. Tendo como objetivo a melhoria do desempenho da escola, cabe ao Diretor, mediante processos de

pesquisa e formação continuada em serviço, assegurar o desenvolvimento de competências e habilidades dos profissionais que trabalham sob sua coordenação, cabendo-lhe uma atuação orientada pela concepção de gestão democrática e participativa nas diversas dimensões da gestão escolar - pedagógica, de pessoas, de recursos físicos e financeiros e de resultados educacionais do ensino e aprendizagem, o que requer **compreensão do contexto em que a educação é construída** e a promoção de ações no sentido de assegurar o direito à educação para todos os alunos e expressar uma visão articuladora e integradora dos vários setores: pedagógico, curricular, administrativo, de serviços e das relações com a comunidade. (SÃO PAULO, 2016, grifo nosso)

Diante disso e em consonância com a legislação, o diretor deve promover ações direcionadas que caminhem com a proposta pedagógica da escola, centrada na formação integral do educando, no desenvolvimento das habilidades e competências do professor, com vistas a promover uma melhoria do desempenho e na qualidade de ensino.

Então, a partir das leituras, reflexões e inquietações vivenciadas no cotidiano profissional, bem como os estudos das diretrizes educacionais do Estado de São Paulo, legislações estaduais e federais, observação da prática dos diretores de escolas da Diretoria de Ensino a qual pertencço, e sobretudo as argumentações do dia a dia com os participantes da pesquisa, o problema da investigação foi se delineando a partir desta combinação de fatos que me envolveram: como os diretores de escolas atuam diante destas demandas, tendo em vista os desafios da sua prática cotidiana?

As discussões foram embasadas nas publicações oficiais, nas premissas determinadas pela SEDUC-SP, também nos autores que discorrem com a realidade que os diretores vivenciam em sua prática, contestando os discursos oferecidos pelas diretrizes da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. São fontes primárias os documentos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que regulamentam o perfil e a prática gestora, livros e

publicações sugeridas na Resolução SE 56, de 14-10-2016, bem como publicações da rede exclusiva para Diretores de Escola.

Sendo a escola pública a principal responsável em atender a um dos direitos sociais, que é garantir o acesso à educação de qualidade, o diretor de escola deve organizar sua gestão com base em um conjunto de normas e procedimentos provenientes do sistema de políticas públicas de ensino do Estado de São Paulo.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 30/03/2019.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 30/03/2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. Ed. São Paulo: Heccus, 2013.

SÃO PAULO. **Resolução SE nº 56, de 14 de outubro de 2016**. Dispõe sobre perfil, competências e habilidades requeridos dos Diretores de Escola da rede estadual de ensino, e sobre referenciais bibliográficos e legislação, que fundamentam e orientam a organização de concursos públicos e processos seletivos, avaliativos e formativos, e dá providências correlatas.

TEODORO, Antônio. **A educação em tempos de globalização neoliberal: os novos modos de regulação das políticas educacionais**. Brasília: Liber Livro, 2011.

O CAMINHO PERCORRIDO POR UMA PROFESSORA VINDA DE ESCOLA PÚBLICA ATÉ O MESTRADO

Gabriela de Campos Vaz Domingues

Recordo-me de meus primeiros dias de aula. A creche em que estudei chamava-se Instituto Madre Paula Elizabete Cerioli. Era uma instituição beneficente, assistencial e sem fins lucrativos, fundada em 07 de agosto de 1967, na cidade de Itapevi-SP. Foi constituída a partir dos ensinamentos de Madre Paula Elizabete Cerioli, fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Bérghamo. Nesse contexto, talvez tenha sido esse espaço que despertou minha vontade de lecionar, pois guardo boas lembranças de como se fazia uma educação sem exclusão, dando o direito ao atendimento das necessidades básicas de aprendizagem, já que tínhamos, talvez, mais conforto lá do que em nossa casa. Incluo-me nesta condição, pois sou filha caçula de uma mulher viúva aos 37 anos, com três filhos. Minha mãe, já naquela época, fazia trabalho voluntário.

Enquanto eu estudava, minha mãe dava aulas de tricô para as mães das outras crianças, para que assim elas pudessem exercer uma atividade remunerada que ajudava na manutenção de seus lares. Percebo que tudo isso fora apenas um start para enxergar que a educação era a melhor opção de que dispúnhamos, porque a educação recebida neste local pregava que poderíamos mudar nosso contexto através do estudo.

Daí em diante, começou a grande escalada. Como filha de escola pública, tive diversas contribuições na construção de minha identidade e em minha formação acadêmica desde a infância até a vida adulta, mas por outro lado também me marcou e, infelizmente, trouxe-me defasagens, as quais tento superar até os dias de hoje. Fiz magistério e em 1996 ingressei no ensino superior particular, pois achava que o ensino superior público era

impossível para mim. Acredito que fui escolhida a traçar esta trajetória na educação.

Pode ser que não quisesse, de fato, ser professora. Não sabia se era influenciada pela infância e não era um sonho. No entanto, hoje é uma das razões pelas quais dedico minha vida, e sem dúvida alguma sinto prazer em realizar essa profissão.

Admito que ministrar aulas me proporcionou um olhar atento, para que eu pudesse compreender e valorizar a importância de ser professor. Sempre tinha em mente que havia muito a aprender. Procurava sempre estar com colegas que pudessem contribuir para o meu crescimento profissional. A constante pressão de dar o meu máximo estava presente em todas as minhas atitudes e me desapontou em diversos momentos diferentes.

No ano de 1993, trabalhei em uma escola de Ensino Básico I e II da Secretaria de Educação de São Paulo. Lá, enfrentei muitos desafios. Inicialmente não tinha tanta vontade de permanecer, mas o clima escolar era cativante. Apesar de ter ouvido muitas falas negativas como: “menina, procura outra coisa”, “isso não é pra você”, “ser professor não está fácil”, encontrei, nesse meio, pessoas com vontade de ajudar quem era iniciante na carreira. Assim, continuei o meu caminho, sempre permeado pelos percalços e desafios de professora iniciante. Mas felizmente pude dispor do auxílio de muitas pessoas, ou seja, neste percurso tive gestores e coordenadores que souberam cumprir as funções muito bem, tanto que hoje sinto falta desse tipo de liderança. Aliás, destaca-se uma escola onde permaneci por quatro anos, talvez a instituição da qual mais referências positivas trago, pois graças a ela pude crescer pessoal e profissionalmente e me tornar a professora que sou hoje. Lá fui muito bem recebida e isso me marcou pelo fato de que, apesar de ter passado por várias escolas em meus anos subsequentes de docência, nunca havia presenciado gestor e coordenador receberem seus professores com a proposta da escola em mãos para socializar qual seria o papel esperado pelos docentes através de suas práticas

pedagógicas. Nas primeiras semanas nessa escola, fiz um estágio nas salas, antes de assumir realmente as turmas. Acompanhava o professor titular da sala para observar de que forma a professora os conduzia. No começo, achei muito estranho, já que estava em uma escola pública e mesmo assim parecia um teste de emprego. Na época, mal sabia que este simples processo de reconhecimento do local e das pessoas poderia me dar as condições para ser uma boa professora. Esse processo foi bem significativo para mim, pois estava no início de minha carreira e havia terminado o magistério, cujo aprendizado não me trouxera a experiência da prática efetiva do exercício da função. Conforme narrei, passei quatro anos nessa escola, período no qual pude lecionar ao lado de professores que traziam, em sua essência, a vontade de estar lá e fazer o melhor, por pior que fosse a situação profissional de nossa carreira, tão desvalorizada por todos. Claro, neste grupo também havia aqueles que não sabiam o que estavam fazendo, mas aos poucos se encontravam ou partiam para outros lugares e rumos. Os encontros de HTPC eram bem produtivos: líamos muito e partíamos para a nossa realidade local aproveitando todo o material. Vivenciei muitas reuniões dos Conselhos Escolares participativos e atuantes na escola, porém, tive que assumir meu cargo efetivo no Município de Itapevi. Foi uma transição difícil para mim, pois encontrei um cenário muito diferente no que se refere ao município e à gestão de ensino.

Apesar de ter sido uma mudança radical, em razão dos vários aprendizados e convicções que tive no início de carreira de uma docente, pude perceber a necessidade de estar rodeada de gestores e professores comprometidos e colaborativos com sua formação.

Desenvolvi diversas funções com atribuições diferentes daquelas que realizava anteriormente e isso me fazia refletir todos os dias sobre a responsabilidade de cada ação que realizava.

Hoje, atuo como professora em uma escola pública estadual e atuo na Rede Municipal de Itapevi, prestando serviços à Universidade Aberta do Brasil. Fui gestora de escolas municipais

por 13 anos, e, nos últimos cinco anos, atuei como Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico em Língua Portuguesa. Essa vivência motivou-me à busca por aprofundar meus conhecimentos e entender de quais maneiras ocorre a formação de professores.

No transcorrer da profissão, as ações corroboravam a ideia de que necessitávamos sempre de um “par maior” na nossa formação. Havia muitas situações desafiadoras, e ainda se fazem presentes no desempenho da função do professor e do formador do professor.

Porém, hoje, apesar de longos anos, compartilho empaticamente com o mesmo sentimento que estava presente no cotidiano das escolas onde lecionei. A necessidade permanente de ser formado também no seu “ambiente de trabalho” com seus pares. Essas situações são vivenciadas e nos fazem pensar em considerações importantes baseadas na cultura dos professores, que construiu, ao longo do tempo, de geração a geração de professores, certa resistência à mudança. Menciono, aqui, um maior destaque: a figura do Coordenador Pedagógico Geral que é de suma importância dentro do ambiente escolar e muito evidenciado nos documentos que regem as escolas. O coordenador desempenha uma função importante dentro dessas culturas entre o “novo” e o “velho”, e atua para formar pessoas que o acompanhem em suas tarefas, a fim de prepará-las para as transformações, motivação, responsabilidade, dinamismo, criatividade e capacidade de atender às necessidades emergentes no cotidiano escolar.

Viñao Frago (1996) ressalta que tal formação, como examinada, não consegue penetrar nas estruturas e acionar mudanças na instituição e nos professores, levando ao que Hargreaves (1998) denomina “conselhos artificiais”, pouco relevantes para a mudança iminente em termos de trabalho colaborativo. Essa situação caracteriza um desserviço ao desenvolvimento profissional dos professores, pois empobrece as ações e abate as possibilidades de avanços na criação de coletivos

participativos, colaborativos, reflexivos e democráticos, servindo à alienação e à pauperização intelectual e profissional desse grupo de profissionais.

Encontramos obstáculos para concretizar essa formação, enraizada em desculpas e muitas com a falta do “querer”. Resumidamente voltamos à Teoria Dialética da Atividade Humana que aponta para as condições da realização de uma atividade que estão relacionadas ao Querer e ao Poder do sujeito (individual e coletivo). O Poder se funda no Saber e no Ter (Condições Materiais e Condições Políticas). O Querer, por sua vez, vem do Desejo e/ou da Necessidade (VASCONCELLOS, 2010). O primeiro é certo que, na prática, as zonas de desenvolvimento proximal dos alunos se assemelham em função da idade, do repertório cultural partilhado, do grau de mobilização etc.

Portanto, fortalecer a vontade e a força dos professores por meio da pedagogia deve, obviamente, levar em consideração todas as limitações dessa forma de mediação, mas também suas potencialidades.

Sabemos conscientemente que esta não será uma tarefa fácil, principalmente porque iremos perturbar aquelas crenças arraigadas que se tornaram naturais, esquecendo que são produto da cultura histórica. Às vezes é preciso uma postura mais forte justamente para provocar esse distanciamento do que parece normal.

No que diz respeito à formação, os professores até têm vontade de formar, mas no sentido de se manterem atualizados, acompanhando “os novos saberes que emergem rapidamente na sociedade do conhecimento”. Muito poucas pessoas reconhecem os gravíssimos problemas da formação inicial.

Em relação à formação, os professores até anseiam formações, mas no sentido de se manterem atualizados, de acompanharem os novos saberes que “vão rapidamente surgindo na sociedade do conhecimento”. Poucos são os que percebem ou admitem o gravíssimo problema da formação inicial.

Confrontados com as contradições educativas que nos influenciam e travam, descobrimos armadilhas no nosso sistema educativo que não percebemos por que estamos alienados.

Vasconcelos aponta para a realidade do professor desmotivado e que não quer refletir sobre a educação e lutar por mudanças ou o que existe são professores que resistem em conhecer e refletir sobre a realidade objetiva da educação.

Entretanto, essa figura não é presente na maioria das escolas em que eu passei e ainda não está sendo “visualizada” nos encontros semanalmente que temos, chamados de ATPCG, talvez por falta de formação ou talvez pela própria vivência e experiência que se carrega em relação a essa figura. Fica evidente, então, que o coordenador, quando se reconhece como formador de professores e articulador de aprendizagem e de uma cultura escolar pautada na aprendizagem de todos, faz com que o caminho se torne mais leve pedagogicamente e socialmente.

Levando em consideração minha vivência educacional, sentime impelida a aprofundar minhas incertezas à formação dos professores, estimulando-os a desenvolver a autonomia pensante e a reflexão crítica mediante as complexidades pertencentes à esfera da Educação.

A partir deste contexto, no ano de 2019, decidi participar do processo seletivo do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) na Universidade Nove de Julho (Uninove). Meu objetivo era continuar minha busca contínua pelo conhecimento e fazer uma contribuição real para minha prática profissional.

Referências

FRAGO, Antônia Viñao. Tiempo, historia y educación. *In*: FRAGO, Antônia Viñao. **Espacio y tempo, educación e historia**. Morelia: IMCED, 1996, p. 15-59.

FULLAN, Michael; HARGREAVES, Andy. **Por que vale a pena lutar?** O trabalho de equipa na escola. Tradução Jorge Ávila de Lima Porto: Porto Editora, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 7ª ed., São Paulo: Libertad, 2000.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA VIDA DE UMA PROFESSORA EM CONSTANTE FORMAÇÃO

Gisele Messoria

Tenho 39 anos de idade e atuo na área da educação desde os meus 15 anos, quando ainda cursava o Magistério, que depois voltou a ser chamado de Curso Normal. Filha de pais que não atuam na educação, e irmã mais nova de duas analistas de sistemas, desde muito nova decidi que seria professora.

Muito incentivo por parte de minha mãe, nenhum por parte do meu pai, sempre tive muita certeza de minha escolha. Apesar de minha mãe não ser professora, quase todos os seus irmãos são, e apenas um não fez carreira na iniciativa pública.

Tendo estudado a vida inteira em colégio particular, a primeira vez que entrei em uma escola pública foi para ajudar uma das minhas tias a ensaiar seus alunos para uma apresentação de dança. Ainda nem cursava o Magistério, e o brilho nos olhos daqueles alunos, de ver a iniciativa de sua professora de chamar uma pessoa para ajudá-la e ajudá-los, foi muito significativo para mim. Ali estava tomada a minha decisão.

Trabalhei por alguns anos na iniciativa privada, mas há algum tempo venho me dedicando ao ensino público, pois ainda acredito que é possível oferecer aos alunos da escola pública uma educação de qualidade. Assim que me formei, em 2001, prestei concurso no município de Osasco e fui aprovada, com início imediato. Ingressei como professora de Educação Infantil, depois no Ensino Fundamental, passando também pela Educação de Jovens e Adultos, além de trabalhar durante três anos com a formação continuada de professores, e cinco anos na gestão escolar.

Como professora de Ensino Fundamental, sempre tive a preocupação com o planejamento das ações e organização do

trabalho, no intuito de ensinar da melhor forma possível, por meio de estratégias didáticas diferenciadas. Nunca me conformei com alunos que apresentavam dificuldades para se alfabetizarem, e sempre procurei novas possibilidades para ajudá-los.

Desde que me formei no curso de Pedagogia, senti a necessidade de aprofundar meus estudos na área da alfabetização e letramento, pois recém-formada me deparei com turmas das séries iniciais do ensino fundamental I e percebi que ainda me faltavam embasamentos teóricos para solidificar o meu trabalho.

Fiz alguns cursos de curta duração, até que tive a oportunidade de conhecer o Pró Letramento, Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Alfabetização e Linguagem, ministrado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com algumas universidades, desenvolvido pela Secretaria de Educação Básica (SEB), primeiro como cursista e em seguida como tutora. Foi aí que passei a perceber o quanto a formação continuada é essencial na vida de um docente e o quanto ela afeta diretamente a qualidade e o sucesso do processo de alfabetização dos alunos, pois um professor bem (in) formado planeja melhor, interfere melhor e revê suas práticas o tempo todo, impedindo ou, ao menos, refletindo, evitando e diminuindo o fracasso escolar.

Atuei durante dois anos como tutora desse programa, até que o município de Osasco encerrou a parceria com o MEC e as formações foram suspensas. Durante esse período, foram três turmas por semestre, com uma média de 25 cursistas em cada uma. Esse trabalho me proporcionou uma ampla visão da rede, pois pude conhecer a realidade da maioria das escolas do município.

Após essa experiência como tutora, trabalhei na Secretaria de Educação de Osasco, como coordenadora da Educação de Jovens e Adultos, participando de formações semanais voltadas a esse segmento. Essa experiência foi muito válida, pois eu realizava visitas quase que diárias à Unidades Escolares e pude novamente vivenciar o cotidiano das escolas, dessa vez não com o olhar dos

professores, mas com o meu. Tive a oportunidade de conhecer diversos gestores, cada um com uma visão de escola. Nesse período eu comecei a me encantar com o segmento da gestão escolar.

Em seguida, fui convidada para trabalhar na gestão de uma das maiores escolas do município, com mais de mil alunos, inicialmente como coordenadora pedagógica e posteriormente na direção. Durante estes anos tive a oportunidade de estar em contato e conhecer diversas práticas pedagógicas de outros professores, o que me possibilitou enriquecer o meu trabalho e fomentou a minha vontade de fazer a minha pesquisa na área de formação continuada de professores e políticas públicas voltadas para esse fim.

Concomitantemente ao trabalho de diretora de escola, tive a oportunidade de ser orientadora de estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em 2013, desta vez tendo a oportunidade de conhecer um pouco mais do panorama da alfabetização em nosso país e pude perceber que realmente o quadro que temos em nossas mãos infelizmente é vergonhoso.

A formação aconteceu de abril a dezembro de 2013, e foi encerrada com a apresentação das orientadoras de estudos expondo seus trabalhos a toda a equipe da secretaria da educação do município de Osasco: secretária de educação, secretária adjunta, diretor de educação, supervisores, gestores e professores da rede.

Em 2014, o programa teve continuidade, desta vez com a alfabetização matemática. Por questões pessoais, optei por não fazer mais parte da equipe de orientadores de estudo e fiquei trabalhando apenas na gestão da escola, até 2015, mesmo ano em que fui aprovada no concurso de professores do município de São Paulo, onde atuo desde então, como professora de ensino fundamental I. No município de Osasco, peguei uma licença para a realização do mestrado de 2016 a 2018, e por fim acabei me exonerando no mesmo ano.

Para a minha surpresa, ao ingressar no município de São Paulo, me deparei com uma realidade vivida pelas professoras de Osasco anos antes. Ao assumir a substituição de uma sala de segundo ano, solicitei à coordenadora pedagógica da escola os materiais do programa (acervo de livros e jogos de alfabetização), pois tenho bastante familiaridade e me auxiliariam com a turma, uma vez que não fui avisada com antecedência que assumiria aquelas aulas.

A coordenadora pedagógica não sabia onde estava o material, e demonstrou clara surpresa com o meu pedido, como se o PNAIC não fizesse parte da realidade da escola. Ainda me afirmou que o almoxarifado estava cheio de joguinhos e sugeriu que eu pegasse “qualquer um daqueles outros”.

Nesse momento me veio à tona os relatos que ouvi anos antes das professoras cursistas de Osasco e me indaguei se o coordenador pedagógico tivesse sido incluído nas formações do PNAIC, se hoje ele estaria sendo mais bem encaminhado nas escolas, e se esse material seria desperdiçado dessa maneira. Me questionei sobre quantos programas já foram oferecidos e quais motivos geraram o seu fracasso.

Minha dissertação foi concluída com o título “A formação de professores alfabetizadores dentro do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012-2013): propostas, desenvolvimento e repercussões na prática docente” e teve o intuito de mostrar que a formação continuada precisa ser valorizada em nosso país, como recurso a ser utilizado principalmente para combater o analfabetismo, empoderando a prática do professor, resultando na melhoria da qualidade do ensino.

Logo após a conclusão do mestrado eu fiquei durante 4 anos em um Programa de Apoio Pedagógico (PAP) no município de São Paulo, onde trabalhei com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Durante esse período participei de várias formações oferecidas pela rede municipal de ensino, mas nenhuma fez o uso ou menção de qualquer material do PNAIC.

Atualmente, voltei a lecionar em sala regular de ensino, em uma nova escola do município, e nenhum material do programa é

oferecido aos professores como recurso pedagógico. Em conversas com os professores, descobri que poucos participaram da formação.

Infelizmente, foi mais uma política pública voltada para a formação continuada de professores alfabetizadores que não teve continuidade, caiu no esquecimento dos docentes, e aguarda o próximo programa nacional que a substituirá.

TRAJETÓRIAS DO SABER: PROFESSORA E ALUNA. COMO SER PROFESSORA EM TORNO DA TRANSFORMAÇÃO DIANTE DO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Ivana Santiago Bueno

Neste texto relato como foi recomeçar sendo aluna novamente. Só que desta vez com um peso ainda maior, eu estava me desafiando em cursar o mestrado.

Minha trajetória na educação primeiro como aluna e depois mestranda, partiu da vontade de ser professora nos corredores da UNINOVE na Semana da Pedagogia em 2010. Conheci uma professora pela qual fiquei encantada por toda a sua simpatia como pessoa e eficiência em ser professora.

Junto com a Professora Doutora Patrícia Bioto escrevi o meu TCC em torno de formação do professor no reecantar a educação, obtive conhecimento com variadas leituras sobre a educação e como me tornei aluna pesquisadora e por fim mestranda.

Aprender a ser professora é renascer um pouco a cada dia. Perceber que a formação do professor vai muito além de que o conhecimento serve somente como a base para perceber a educação, mas também que o conhecimento serve como essência no seu projeto de vida pessoal e profissional e também no aprendizado enquanto aluna e na formação como professora.

Agora descrevo abaixo o decorrer do meu interesse pelo tema da dissertação do mestrado na linha de pesquisa sobre formação de professor como parte principal da minha trajetória docente. Recordar por meio deste texto as minhas expectativas desde o tempo de aluna na universidade até o ingresso no mestrado em 2014 na UNINOVE.

Começo a descrever de onde veio o gosto pela leitura...

Recordar a minha infância é também lembrar como o meu pai Amador foi um assíduo leitor. Formado somente com o ensino de primeiro grau, atualmente o Fundamental I, apreciava a leitura todos os dias. Sempre com paciência contemplava a leitura prazerosamente. Tinha muitos livros que ao ler grifava o que mais achava produtivo, inclusive escrevia seus pensamentos no próprio livro.

Minhas irmãs e eu perguntávamos para nosso pai se não era cansativo ler e ele respondia que *“a boa leitura é realizada aos poucos para saborear as palavras”...*

Atualmente, como professora de rede pública me deparo com a mesma pergunta que meus alunos me fazem e que um dia já fiz: – *Professora você não cansa de ler?* E conto para meus alunos esta recordação da minha infância que meu pai dizia: *A boa leitura é feita aos poucos para saborear as palavras...*

Pensado nesta leitura branda, ao ler os diversos gêneros textuais, realizo a leitura com vontade para que eles sejam despertados e criem o hábito de gostar de ler. Por que ler qualquer pessoa pode ler, mas para gostar de ler se faz necessário um “treino” diário; daí sim poder saborear cada palavra escrita.

Em relação ao tema escolhido para a minha dissertação, foi em torno da formação do professor e em que momento acontecia e de qual maneira eu poderia explicar o resultado desta formação que são oferecidas nas escolas estaduais.

A pesquisa tem por objetivo investigar como e se acontece a formação continuada do professor no lócus escolar durante o ATPC.

Atualmente o professor necessita inteirar-se de saberes e conceitos para restabelecer uma conexão entre saber ser e saber reaprender a ser professor, se transformar. Para tal, saber mediar com o campo educacional ao exhibir na prática o que a teoria lhe sustenta preenchendo o seu conhecimento.

Esta mesma teoria baseada em diversos conceitos que o transmuta de professor “missionário” para o professor transformado de hoje (ASSMANN, 2007). Diante desta

perspectiva de formação continuada esta pesquisa tem por objetivo estudar a formação do professor, as mudanças e as possíveis transformações perante o PROGRAMA LER E ESCREVER.

Na minha dissertação em torno da formação do professor, especificamente do professor que ensina a ler a escrever, do professor alfabetizador da Educação Básica Estadual, não trato de qualquer professor alfabetizador, mas, sim, de três professoras da escola estadual de periferia escolhidas para fazerem parte desta pesquisa.

São estas três professoras de uma escola estadual de São Paulo que são participantes do contexto das políticas e de programas educacionais, as quais fizeram parte da prática educacional desta pesquisa. E neste cenário de participação na política educacional vão se constituindo professoras de si (ASSMANN, 2007), das outras professoras e dos alunos.

Entende-se que durante a construção e a formação docente há mudanças perceptíveis em cada fase memorável, em que cada anseio se transforma em virtude e excelência profissional.

Assmann (2007) diz quanto à importância quando se permite as mudanças, criar novas raízes, ou seja, a *árvore do conhecimento* que Deleuze e Guattari (2004) sugerem superá-la com a metáfora do *rizoma*. Segue os escritos de Assmann (2007, p.76).

Como podem notar, já estamos saltando a outro tipo de metáforas. Com a metáfora anterior do ar, do vento e dos redemoinhos – imagens tão próximas ao fogo e ao ruah hebraico da Bíblia (o vento/ Espírito) -, quem nos traria de mencionar até vendavais e incêndios. As lufadas são fortes, como se verá. Mas passemos a metáforas mais usuais e tranquilas sobre a metamorfose das ideias científicas. Para o conhecimento nunca faltaram metáforas impetuosas como as que falam de raízes, troncos e ramos. Disso a ciência e a pedagogia andam repletas (as raízes do problema, o tronco da exposição ou do tema, os ramos do saber, etc.). Por isso mesmo é interessante acompanhar as novas propostas nesse terreno.

Em contrapartida, a busca por mudança, seja no pessoal, profissional ou intelectual, é a capacidade de perceber a ‘própria’ mudança. Pois na medida em que se consegue enxergar uma transformação no sujeito (eu), houve a transformação (GIROUX 1997). Sendo assim, só há mudança significativa e cognitiva quando o sujeito é capaz de emancipar as ideias na construção de novos pensamentos e atitudes.

São professores e professoras que exercem seu magistério num momento privilegiado, num contexto de mudanças. Mudanças curriculares, mudanças de paradigmas, mudanças nas teorias e nas práticas educacionais.

Mudanças que exigem destes professores também uma transformação. Então, será que acontece esta transformação? Será que estar em meio a este cenário lhes ajuda a se transformar? Podem assim qualificar seu trabalho em meio desta transformação?

Atualmente o professor necessita inteirar-se de saberes e conceitos para restabelecer uma conexão entre saber ser e saber reaprender a ser professor, se transformar. Para tal, saber mediar com o campo educacional ao exibir na prática o que a teoria lhe sustenta preenchendo o seu conhecimento. Esta mesma teoria baseada em diversos conceitos que o transmuta de professor “missionário” para o professor transformado de hoje (ASSMANN, 2007).

Muito se tem discutido sobre a formação do professor diante da antiga formação do magistério e atual formação universitária. Há muita valia em reconhecer a grande necessidade de aprimoramentos indispensáveis no perfil do professor de tempos em tempos. Então, quer dizer que só não basta formar-se, o professor necessita transformar-se muitas vezes para exercer a sua função de mediador dos conhecimentos.

Diante desta perspectiva da formação do professor alguns conceitos sustentam esta discussão como Assmann (2007), que reflete sob a carência no perfil do professor ao explicar a grande importância de *reencantar a educação* por meio da mudança e

transformação diante da reconquista de si enquanto professor. Giroux (1997), que trata da formação intelectual que reflete e oferece condições para uma mudança de postura por parte dos professores, que agrega fundamentos para a sua formação, assim como também em sua atuação profissional.

A argumentação aqui construída parte dos conceitos e concepções destes autores que contribuem com a presente pesquisa. Bem como se podem depreender dos dados construídos e compartilhados pelas professoras participantes, no que se pretende esclarecer o objeto desta pesquisa, bem como construir possíveis respostas às aporias que deram origem a ela.

Cada página escrita do texto foi crescendo, intensificando o tema com as leituras que serviam como base para a construção da dissertação, na qual pude perceber a minha melhor mudança: de aluna pesquisadora para aluna mestranda.

Então, fui percorrendo cada página escrita que resultou neste trabalho de dissertação de mestrado, o qual se fez distribuído nas aulas presenciais e inúmeras conversas com a minha orientadora Professora Patrícia Bioto, a fim de alcançar o objeto da pesquisa.

Desta forma foi proposto como objeto de pesquisa investigar a formação do professor diante do Programa Ler e Escrever na rede pública estadual de São Paulo.

Para tanto, pesquisou-se o processo de formação docente proposto pelo Programa Ler e Escrever em uma unidade escolar situada na zona norte de São Paulo.

Esta pesquisa construiu-se com dois instrumentos principais: (1) estudo teórico e documental e (2) pesquisa empírica.

Para a primeira parte procedeu-se ao levantamento de literatura sobre o tema que viesse ao encontro das necessidades deste estudo. Foram pesquisados também os dispositivos legais que dizem respeito ao tema de estudo.

Para a segunda parte utilizou-se de observação de reuniões de ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo), coleta de falas espontâneas de todos os professores presentes nestas reuniões, questionário individual com as professoras participantes (3), roda

de conversa com este pequeno grupo (a pesquisadora e as outras três professoras).

O universo de pesquisa foi em uma escola pública estadual que comporta três períodos: manhã, tarde e noite, oferecendo aos estudantes o ensino de Educação Básica do Ciclo I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Na parte empírica, procurou-se recolher informações provindas dos diálogos das professoras participantes durante o horário de ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) na escola. Nestes momentos, às vezes descontraídos ou em conflitos, originou-se cada parte dando forma e contextualização ao trabalho.

Foram dois momentos principais: a observação dos momentos de ATPC na escola para coleta de informações, inspirados naquilo que fez Maria de Lourdes Earp (2012) para construir sua tese de doutorado. Maria de Lourdes procurava captar os juízos que os professores emitiam e formavam acerca de seus alunos partindo da observação de suas falas nas reuniões de Conselho de classe. Baseada no que pôde observar, teceu suas análises. Maria de Lourdes teve com inspirador de seus estudos o de Pierre Bourdieu (1999), em seu texto sobre juízo professoral.

Estas reuniões ocorreram em dois anos: 2014 e 2015. Foram 05 em 2014 e 04 observadas em 2015.

Em um segundo momento, procedeu-se a coleta de depoimentos das professoras participantes de pesquisa enquanto sujeitos alvo da investigação. As professoras participantes são denominadas aqui por: *MA*, *MI* e *VE*.

As professoras participantes *MA*, *MI* e *VE* se encontram em cargo público estadual no qual denomina-se por “estáveis no cargo como categoria F”, que são professores formados que atuam com estabilidade no cargo, porém não são concursados. Os docentes de categoria F são abrangidos pelo disposto no § 2º do artigo 2º da Lei Complementar Nº 1.010/2007 publicado em Diário Oficial 02/06/2007.

Foram coletados os depoimentos escritos destas professoras que posteriormente também passaram por uma primeira organização e análise que será a seguir apresentada.

Em cada linha escrita que ao longo desta pesquisa moveu-se entre curiosidade, aflições e a vontade de concluir mais uma etapa, era logo recompensada com aquela palavra de alívio “consegui”! Ou ainda por palavras de sua orientadora “terminamos mais uma etapa”...

A cada semestre concluído eu pude sentir aquela sensação de alívio, já com as próximas leituras e afazeres para o próximo capítulo. Enfim, sem descanso. Porém, com a certeza que vale o cansaço e as lamentações! Afinal, hoje eu tenho relatos e motivos para dizer o quanto estou transformada.

Então, ser docente se representa como ser social entre os diversos contextos em diferentes momentos sociohistóricos apresentando mudanças notáveis em sua trajetória docente quando ele busca nas metodologias artefatos que contribuem em sua formação ao longo do tempo. Seja ele conservador nato ou percussor adepto a mudanças.

Esteve (1999, p.31) trata da transformação como um desafio para o professor.

As transformações apontadas supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles. Já não existe o amparo do consenso social. Qualquer atitude do professor pode ser contestada, e haverá grupos e forças sociais dispostos a apoiar a contestação ao professor. Qualquer valor que o defenda em classe pode ser rebatido, não somente da perspectiva individual de um aluno, mas com o apoio de diferentes concorrentes de opinião que têm suas origens nos meios de comunicação de massa (SANTOS, 1983).

Desta perspectiva, rompe-se a relação de ansiedade estabelecida pelo enfoque normativo entre o fracasso do professor e sua suposta falta de qualidade para o magistério; pois se prova a possibilidade de que o professor possua as qualidades necessárias para obter êxito, bem como que a situação contextual na qual se dão as relações com seus alunos impede a atuação ou reconhecimento das qualidades que possui. (SANDERS e SCHWAB, 1980).

Este trabalho de Mestrado pelo PROGEPE – Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Profissionais da Universidade Nove de Julho – UNINOVE possibilitou investigar como e se acontece a formação continuada do professor diante do Programa Ler e Escrever, seja em lócus escolar e individualmente. A pesquisa propõe argumentar sobre esta questão da formação que desde há muito tempo vem sendo questionada em sua competência e diante da necessidade de reorganizar as metodologias que envolvem a formação continuada.

Falar sobre o perfil do professor requer apontar como foco principal a formação inicial e a continuada, a qual é o alicerce do professor em toda a sua vida acadêmica e profissional, compreendendo-se que há muito que estudar, investigar e reorganizar nesta formação continuada.

O profissional docente encara tais mudanças necessárias em sua vida acadêmica e nesta transição ao novo, busca o conhecimento nas metodologias, assim, passa a perceber o que lhe faltava para transmutar-se nas referidas mudanças tão necessárias ao longo de sua carreira docente. E caso algum professor ainda não perceba tais mudanças, é porque esta mudança não lhe proporcionou transformações. Entretanto, toda mudança requer adaptação (ASSMANN, 2007) em querer algo ainda desconhecido. Porém, muitos professores sentem um tipo de repulsa em relação ao conhecer o novo, em transformar-se.

As transformações do professor por muitas vezes o levam a repensar em sua profissão como sendo a responsável por esta busca de formação e conhecimento. Requer do professor os estudos em grupo e individualmente. Pois este desdobramento de funções e ações demanda que ele se abasteça periodicamente por meio das metodologias que o auxiliam quando se esgota profissionalmente diante desta grande empresa que é a escola. Assim, tentar compreender “como ser este professor quase à beira da perfeição ou da loucura”.

Assim, me formei recebendo o título em formação como Mestre em Educação no dia 28 de abril de 2016 pela UNINOVE no

PROGEPE – PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS EDUCACIONAIS onde tive como orientadora a Professora Doutora Patrícia Aparecida Bioto Cavalcanti.

Referências

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade pendente*. Petrópolis/ RJ: ed. Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, pp.185-216, 1999.

EARP, Maria de Lourdes Sá. O juízo professoral: um estudo em uma escola pública da cidade do rio de janeiro. Fundação Cesgranrio. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas – 2012.

ESTEVE, José Manuel. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Trad: Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Agradeço a participação e grande contribuição neste projeto.

Ivana Santiago Bueno.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: DE PROFESSORA A FORMADORA DE PROFESSORES

Liliane de Almeida Barbosa

Tanto escrever sobre o que fazemos como ler sobre o que fizemos nos permite alcançar uma certa distância da ação e ver as coisas e a nós mesmos em perspectiva.
Miguel Zabalza

Narrar a própria história, selecionar os momentos e situações que são relevantes e possam interessar aos leitores, uma tarefa reflexiva, assim como Zabalza explicita na epígrafe, permite olhar à distância os aspectos da formação e da carreira, que já passa dos 25 anos, que me constituem como profissional, mulher e pessoa. Possibilita trazer à tona os sabores e dessabores vivenciados ao longo desses anos.

Assim, busco, em minha memória, o que me levou ao magistério, desde muito cedo tive vontade de ser professora, segundo minha mãe nunca tive dúvida ao responder à costumeira pergunta feita pelos adultos “O que vai ser quando crescer?”. Bem pequena escrevia na lousa, que muitas vezes era uma parede ou a porta de um guarda-roupa e brincava de escolinha, despertando o desejo de aprender a ler e escrever.

Aos cinco anos fui alfabetizada pela minha mãe, que, com a “Cartilha da Mimi”, deixava a lição do dia e ao voltar do trabalho fazia a correção e tomava a leitura. Considerando que os saberes docentes são construídos no contexto de uma história de vida e que conforme Tardif (2014) aprendemos o ofício de professor também com nossas experiências como estudantes, minha mãe foi meu primeiro modelo de professora.

Aos 15 anos ingressei no curso do magistério e no ano seguinte entrei para um projeto de educação popular denominado Centro de Educação Popular Liberdade e Vida (CEPLIV), que tinha o propósito de alfabetizar jovens e adultos e funcionava em garagens, salões de igrejas, associações, ou seja, onde houvesse alguém disposto a ceder um espaço e pessoas com interesse de aprender ler e escrever poderia ser organizada uma turma. No período de sua existência foram alfabetizados mais de dois mil jovens e adultos na Região Oeste.

Fazer parte deste projeto, aos 16 anos, ainda uma adolescente, concomitante ao magistério mudou minha maneira de entender a educação. Fui apresentada à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, à educação libertadora e emancipadora, à importância do ensino que considere o educando, que oportunize a verdadeira relação teoria e prática, impulsionando questionamentos e constituindo minha identidade profissional.

Ainda tive a oportunidade de conhecer a primeira experiência de formação continuada da minha carreira profissional, o trabalho era organizado de forma que havia aula nas noites de segunda à quinta e às sextas participávamos de reuniões pedagógicas, nas quais recebíamos orientações, trocávamos experiências, discutíamos as dificuldades que enfrentávamos, situações didáticas e estudávamos a pedagogia de Paulo Freire.

Durante três anos, eu estudava à tarde e lecionava à noite para os jovens e adultos na igreja católica, da qual era membro desde criança. Grande parte dos educandos eram conhecidos e participávamos juntos em atividades da igreja, o que me deixava em uma posição de extremo comprometimento com a aprendizagem daquelas pessoas.

Ao terminar o magistério, não pude continuar lecionando no CEPLIV, pois tinha desejo de cursar a sonhada graduação. Fui trabalhar como professora eventual na rede estadual e assumi, por meio de contrato, na Prefeitura de Jandira, minha primeira turma,

uma 1ª série, inclusive era a primeira turma de Ensino Fundamental da rede, que estava iniciando o processo de municipalização, ano de 1997. Naquele mesmo ano, fiz o concurso público, em que passei em segundo lugar e, portanto, ingressei como efetiva à rede municipal de Jandira em 1998, mesmo em ano que iniciei o curso de Letras.

Buscava desenvolver uma prática significativa, para mim e para as crianças, sempre recorria aos materiais dos cursos e estudos do CEPLIV e do magistério. Tinha curiosidade e queria aprender mais sobre o construtivismo. Muitas vezes me sentia sozinha em sala de aula ao tentar desenvolver novas práticas, buscava estratégias e caminhos diferenciados na parceria com colegas mais experientes.

Sobre a experiência, trago a abordagem de Larrosa (2004, p. 27) que a apresenta sob a ótica da composição em par de experiência/sentido:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível, o que acontece o afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.

O sujeito, definido não por sua atividade, mas pela abertura para ser transformado pela experiência, constitui território de passagem, submetido a uma lógica da paixão, pois no saber da experiência se trata do sentido que damos àquilo que nos passa.

Em 2001, a Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, por meio do Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (PLANFOR), lançou o Pró-Formador com a missão de preparar técnicos para formar educadores das redes públicas municipais do Estado de São Paulo, a proposta foi apresentada aos municípios da Grande São Paulo, logo Jandira teve interesse em aderir ao programa, ocasião em que eu concluía minha graduação em Letras.

Esta iniciativa foi desenvolvida pelo Instituto Qualidade no Ensino (IQE), consistia em um programa de formação de formadores de professores de 1ª a 4ª série em Língua Portuguesa e Matemática, com a carga horária de 500 horas, distribuídas em 13 módulos, organizados de maneira que o formador participasse por uma semana dos encontros de formação e na outra desenvolveria as atividades em sua rede.

Eu trabalhava na maior escola da rede municipal e a diretora da escola apresentou a proposta aos professores, explicou que a Secretaria da Educação solicitou que a escola indicasse um professor com formação em Letras ou Pedagogia para desenvolver o programa de Língua Portuguesa na rede. Inicialmente, deixaram claro que não haveria aumento no salário, mas que aumentaria a jornada, afinal a jornada de professora era de 20 horas semanais e passaria a 40, portanto o benefício seria a formação recebida.

Fiquei interessada, afinal enxerguei a oportunidade de responder às minhas inquietações em relação à prática pedagógica, mas trabalhava à tarde na rede estadual, lecionando Língua Portuguesa em duas turmas de 7ª série. Minhas colegas declinaram e disseram que a pessoa indicada para a tarefa deveria ser eu, pois não era casada, não tinha filhos e tinha tempo para estudar. Era o incentivo que faltava, aceitei o desafio, infelizmente precisei deixar as turmas em que lecionava à tarde e fiquei somente com as da noite.

Os estudos desenvolvidos naquele ano, pautados nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, possibilitaram reflexão sobre a formação continuada em serviço, os caminhos da alfabetização, sobre a prática de ensino da língua por meio dos gêneros textuais, avaliação, planejamento e leitura; trouxeram novo olhar para a formação e mostraram que era preciso construir um programa de formação que valorizasse a prática e a experiência dos professores, bem como possibilitasse a transformação a partir da reflexão.

Em 2004, fui convidada para ser coordenadora pedagógica de uma escola de grande porte da rede municipal de Jandira, na qual pude conhecer as ansiedades, inconsistências e dificuldades da rotina desse profissional, a escola atendia Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, além dos professores das áreas de Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Sempre era um desafio organizar boas reuniões de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, que envolvesse a todos e propiciasse a reflexão, a troca de experiências e o diálogo. Ainda manter uma rotina de observação de aulas, devolutivas das observações realizadas, acompanhamento da aprendizagem dos estudantes, atendimento aos pais, articular as metas e ações do Projeto Político Pedagógico. Confesso que na minha experiência como professora sentia falta de coordenadoras pedagógicas mais atuantes e me esforcei para ser a coordenadora que eu gostaria de ter.

Em 2006, voltei à Secretaria como formadora de um novo programa apresentado à rede municipal em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores Letra e Vida. Mais uma vez tive a oportunidade de estudar e aprofundar os conhecimentos na alfabetização e à época a formação foi desenvolvida aos professores de 1^a e 2^a série, pré-escola e coordenadores pedagógicos, totalizando aproximadamente 120 participantes.

Em 2007, foi criada a Casa do Professor, departamento responsável pela formação de toda a rede municipal para o qual prestei concurso público para o cargo de Professor Coordenador de Língua Portuguesa, ingressando em junho de 2008.

Desde então participei e desenvolvi alguns programas de formação de professores como ProJovem, Credenciamento de Gestores Escolares, Jornadas Pedagógicas, Formação dos Coordenadores Pedagógicos; ainda assumi várias funções na Secretaria Municipal de Educação de Jandira, Coordenadora da Casa do Professor, Coordenadora do Ensino Fundamental,

Diretora Pedagógica e, inclusive, exerci por um período a função de Secretária Municipal de Educação.

Em paralelo com a atuação na secretaria, trabalhei na Rede Estadual e privada, em turmas de Supletivo, Telessalas e ensino regular nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, lecionei Língua Portuguesa e Inglês no ensino técnico do Instituto Técnico de Barueri, também exerci por seis anos a função de tutora em cursos de Pedagogia da Uniararas.

Por um tempo desejei avançar em minha formação acadêmica, mas a rotina de trabalho e a maternidade postergaram este sonho, que só ocorreu em 2018, quando ingressei no mestrado, no qual dissertei sobre a formação continuada do coordenador pedagógico e o papel do registro reflexivo.

A prática educativa me fez valorizar a formação permanente e a reflexão, em uma escola democrática, que contribui na formação da cidadania dos sujeitos, concebe o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas, o desafio é construir contextos formativos com base na experiência e diálogo, formar o professor reflexivo em uma escola reflexiva como preconiza Alarcão (2010).

TRAÇANDO CAMINHOS: COMPARTILHANDO A HISTÓRIA, SABERES, DESAFIOS E O PRAZER DE SER QUEM EU SOU

Liliane de Jesus

Auto-bio-grafar é aparar a si mesmo com suas próprias mãos [...] como a ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita. (Maria da Conceição Passegi)

Traçar meu caminho até aqui me fez refletir sobre o quanto aquela menina tímida, que chorava na Educação Infantil por se sentir insegura, evoluiu e quantas experiências adquiri neste meu percurso, muitas delas boas e outras nem tão boas assim. No entanto, foram essas experiências que me fizeram crescer, sonhar, almejar e me tornar a mulher, esposa, professora e pesquisadora que sou hoje. A escolha da epígrafe de Maria da Conceição Passegi reflete exatamente o que sinto neste momento em que parei para escrever sobre mim: o quanto eu fiz para chegar até aqui, quem são os personagens dessa minha história e o que eu farei a partir desse momento.

Sou filha de uma dona de casa e de um metalúrgico, moradora do ABC Paulista. Minha família sempre acreditou na importância da educação e, dentro de suas possibilidades, nos incentivava nos estudos. Sou a filha do meio de três irmãs, e a leitura sempre foi algo muito presente em nossa casa. Recordo-me com muita nitidez de todos os livros que meu pai tinha, inclusive um que sempre achei intrigante pelo título: "Memórias de um Burro", um livro de capa dura com a dedicatória de professores do meu pai, que sempre foi muito dedicado aos estudos, assim como minha mãe.

Desde pequena, eu tinha o desejo de ser professora. Uma das minhas brincadeiras favoritas era brincar de "escolinha". Minha

irmã mais nova sempre era a minha aluna. Reproduzia toda a minha vivência escolar nas brincadeiras. Como disse no início, na Educação Infantil, que na minha época era chamada carinhosamente de “prezinho”, eu geralmente chorava, quando a minha melhor amiga faltava, quando a minha avó atrasava alguns minutos na hora da saída, mesmo assim sempre gostei da escola e do ato de ensinar e de compartilhar.

Recordo-me das minhas vivências escolares e das minhas professoras. No entanto, não tenho lembrança de alunos com deficiência na escola, mas tive convivência com pessoas com deficiência em outros grupos sociais, como na igreja. Por isso não me surpreendi ao encontrar pessoas com deficiência nas escolas regulares.

Meu percurso enquanto estudante sempre foi na escola pública e com a finalidade de me tornar professora tive o privilégio de ingressar no curso de magistério no ano de 2001, no instituto Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) em São Bernardo do Campo. A minha turma foi a penúltima do CEFAM em São Bernardo do Campo, para mim um local privilegiado para formação de professores que foi extinto por volta de 2005-2006.

Como parte do curso de Magistério, precisávamos realizar o estágio supervisionado nas escolas do município, e foi nessa época que me deparei com uma escola um pouco diferente, onde as pessoas com deficiência faziam parte das salas regulares. Para mim, foi uma grata surpresa. No entanto, ao conversar com os professores e auxiliares, percebi que havia inúmeras queixas e incertezas relacionadas ao trabalho com essas pessoas e à educação inclusiva.

Na perspectiva inclusiva, não se concebe a Educação Especial como uma modalidade substitutiva ao ensino regular, na qual os alunos com deficiência frequentam escolas ou classes especiais. Eles devem estar inseridos no ensino regular, sendo a Educação Especial uma "modalidade que perpassa as etapas e demais modalidades de ensino". A tarefa da Educação Especial é

promover o atendimento educacional especializado, disponibilizar os recursos e serviços específicos dessa modalidade e orientar quanto à sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns (MEC, 2008).

Uma escola inclusiva proporciona benefícios a todos os alunos, não apenas aos com deficiência, conforme enfatiza Carbonell (2016, p. 108).

Os benefícios da inclusão supõem um enriquecimento para todos os alunos e não apenas para aqueles considerados deficientes. Isso ocorre porque são vários os aspectos que melhoram: as interações mediante a cooperação e ajuda mútua: a autonomia; a responsabilidade; o respeito; as expectativas de êxito; a superação das dificuldades e dos problemas; o envolvimento da comunidade com suas redes de apoio; os recursos materiais e humanos, quando estes, que eram da educação especial, são revertidos para à educação geral.

Continuando meu percurso como estagiária no CEFAM, tive a oportunidade de passar por uma escola que ainda possuía duas turmas chamadas especiais, chamadas de "salas de aula integradas". Essas salas eram compostas apenas por alunos com deficiência intelectual e tinham uma professora especialista em educação especial. As salas estavam localizadas no final do último corredor da escola, e as crianças dessas turmas esperavam participar das atividades coletivas propostas na escola, ficando limitadas ao espaço físico. Fui estagiária em uma dessas turmas e, a partir desse momento, comecei a enxergar as pessoas com deficiência por uma nova perspectiva, valorizando suas potencialidades em vez de focar no que elas não conseguem fazer. Mais uma vez, recorro a Carbonell (2016, p. 108), para suscitar a necessidade de uma modificação substancial na concepção educativa para termos uma Educação Inclusiva.

Falar de educação inclusiva, a partir da cultura escolar, requer estarmos dispostos a mudar nossas práticas pedagógicas, para que sejam cada vez menos segregadoras e mais humanizadoras. Isso

implica uma mudança na mentalidade dos docentes em relações as competências cognitivas e culturais dos indivíduos com deficiência intelectual; implica transformar os sistemas de ensino aprendizagem e o modo de desenvolver o currículo, representa que devem mudar a organização do espaço e do tempo escolar; e mudar os sistemas de avaliação [...] (BARTON, 1998, apud CARBONELL, 2016, p.108).

A configuração em que aquela escola se encontrava não correspondia a uma educação inclusiva, e essa organização me incomodou muito. No entanto, naquele momento histórico, eu não tinha ferramentas para mudar a situação. Então, aproveitei a oportunidade de aprender com a professora especialista da turma, que nos mostrava as potencialidades de cada aluno. Apesar da escassez de recursos materiais e humanos, ela fazia tudo o que estava ao seu alcance para atendê-los.

Em 2004, iniciei o curso de Pedagogia na Faculdade de São Bernardo do Campo (FASB) e ingressei como estagiária remunerada na prefeitura do mesmo município. Como estagiária, minha função era substituir as faltas dos professores e, quando não havia falta, auxiliá-los em sala de aula ou fora dela, preparando os materiais. Nessas ocasiões de auxílio, acompanhávamos alguns alunos com deficiência. Apesar de já ter tido experiência anterior em sala integrada e de não aceitar aquele modelo, eu tinha dificuldades em refletir sobre a importância dessas pessoas no ambiente escolar. Agia apenas com empatia.

Destaco aqui a importância do estágio durante o período universitário, pois é o momento em que os graduandos entram contato com a realidade escolar e começam a se tornar docentes, aprendendo com professores mais experientes, trocando informações e conhecimentos, além de poder levar para a universidade discussões atuais relacionadas à educação. Nesse sentido, Noffs (2019, p.127) enfatiza: "A profissionalização do professor depende, em certa medida, do estágio supervisionado, já que este coloca em evidência a gestão da sala de aula, os saberes

docentes, a realidade das escolas, os conflitos e tudo mais que envolve as práticas pedagógicas".

Ainda a respeito do estágio na formação de professores Pimenta e Lima (2017, p.38) declaram:

Por isso que afirmamos que os estágios nos cursos de formação de professores podem se constituir como uma atividade teórica que possibilita os estudantes desses cursos, em suas futuras *práxis docente*, transformarem a realidade do ensino no contexto onde se situarem, contribuindo para emancipação, conforme Freire (1979) e Franco e Pimenta (2015).

O período em que realizei o estágio foi muito importante para minha formação como professora. Recordo-me de discutirmos situações das escolas na faculdade, o que enriqueceu muito o nosso trabalho, além de garantir a remuneração que possibilitava custear os gastos com os estudos.

Durante o tempo em que estava na graduação, ocorreu a abertura de diversos concursos públicos nas redes municipais do ABC, assim como na rede estadual de São Paulo. Participei de alguns desses concursos e obtive uma boa classificação no do município de Santo André.

Terminei a graduação em 2007 e, em 2008, iniciei como professora concursada no município de Santo André. Minha primeira turma foi do segundo ano, e nela tínhamos dois alunos com diagnóstico de deficiência e um aluno em processo de avaliação multidisciplinar. Foi um grande desafio para mim, pois agora não era mais estagiária, eu era a professora regente da sala e precisava lidar com o processo de alfabetização de todos aqueles alunos. O grande diferencial foi contar com o apoio da minha Assistente Pedagógica¹ e da Professora Assessora de Educação

¹ Assistente Pedagógica (AP) é uma professora da rede municipal que assume a função gratificada. A sua lotação original é em uma escola de Ed. Infantil/ Ensino Fundamental ou EJA e está profissional desempenha o seu papel onde for designada.

Inclusiva, que me orientava em relação ao trabalho com os alunos com deficiência.

Sempre tive um desejo latente pelo conhecimento, por isso aproveitei todas as oportunidades de cursos oferecidos pela secretaria de educação. Em meu primeiro ano na rede, participei do curso "Ação escrita", uma formação voltada para a alfabetização, e do curso de Libras, uma parceria da prefeitura com o Instituto Paradigma.

Mesmo acompanhando os cursos oferecidos para os professores pela secretaria de educação, comecei a sentir a necessidade de aprimorar meus estudos. Em 2010, iniciei minha primeira especialização na área de Educação Especial/Inclusiva, na Faculdade Anhanguera. Eu queria ampliar minhas possibilidades de intervenção e trabalho com meus alunos, principalmente os alunos com deficiência. Em seguida, no ano de 2012, fiz outra especialização em Psicologia na Educação, oferecida em parceria com a Universidade de São Paulo e a prefeitura de Santo André. Foi a partir dessa especialização que eu comecei a vislumbrar a possibilidade de fazer um mestrado, embora ainda parecesse algo muito distante.

Apoio-me aqui em Freire (2016), que aborda a importância do professor pesquisador. Segundo ele, é fundamental para o desenvolvimento profissional do docente ter curiosidade, realizar pesquisas e refletir criticamente sobre a prática. "Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar uma novidade" (p.30-31). Fui uma criança curiosa, e essa curiosidade continua comigo e me acompanha profissionalmente, pois estou sempre em busca de novos horizontes e conhecimentos para compartilhar.

No ano de 2012, minha vida profissional começou a trilhar um novo caminho que eu nem imaginava. Tornei-me parte do

Centro de Atenção ao Desenvolvimento Educacional (CADE)² como Professora Assessora de Educação Inclusiva. Foi um enorme desafio, pois a função desse profissional é refletir junto à escola e todos os envolvidos no processo de inclusão dos alunos com deficiência.

Esse trabalho era realizado de forma itinerante e eu era responsável por duas escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, além de duas creches. Embora desafiador, estar nessa função me proporcionou muitas oportunidades que eu não teria se estivesse em sala de aula. Pude participar de congressos, palestras e discussões em outros municípios sobre Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. Todas essas oportunidades me impulsionaram a buscar mais informações e estudar.

Em 2013, fui chamada para trabalhar no município de São Bernardo e decidir renunciar à função de PAEI e voltar para minha sala de aula. Dessa forma, trabalharia meio período em cada município. Sair da Educação Inclusiva me deixou muito triste, mas, por motivos pessoais, naquele momento, aquela era a melhor escolha. Para minha surpresa, antes mesmo de sair, recebi o convite para ficar na equipe, mas dessa vez como professora de sala de recursos multifuncionais. Nessa nova função, eu poderia trabalhar apenas meio período, e não pensei duas vezes antes de aceitar. Trabalhar em sala de recursos multifuncionais foi uma realização para mim, pois estava trabalhando diretamente com os alunos com deficiência e ainda podia fazer parte do processo formativo da equipe de educação inclusiva.

Gostaria de destacar uma coordenadora que tivemos na equipe, que marcou a minha vida e acredito que também a das minhas colegas. Ela pensava fora da caixa e acreditava muito em nossa equipe. Em uma das primeiras reuniões, ela nos trouxe uma

² O Centro de Atenção ao Desenvolvimento Educacional passou a ser uma Gerência de Educação Inclusiva e em 2022 se tornou o departamento de Educação Inclusiva na secretaria de Educação de Santo André.

parábola como leitura deleite, que fazia alusão à mãe galinha e à mãe águia. A galinha acolhe seus filhotes embaixo de suas asas, enquanto a águia os empurra do salto para que aprendam a voar. Ela nos disse que seria uma mãe águia para aquele grupo e nos faria voar como profissionais.

Para nossa surpresa, ela nos incentivou a fazer uma inscrição para apresentar nossas práticas de trabalho no Atendimento Educacional Especializado (AEE) em um congresso chamado "ICLOC – Práticas de Sala de Aula". Não estávamos acostumadas a fazer esse tipo de apresentação, mas todas nós nos inscrevemos com diferentes trabalhos e, pela primeira vez, o evento recebeu um número significativo de práticas que abordavam a educação especial na perspectiva inclusiva. Tanto que nos anos seguintes o congresso passou a ter um eixo específico para esses trabalhos.

Continuamos nessa empreitada, levando nossas práticas para compartilhar em congressos em diferentes cidades e estados. Em todas as ações que realizamos, nossa coordenadora nos colocava como protagonistas e nos incentivava a mostrar nosso fazer e tudo o que estávamos construindo.

Nesse mesmo período, eu também estava trabalhando no município de São Bernardo do Campo e tive a oportunidade de trabalhar por 2 anos e 6 meses em uma Escola de Jovens e Adultos (EJA). Lá, trabalhávamos simultaneamente alfabetização e educação profissional no eixo de corte e costura, seguindo uma abordagem freiriana. Foi uma experiência nova de trabalho e aprendi muito com meus colegas professores e com os alunos.

Esse percurso foi me aproximando da pós-graduação *Stricto Sensu*. Algumas amigas começaram a fazer também e mostraram que era possível. Lembro-me claramente do dia em que o Professor Dr. José Eustáquio Romão foi fazer uma palestra para os gestores em Santo André e nos contou sobre as bolsas de mestrado e doutorado na Universidade Nove de Julho. Nessa ocasião, muitas pessoas começaram a estudar nesta universidade. No entanto, minhas inquietações eram muitas e eu não conseguia focar em algo que eu queria pesquisar.

Em 2016, iniciei uma nova especialização na Universidade Federal do ABC, em uma parceria entre a prefeitura e a universidade. O ambiente acadêmico estimulou minha vontade e necessidade de buscar algo a mais. Junto com uma amiga, conversamos que iríamos fazer o mestrado. Foi então que coloquei minhas primeiras preocupações no papel, que diziam respeito à implementação das políticas públicas da Educação Especial na rede estadual de Educação Básica no município de Santo André.

Com esse projeto, tomei a decisão de participar do processo seletivo para o programa de mestrado na Universidade Nove de Julho. Fui aprovado para o Mestrado profissional em Gestão e Práticas Educacionais, o que representou uma nova fase com novos desafios. Deixei meu cargo na prefeitura de São Bernardo e permaneci apenas na prefeitura de Santo André, dedicando-me ao mestrado.

E quanto ao tema da minha pesquisa? O percurso do mestrado revelou novos caminhos, o que também alterou meu foco de estudo de políticas públicas para formação permanente de professores, mais especificamente a formação das professoras assessoras da Educação Inclusiva e os saberes necessários para sua atuação. Desenvolver a pesquisa dentro do meu universo de trabalho foi um desafio gratificante e me deu a oportunidade de conhecer melhor e problematizar questões que por estarmos imersos no ambiente por vezes não conseguimos enxergar e o distanciamento que precisamos tomar no momento da pesquisa nos faz perceber.

Para encerrar, retomo aqui a epígrafe do meu texto: "Auto-bio-grafar é aparar a si mesmo com suas próprias mãos". Quando escrevemos sobre nós mesmos, renascemos e podemos perceber o quanto mudamos, o quanto crescemos e como o nosso caminho, por vezes difícil, também foi gratificante. Defendi o meu mestrado no dia 27 de março de 2020 no difícil e triste primeiro ano da Pandemia da COVID 19 e no segundo semestre iniciei os meus estudos no Doutorado, hoje estou trilhando esse caminho

escrevendo a minha história entre as pesquisas, alegrias, angústias e surpresas do desenvolvimento da minha Tese.

Referências

CARBONELL, Jaume. **Pedagogias do século XXI**: Bases para inovação educativa. Porto Alegre: Penso, 4 ed. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 53 ed. 2016.

NOFFS, LIZARDO, SILVA. Estágio: O início da profissionalização docente. **Laplage em revista**- PPEd- UFSCAR. Sorocaba. Vol. 5- nº1. Jan/abril, p.121-131. Disponível em: <http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/616>. Acesso em novembro de 2019.

PASSEGGI, Maria. Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E.C. **Pesquisa (auto)biográfica. Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p.203-218.

PIMENTA, Selma. Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

MEU CAMINHAR NA EDUCAÇÃO!

Michele Olim

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousamos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (Fernando Pessoa)

Fazer uma autobiografia nunca é tarefa fácil. Falar de si mesma e reconhecer algumas características é relembrar momentos e todo o caminho percorrido para alcançar alguns objetivos é resgatar memórias boas e algumas nem tanto.

Me chamo Michele Pimentel Olim e tenho quarenta e dois anos. Quando era um pouco mais nova, estudei em uma escola da rede estadual de São Paulo, que ficava bem na frente de minha casa, devia ter entre doze e treze anos. Lá pude presenciar algumas aulas do Magistério, via as futuras professoras e professores fazendo atividades no pátio interno da escola, apresentando teatros e trabalhos diversos e confesso que isso me encantava. As aulas pareciam ser muito dinâmicas e práticas, o que hoje considero primordial na educação.

Aos dezessete anos iniciei minha jornada na área da educação, trabalhando em uma Escola de Educação Infantil da rede particular como professora. Dei aulas para berçário e a criação do vínculo era inevitável. Nesta época cursava o último ano do Ensino Médio em uma escola no município de Osasco, e nesta mesma época o Magistério/CEFAM já havia acabado.

O salário nesta época era muito baixo, a escola era do bairro e as donas me ensinaram muitas coisas, como manter a postura em uma reunião, a melhor forma de atender às famílias, a

organização de eventos diversos, pois como toda escola particular, naquela época ainda comemorávamos todas as datas comemorativas do ano letivo, mesmo aquelas que não estavam no calendário. Foi um aprendizado e tanto na minha vida e para minha carreira.

Ao concluir, em 1996 o Ensino Médio, já iniciei o curso de Pedagogia nas Faculdades Integradas Campos Salles, onde cursei dois anos e desisti da mesma. Desisti no último ano, pois entrei na graduação no ano em que para ser professor precisava ter uma faculdade. Junto comigo, com dezoito anos, tinha somente mais uma aluna. A sala tinha cento e vinte alunos e cento e dezoito pessoas mais idosas, com muitos anos de sala de aula, achando um absurdo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que em seu artigo 87 inciso quarto estipulou que “até o fim da década da educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”.

Todas as professoras da minha sala davam aula há muitos e muitos anos e eu tinha acabado de sair do Ensino Médio, com uma pequena experiência em educação infantil na escola privada. Com isso, eu nunca fui ouvida em minhas ideias. Era julgada muito nova para ajudar as professoras que eram tão experientes nesta função. E por isso, após dois anos de graduação, achei melhor parar o curso e optar por outra faculdade. Neste período fui trabalhar em uma transportadora internacional e em loja num Shopping Center. Cursei então Turismo, mas não concluí, pois sentia que este ainda não era o caminho. Era nova e tinha um mundo pela frente.

Resolvi então, em 2003, retornar à Pedagogia, pois desde criança brincava de escola com bonecas, com peças de Lego e obrigava meus primos e primas a serem meus alunos. Neste momento percebi que sempre quis ser educadora, apesar de ter desistido anteriormente.

Terminei o curso em 2005, e retornei para a escola de educação infantil em que havia trabalhado quando adolescente.

Fiquei por um período curto em sala de aula, mais ou menos seis meses e em seguida fui para a secretaria da escola, para auxiliar as diretoras da mesma. No cargo de secretária recebia pagamentos de mensalidades, organizava os livros no almoxarifado e fazia contato frequente com pais, alunos e professores.

Em 2006 saí desta escola e fui trabalhar no Banco Bradesco, onde fiquei por quase seis anos, na esperança de um dia trabalhar na Fundação Bradesco, que é reconhecida por todos como uma escola de excelência desde a educação infantil até o Ensino Médio. Neste período trabalhando no banco, cursei pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional na UNINOVE e prestei os concursos públicos que foram aparecendo na área da educação, até que passei no concurso do Centro de Educação Infantil (CEI) em 2010. Continuei exercendo minha função no banco quando em 2012 fui chamada para trabalhar em uma escola da Prefeitura de São Paulo.

Nestes onze anos de prefeitura, completados em maio de 2023, passei por uma escola da Diretoria Regional de Educação Pirituba (CEU CEI Vila Atlântica), por uma da Diretoria Regional de Educação Campo Limpo (CEI Bryan Biguinati Jardim), e, atualmente estou na Diretoria Regional de Educação Freguesia do Ó/Brasilândia, inicialmente como coordenadora pedagógica do CEU CEI Jardim Paulistano e há três anos como assistente de direção no Centro Integrado de Jovens e Adultos (CIEJA). Sou efetiva na prefeitura e passei por três Diretorias de Ensino, pois no primeiro ano minha vaga não era definitiva na escola, era uma vaga precária e fui obrigada a escolher nova escola no final do ano. Quando fui para Campo Limpo, apesar de minha vaga na escola ser definitiva, estava longe de casa e quando chegou o período de remoção, fui para a Diretoria da Freguesia e lá estou atualmente.

Em abril de 2015, fui chamada pela Diretora da Unidade para assumir o cargo de coordenadora pedagógica. Sempre quis ser diretora e isso me impulsionou na decisão de assumir a coordenação em uma escola com sete anos de existência, muitos

professores ainda em processo de formação e assim que completei os três anos do estágio probatório na prefeitura (em maio/2015), assumi a coordenação (com cargo designado). Fiz diversos cursos disponibilizados por minha Diretoria de Educação, para melhorar minha prática tanto com os professores quanto com os alunos.

Lembrava-me dos coordenadores que eu já havia conhecido na Prefeitura de São Paulo, também com seus cargos designados, e isso muito me entristecia. Os momentos de formação que eu deveria ter tido desde meu ingresso na Prefeitura eram momentos de conversar com outras professoras. Nenhuma coordenadora efetivamente levou algo prático para a formação de professores. Era mais fácil deixar a água rolar do que nos ajudar em nossas necessidades.

Em 2016 terminei o curso de pós-graduação em Ludopedagogia e a questão da formação dos professores e como suas práticas podem mudar a partir desta formação me inspiraram a estudar e perceber novos métodos, assim como auxiliá-los em sala de aula.

Ser coordenadora pedagógica, mesmo que designada, me ensinou a ter um novo olhar. Não é fácil estar em um cargo de gestão, em especial na educação pública, pois muitos professores não nos respeitam, não nos ouvem ou ainda nos agredem verbalmente durante os horários de formação.

Meu primeiro ano na coordenação, em 2015, foi repleto de muito estudo, mas também de muito choro. Agradeço imensamente à diretora da escola que nunca soltou minha mão, sempre cuidou para que eu tivesse o respeito de todos, dentro e fora da escola. Com ela aprendi algo que levo para a vida: seja fraterno, porém seja firme!

Esta frase me motiva diariamente, me faz enxergar o caminho com maior clareza. Após um ano cheio de aprendizados, 2016 iniciou e com ele uma nova escola também, pois muitos professores se removeram por não concordar com as práticas pedagógicas que eram apresentadas. A diretora tinha exatamente

o mesmo olhar para a educação que eu tenho, e isso facilitou muito nossa maneira de conduzir a escola.

Com o passar dos anos fui me apropriando e me especializando como educadora de educação infantil. Fiz diversas extensões universitárias, cursos e atividades fora do ambiente escolar para ter embasamento teórico nas minhas colocações junto aos professores, que muito me questionavam sobre os apontamentos que fazia e eram pertinentes às situações.

Passei a entender meu papel fundamental nesta função, formar novos olhares, novas práticas. Com tantos textos sendo estudados, cito um trecho escrito por Domingues (2015, p. 66) que retrata o que acredito ser a formação de professores:

Promover mudanças na profissionalidade docente é um processo complexo que precisa considerar as necessidades profissionais dos professores, tanto dos iniciantes como dos veteranos, ou seja, envolver todos os profissionais nas discussões e nas decisões pedagógicas; na elaboração e na avaliação do projeto político-pedagógico; na organização de projeto de estudo; e nas reuniões para a discussão da prática pedagógica.

Mas meu caminhar dentro da educação estava apenas começando! Com apenas três anos como professora de educação infantil efetiva na rede municipal já estava em um cargo que muitos sonham e muitos desprezam. Mas isso me fortaleceu muito. A Prefeitura de São Paulo lançou e ainda lança documentos diversos, e acredito que precisamos nos formar sempre, a cada dia. Não posso reclamar de todo material de suporte que tenho à minha disposição, pois me ajudaram e ajudam nesta caminhada.

No final de 2016, participei do processo seletivo e em 2017, ingressei no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), compondo a Linha de Pesquisa e Intervenção em Gestão Educacional (LIPIGES) como o objetivo de aprofundar

meus estudos referentes à formação continuada de professores, com a reflexão e prática para que pudéssemos tentar minimizar os problemas diários encontrados na unidade escolar.

E neste momento tive uma surpresa. O Mestrado não era nem em sonho o que eu imaginava. No começo me autoavaliava e achava que não conseguiria concluir os estudos. Foram dois anos de muito aprendizado, muita correria, mas também de muita parceria. Conheci pessoas incríveis no curso e isso me fortaleceu muito. Segurávamos as mãos uns dos outros no decorrer do Mestrado. Os desafios foram enormes, leituras e mais leituras para que conseguisse escrever a dissertação, apoio total dos professores que muitas vezes viam nosso cansaço, mas estavam ali conosco. Lembro que achava incrível a forma como os professores nos falavam dos autores que tinham lido ou de que conversávamos nas aulas. Parecia que tomavam café com eles todos os dias, pela forma como falavam e admiravam os autores citados. Posso dizer que após o Mestrado por algumas poucas vezes me vi citando alguns autores também, e lembrei-me das palavras dos professores que tantas vezes diziam que conheciam os autores, pois os estudavam muito. E isso era encantador.

O Mestrado foi um marco na minha vida. Digo sempre que existe a Michele pré-Mestrado e a Michele pós-Mestrado. Antes do Mestrado, apesar de sempre ter estudado muito desde que passei no concurso da prefeitura, sentia que ainda faltava algo.

Depois que concluí o Mestrado, minha visão de mundo mudou. Confesso que ao sair da graduação em Pedagogia achava que conseguiria mudar o mundo à minha volta. Quanto engano de minha parte! Durante o curso de Pedagogia, precisei fazer estágios nos diversos níveis de ensino, e sempre ouvia dos professores que estava na profissão errada, que era nova, que deveria fazer outra faculdade porque ser professor era ruim, desvalorizado, e tantas outras falas. Ficava muito triste, porém pensava que iria mudar quando terminasse a faculdade.

Claro que não consegui mudar o mundo, mas consigo enxergar hoje o quanto posso fazer no lugar em que estou no momento.

Em 2019 concluí o Mestrado e continuava como coordenadora pedagógica no CEU CEI Jardim Paulistano, mas em 2020, fomos forçados a encarar uma pandemia de COVID-19. Chegou no Brasil após matar milhares de pessoas no mundo todo, matou outros milhares aqui também. E tudo se fechou. Todos tinham dúvidas se sobreviveriam a esta pandemia.

E foi neste momento que a educação precisou se reinventar. Professores que não tinham nenhum e-mail cadastrado precisaram criar contas institucionais e atender os alunos on-line. Lembro que por muitas noites fui dormir de madrugada, pois precisava que todos os quarenta e oito professores da minha escola tivessem cadastrado seus e-mails para darmos continuidade na formação. E a Prefeitura nos deu prazo para isso.

Como trabalhava com crianças de zero a três anos de idade, não era obrigatório ter aulas ao vivo, porém todos os dias precisávamos gravar algo e postar na página do Facebook da escola. Nos organizamos e diariamente as postagens ocorriam.

A pandemia trouxe muitas feridas, mas também muito conhecimento. Tivemos muitos professores e professoras com depressão, sem conseguir conversar com as pessoas, sem conseguir sair de suas casas.

Recordo-me de uma das nossas formações on-line que deixei os professores abrirem seus corações, relatarem como estava sendo aquele momento para eles, quais atividades eles faziam e naquele momento não podiam fazer mais, do que mais sentiam falta neste período de isolamento, e todos sentiam falta de estar na escola.

Confesso que achei que a pandemia iria fazer as pessoas valorizarem suas vidas e suas atitudes. Mas infelizmente isso não aconteceu. Muitos professores que diziam sentir falta da escola, quando tomaram a vacina e foram obrigados a voltar ao trabalho presencial ficaram muito bravos.

Enquanto coordenadora pedagógica, no período em que todas as escolas ficaram fechadas, a gestão escolar tinha que se fazer presente, aumentando as possibilidades de contrair o vírus. Tanto a gestão escolar como o quadro de apoio das escolas permaneceram trabalhando presencialmente, e o medo era frequente.

Um pouco antes do início da pandemia, em março de 2020, foi realizado um concurso público de acesso para coordenador pedagógico da prefeitura. Concurso de acesso são aqueles realizados somente por profissionais já efetivos na prefeitura. Eu prestei e não passei neste concurso, me mantendo como professora, exercendo a função de coordenadora pedagógica.

Com isso, em 2021, após um ano de pandemia e vacinas sendo dadas, este concurso voltou a vigorar, e com isso tive que sair da minha função pois viria um novo coordenador pedagógico para meu lugar.

Foi um período de muito sofrimento, pois a mudança iria acontecer em algum momento. Em março de 2021 fui convidada para continuar na coordenação em uma outra escola, agora de jovens e adultos. O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Professora Rose Mary Frasson. Sairia dos bebês e crianças para um novo universo.

Em maio de 2021 chegou o novo coordenador no CEI em que eu estava e eu fui designada para este novo lugar. Como no CEI, meu primeiro ano no CIEJA não foi fácil, apesar de toda bagagem que eu já trazia comigo. Foi um ano de criação de novos olhares, de aguçar minha percepção e de aprender mais e mais. Os documentos da Prefeitura foram primordiais para meu desenvolvimento neste cargo, numa escola nova, com novos professores, nova gestão e muitas novidades.

No decorrer de 2021 não me sentia ainda preparada para assumir um cargo tão importante, e no final do ano achava que teria que voltar para minha sala de aula no CEI. Para minha grata surpresa, fui convidada pela diretora do CIEJA a me tornar

Assistente de Direção dela em 2022. Ela dizia que tenho uma organização na parte mais burocrática que chamou sua atenção.

Com isso, deixei de ser coordenadora pedagógica depois de quase dez anos e atualmente atuo como Assistente de Direção. Nesta função, por muitas vezes fico envolvida em papéis e documentos e tenho saudade de como era gostoso ter o contato com as pessoas dentro da escola. Mas tenho também liberdade de conversar e dar ideias tanto com a diretora quanto com as coordenadoras da escola, visando melhor adequação de todos na unidade.

No CIEJA, além de jovens e adultos, temos também os estudantes com as mais diversas deficiências. Alunos cegos, cadeirantes, com deficiências intelectuais, físicas, autistas, com síndrome de Down e tantos outros alunos. Lidamos também com estudantes em liberdade assistida pela justiça, transexuais e muitos ex-presidiários. É um ambiente em que o respeito pelo outro deve prevalecer em todos os momentos.

Eu, como professora, em alguns momentos sinto falta de ter o contato diário com as crianças, de estar perto e ser chamada quando eles precisavam de mim na escola, mas também percebo hoje que meu papel na educação municipal não poderia ficar restrito somente à educação infantil.

Com os adultos as práticas pedagógicas são outras, com os estudantes com deficiência também, mas é tão compensador quanto estar com as crianças. Eles trazem uma constante alegria e cada gesto deles é encantador.

Ensinar uma pessoa cega a escrever seu nome em Braille é muito gratificante, vemos em seu olhar o quanto essa prática é importante para a aluna. Ter o carinho deles ao chegar na escola com o transporte escolar, sempre sorrindo, sempre trazendo novidades, sempre perguntando de alguém que não viram ainda onde está é muito bom.

Acredito, assim como Paulo Freire (2011), que a educação não muda o mundo, muda as pessoas, e que as pessoas sim mudam o mundo. E retomo minha saída da faculdade há quase vinte anos: mudanças são necessárias, mas só consegue ser feliz quem

efetivamente consegue mudar de dentro para fora, pois a mudança interna é mais significativa e fica marcada como uma tatuagem na gente.

Aprendo todos os dias e me torno inclusive um ser humano melhor. Poderia escrever mais umas dez páginas contando detalhes do meu dia a dia na escola, mas isso vai ficar para um outro texto.

Referências

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 26 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília, 1996.

DOMINGUES, I. **O coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola.** São Paulo: Cortez, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** 53.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

REVISITANDO MINHAS MEMÓRIAS

Patrícia Alamino

Revisitar a minha infância e lembrar o momento exato de minha escolha como docente (aos oito anos), é sempre muito significativo para mim. Na hora do meu intervalo, ao invés de brincar com os colegas, ia ajudar a professora do pré-I a entregar e recolher as folhas das atividades prontas. Ali, tive certeza da minha vocação para ensinar.

Muito tempo se passou e quando tinha 17 anos prestei o Vestibulinho da EE Dr. Washington Luís em Mogi das Cruzes. Passei na primeira leva de alunas do Curso de Magistério. Me casei, tive três filhas e em 2002 me matriculei no Curso de Pedagogia na UNISUZ. Após esse período, muitas portas se abriram.

Trabalhei na Secretaria de Educação em Suzano – CAME; fui Coordenadora Pedagógica e também Diretora de Escola. Em especial, nesse último cargo, recebi uma importante visita na escola na qual trabalhava. Minha Mestre da Pedagogia, Patrícia Boto. Com aquele jeito sempre meigo, me perguntou se eu estava preparada para um novo desafio na minha vida. Cursar o Mestrado Profissional. Prontamente aceitei, esse era um outro desejo que eu sempre tive, só não tinha condições para concluir.

Lembro como se fosse hoje, o resultado final estava para sair, eu estava dando uma formação no HTPC e os professores também estavam acompanhando. Eis que li meu nome. Foi um misto de choro e emoção bastante intensos.

Foram dois anos de muita Leitura e pesquisa. No início, tinha a sensação de que não sabia de nada. Mas aos poucos, fui aprendendo a compilar as informações e dava sustentação para a minha pesquisa.

Concomitante com as aulas do Mestrado Profissional, iniciei como professora na PMSP (Prefeitura Municipal de São Paulo).

Nesse período, pude exercer a função de coordenação e minhas abordagens nas formações estavam diferenciadas.

Já era do meu costume socializar e debater questões fundamentais da prática do ciclo I (em especial, a do ciclo de alfabetização), durante as formações as quais direcionava. Mas, foram se intensificando gradativamente.

Hoje, estou novamente em sala de aula, muitos colegas me perguntam o porquê não leciono em alguma Faculdade, sempre digo que minha prática se realiza na sala de aula com os “meus pequenos”. Nas reuniões de JEIF, sempre procuro participar com algumas orientações específicas, quando a Direção me procura.

Patrícia da S. A. Alamino

UMA TRAJETORIA COMO EDUCADORA, FORMADORA E GESTORA

Patrícia Freire

Ninguém começa a ser educador numa
certa terça-feira às quatro horas da tarde.
Ninguém nasce educador ou marcado para ser
educador.
A gente se faz educador, a gente se forma, como
educador, permanentemente, na prática e na
reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991, p.58)

A minha vida se assemelha a de diversas educadoras do Brasil. Sempre quis ser professora, desde menina era um grande sonho. Vim de família pobre, pai cobrador comercial e mãe costureira. Estudar sempre foi um prazer e uma forma de resistência. As leituras dos inúmeros livros que meu pai trazia dos sebos da cidade me encantavam e me levavam a diversos lugares. A escola sempre foi um lugar seguro para mim, foi nela que permaneci e passei a maior parte da vida. Minha formação inicial foi o Magistério, em seguida me graduei em Matemática, Física e Pedagogia.

Comecei a lecionar na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (SEE-SP) aos 18 anos. Fui professora de Matemática durante 24 anos na rede estadual de ensino. Trabalhei no Programa Integração, no início dos anos 2000, durante quatro anos. Neste programa, participei de um grupo de professores que fazia formação em diversos estados do Brasil, com diversas estratégias e construía materiais pedagógicos para serem trabalhados nessas diferentes regiões. Tive uma visão completamente diferente a cada formação permanente e a cada compartilhamento de ações pedagógicas. Aí entendi a verdadeira importância do trabalho do

professor e suas infinitas possibilidades. Quando ingressei no programa, já lecionava há mais de cinco anos. Mas, na formação permanente que eu recebia, no Estado, não havia integração entre as ações, nem sentimento de pertencimento ao grupo. Percebi, no dia a dia, a importância da formação teórica associada às ações práticas em sala de aula; a necessidade do professor se reconhecer naquele grupo, naquele trabalho. Após esses quatro anos de atuação e formação contínuas me interessei em trabalhar na coordenação pedagógica. Ao final do programa, atuei na coordenação dos relatórios e registro de todo processo desenvolvido pelo grupo. Foi uma experiência gratificante e inesquecível em todos os aspectos. O programa foi encerrado, voltei a lecionar Matemática e Física na SEE-SP, mas, eu não era mais a mesma professora nem a mesma pessoa. Continuei lecionando por mais 20 anos nessa rede. Concomitantemente, iniciei minha carreira na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) como professora de Matemática. Fui coordenadora pedagógica na SME-SP por 17 anos. Em 2018 comecei o curso de Mestrado Profissional em Educação por trazer comigo um desconforto com relação à formação que recebia e que desenvolvia com as professoras. Não sentia que a formação desenvolvida capacitava ou ampliava os saberes alinhando-se a melhoria na educação das crianças.

Sempre tive total consciência da importância e necessidade da formação permanente para a qualificação das ações pedagógicas nas unidades educacionais. Nesses anos, diversas preocupações com relação a esse tema atravessaram a minha prática diária como professora e como pessoa. O cargo de Coordenadora Pedagógica na Prefeitura de São Paulo é extremamente complexo, envolve inúmeros afazeres e atribuições cotidianas que nos impedem de estudar a fundo a nossa profissão, os diferentes contextos e as repercussões das formações oferecidas em serviço, isso sempre me causou uma grande inquietação.

No segundo semestre de 2018, iniciei um aprofundamento dos meus estudos, ingressando no Programa de Mestrado em

Gestão e Práticas Educacionais (Progepe), na Universidade Nove de Julho (Uninove), compondo a Linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional (LIPIGES).

O Mestrado Profissional, para mim, foi um espaço privilegiado de desenvolvimento profissional em todos os sentidos. Após o curso eu, que era Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SME/SP, acessei o cargo de Diretor de Escola onde estou desde 2021. Ambos os cargos são responsáveis pela gestão de uma unidade escolar de acordo com suas especificidades.

A experiência desenvolvida ao longo do Mestrado em Educação é praticamente indescritível. Os assuntos apresentados, as aulas, palestras, análises e discussões durante todo o período tornaram-me uma profissional e uma pessoa melhor. Além de que fazem parte das ações trabalhadas e desenvolvidas no ambiente escolar. Os estudos, leituras e análise geram, até hoje, debates entre a equipe gestora na busca de novos fazeres e saberes que devem ser partilhados com toda comunidade escolar.

Hoje, desenvolvo o meu papel de forma mais crítica e autônoma. Ciente de que o desenvolvimento profissional é um processo contínuo que inclui desde a minha formação inicial no Magistério, as Licenciaturas em Matemática/Física e Pedagogia, o Mestrado e as formações desenvolvidas em serviço (individuais ou colaborativas) nos diferentes momentos da minha carreira profissional em diversos contextos. Percebo essa evolução na aprendizagem profissional e pessoal após o Mestrado.

Certamente, os ensinamentos desenvolvidos nesta formação tornaram-se meios de aperfeiçoamento do meu fazer coletivo e individual. Seja no pensar a realidade educacional criticamente, pensar a equipe no coletivo e nas suas individualidades, seja em produzir conhecimento profissional, registrar as leituras, reuniões, formações cotidianas e refletir sobre elas. Permitindo-me identificar possíveis entraves que dificultam o bom desenvolvimento dos saberes educacionais; problemas no processo educativo e buscar

soluções que podem e devem influenciar positivamente no processo pedagógico da unidade escolar.

A formação, no geral, me fez entender a importância do desenvolvimento de projetos, da escuta atenta e efetiva e a valorização dos colegiados da escola. Incluindo projetos internos, projetos externos, avaliações internas e externas.

A minha participação no Mestrado Profissional em educação me tornou uma profissional melhor e afetou positivamente as minhas práticas no trabalho. Não teria como ser diferente diante de toda orientação para investigações, pesquisas, registros, análises, entrevistas, leituras, problematizações, trocas de experiências e mudança de práticas com compreensão, reflexão e transformação de conceitos. No começo do curso já comecei a ver a educação de uma forma mais abrangente. Estudamos o surgimento das escolas na sociedade numa linha histórica mundial, seus contextos e importâncias na vida coletiva.

A introdução da pesquisa no campo da prática, análises, leituras, novos conhecimentos, escrita acadêmica, entrevistas despertaram novas reflexões, ampliaram e modificaram a minha prática como gestora educacional.

Para que desenvolvamos uma educação de qualidade é preciso que a gestão escolar tenha como foco a responsabilidade e o acompanhamento diário dos trabalhos realizados. Embora saibamos do indivíduo em suas particularidades, o trabalho de uma unidade escolar tem que ser visto, analisado e aplicado no coletivo. Para pensarmos no coletivo, precisamos pensar a escola com todos os partícipes. Seja gestão, funcionários da unidade, pais, ou mesmo a rede apoio e equipamentos externos que existem em torno do núcleo escolar.

Ter feito o mestrado e ter desenvolvido o tema Formação permanente de professores me fez entender que a gestão educacional é permeada por várias situações que colaboram para um ambiente harmonioso. São muitos os momentos em que a visão do gestor precisa transcender os muros da escola e intervir com ações positivas junto à comunidade escolar e seus

equipamentos. A gestão escolar, assim como o Projeto Político Pedagógico, é um processo de construção e de soma de saberes. Portanto, há necessidade de um pensar e um fazer coletivo em prol daquilo que é o principal objetivo de uma unidade escolar: a formação de estudantes para o mundo e a inclusão de todos, no processo educativo. Levando-se em conta a garantia dos direitos de todos à aprendizagem e desenvolvimento de competências e habilidades que são parte da formação de todo e qualquer indivíduo.

Desenvolvi consciência da importância e necessidade da formação permanente para a qualificação das ações pedagógicas dentro de uma unidade educacional. O cargo de diretor de escola na Prefeitura de São Paulo é extremamente complexo, envolve inúmeros afazeres e atribuições cotidianas que nos impedem de estudar a fundo a nossa profissão. Projetos, atividades, formações, cursos que repercutam e façam a diferença nas nossas ações pedagógicas são extremamente interessantes.

A formação desenvolvida no Mestrado me ajudou a refletir sobre as dificuldades da minha profissão e que nem sempre consigo resolvê-las de imediato, pois não basta os gestores pensarem as ações, existe o tempo/prazo, profissionais envolvidos, acompanhamento e avaliação do processo.

Amadureci pessoal e profissionalmente dialogando com a minha pesquisa e com todo o contexto de formação do mestrado profissional.

O fato de eu ter estudado e analisado documentos oficiais da rede em que trabalho e buscado entender como se desenvolve a linha de raciocínio na formação desde a Secretaria Municipal até o chão da escola me ampliou a visão num sentido mais complexo. Na unidade em que trabalho temos diversos colegiados: Associação de Pais e Mestres – APM, Conselho de Escola – CE, Grêmios, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, Conselho Regional dos Conselhos de Escola – CRECE e Mediação de Conflitos. Para que todas essas instâncias funcionem conforme estabelecido nos documentos oficiais precisamos construir fazeres

e desenvolver vínculos com as famílias e a comunidade escolar. Na direção de uma escola é preciso tomar decisões pedagógicas, administrativas e financeiras. Utilizando de estratégias, coletando dados e identificando como resolver problemas e tornar o ambiente cada vez melhor para todos.

Mulheres caçam jeito de fazer dos caminhos que a vida lhes apresenta os melhores possíveis. Tornam esses caminhos confortáveis, acolhedores, seguros e frutíferos para si mesmas e para aqueles que estão com elas, caminhando. Fortes, determinadas, inspiradoras, honram seus ancestrais, jogam luz sobre suas histórias e preparam histórias para seus descendentes. Ensinam, estudam, formam, são formadas, inspiram e compartilham. Este livro trata disso e de mais um pouco, no pedaço do caminho das autoras enquanto mestradas em educação. Agora, todas são mestras. Aprenderam sobre ciência da educação. Aprenderam a autoconsciência de se verem como estudiosas e autoras de suas próprias vidas e profissões.

Patrícia Ap. Bioto

